

Roma, 13 agosto de 2025
Prot. N. 00516/25



«MENTEM ILLUMINARE ET COR INFLAMMARE»



Na capa e páginas internas:

- Frades e a Imaculada - *Litografia P. Raoux, Bruges 1881.*
- Frades sob o manto de São Francisco - *Quadro 4 do volume I da obra "I Cappuccini". Cifras icônicas em um mundo de santidade e fraternidade, editado por Gianfranco Berbenni e Silvio Ronca, Milão, Studio Teologico Cappuccini [1991].*
- Abraço dos frades - *Tábua 45 do volume II da obra "I Cappuccini". Cifre iconiche in un mondo di santità e di fraternità, editado por Gianfranco Berbenni e Silvio Ronca, Milão, Studio Teologico Cappuccini [1991].*



V Centenário da Reforma Capuchinha 1528-2028

«*Mentem illuminare et cor inflammare*»

Chamados a iluminar a mente e inflamar o coração da nossa identidade carismática

Caríssimos irmãos,

Paz e Bem!

Caminhamos rumo aos 500 anos da reforma capuchinha. Queremos que esse aniversário seja uma ocasião propícia de renovação espiritual e crescimento pessoal e comunitário, segundo os valores e o carisma da nossa Ordem e não apenas uma grande celebração vivida em um dia específico. Para isso, propomos um caminho de preparação com o intuito de envolver todos os frades espalhados pelo mundo, para que, juntos, como fraternidade universal, possamos fazer deste tempo um tempo de graça, um grande impulso para um novo recomeço. Recomeçar não significa abandonar o passado ou romper com a história, mas continuar o caminho com renovado ardor e o desejo de seguir testemunhando ao mundo a beleza do nosso carisma.

Durante a última reunião do Conselho Geral, realizada em Roma, de 16 a 27 de junho passado, entre os temas tratados, aprovamos a programação do Encontro dos Irmãos Leigos, a ser realizado de 3 a 10 de novembro próximo, em Roma. Foi nomeada também a comissão preparatória para o IX CPO, que acontecerá em Roma de 10 a 31 de outubro de 2026. Aprovamos também o **Projeto dos 500 anos da Reforma Capuchinha**, que inclui uma série de eventos e programações em nível de Ordem. Apresento-o a vós como um guia de preparação para o grande aniversário da nossa Ordem. O referido projeto busca integrar os diversos encontros e atividades a partir de uma temática central: *a nossa identidade carismática*. De fato, o tema central do projeto é: *mentem illuminare et cor inflammare*.

É verdade que, nesses últimos anos, temos celebrado os centenários franciscanos, e ainda nos espera o de 2026. Há muitas atividades em andamento, tanto no âmbito internacional da Família Franciscana, quanto nas Conferências e circunscrições da nossa Ordem. O **Projeto para os 500 anos da Reforma Capuchinha** quer ser um instrumento de animação da nossa Ordem, envolvendo todos os nossos irmãos, mas envolvendo também, conforme as possibilidades, as irmãs Clarissas Capuchinhas, os diversos institutos afiliados à nossa Ordem, a OFS e a JUFRA.

Tendo em vista o tempo disponível, pensamos um projeto simples, que seja capaz de integrar os grandes encontros já previstos em nível de Ordem ou de Continente até 2028. Com isso, não pretendemos apresentar um programa fechado, pronto e acabado. No projeto, apresentamos um PERCURSO e PROCESSOS, conjugados em um PROGRAMA que não apenas permite, mas exige a participação de toda a Ordem por meio das várias Conferências e circunscrições.

Por ser um projeto em fase de elaboração, isso permite que os presidentes das Conferências, considerando o que apresentamos, e após escutarem suas respectivas circunscrições, ofereçam sugestões e propostas a serem apresentadas no encontro com os presidentes, entre os dias 25 e 26 do corrente ano, em Roma. É muito importante que as Conferências organizem um projeto no âmbito





interno da própria Conferência, para bem viver e celebrar este tempo de graça. Sabemos que algumas Conferências já estão trabalhando nesse sentido. São diversas as possibilidades, de acordo com a realidade de cada Conferência.


Em relação ao **Projeto 500 anos da Reforma Capuchinha**, pediremos, no tempo oportuno, a participação direta das Conferências por meio de artigos e vídeos temáticos, segundo as indicações que enviaremos. Será uma forma de mostrar a toda a Ordem o que as Conferências estão realizando como preparação para o aniversário da nossa Ordem. Para ajudar nesse processo de preparação, dispomos de um excelente material elaborado pelo governo central da nossa Ordem, como subsídio às Conferências. Confiamos a vós um material que percorre as origens da nossa Reforma.

Este texto, por meio de uma abordagem histórico-carismática, busca recolher algumas realidades fundamentais que deram origem ao nosso carisma no mundo. Temas como a vida de penitência, o silêncio, a oração mental, a contemplação, entre outros, não são apenas temáticas do passado, mas necessidades do presente. O texto, sempre considerando as primeiras fontes escritas da Reforma Capuchinha, oferece também um estudo sobre o modo de ser capuchinho, abordando temas como a austeridade, minoridade, fraternidade e trabalho manual. Não menos importante é a apresentação atrativa do modo como os primeiros irmãos realizavam as atividades ministeriais a serviço da Igreja. O ministério da misericórdia- sinal distintivo da nossa Ordem ainda hoje-, a pregação evangélica acompanhada do necessário testemunho de vida, e a comunhão evangélica dentro da Ordem, que permitia que todos se sentissem verdadeiramente irmãos de uma única família universal, na qual todos colaboravam com o todo.

Caríssimos irmãos, o subsídio que vos apresentamos quer ser um instrumento de formação para todos os irmãos da Ordem. Trata-se de um material que marca o início de um programa de animação da vida da Ordem rumo ao seu centenário, em 2028. Peço gentilmente aos presidentes das Conferências e aos superiores maiores que valorizem esse material, permitindo que todos os irmãos tenham acesso a ele, e que tenham a oportunidade de estudá-lo. Olhando para o passado, possamos sentir-nos entusiasmados a continuar caminhando rumo ao futuro com alegria e esperança. Que o estudo desse material seja uma oportunidade para revisarmos nossa forma atual de viver o carisma em cada circunscrição e estimule a busca por atualizar, em cada contexto cultural, as características fundamentais da nossa forma de vida.

Que o Senhor conceda a todos nós a graça de inserir-nos com vigor e originalidade neste rico percurso de animação e de vida, e abençoe a nossa decidida e entusiástica vontade de seguir sempre mais de perto as suas pegadas.

Fraternalmente


Fr. Roberto Genuin
Ministro Geral OFMCap

Roma, 13 de agosto de 2025
Memória do Beato Marco d'Aviano



1



PROJETO GERAL



1. Introdução

Estamos nos aproximando da celebração do aniversário de fundação da nossa Ordem — uma ocasião propícia para envolver todos os frades espalhados pelo mundo a viver este tempo como uma oportunidade privilegiada de renovação. Desejamos apresentar algumas indicações que possam nos ajudar a viver e celebrar este momento importante da nossa história.

As Constituições de Santa Eufêmia (1536) contêm o projeto de vida que os primeiros Capuchinhos formularam em sua busca de fidelidade ao Evangelho e à espiritualidade franciscana. No 3º capítulo, ao insistir sobre o primado da oração e da contemplação em nossa forma de vida, afirma-se que cada irmão deve ter um cuidado diligente em **iluminar a mente e inflamar o coração** (n. 42), de modo que esteja pronto para a ação d'Aquele que faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). As atuais Constituições da Ordem acolhem o espírito do primeiro texto legislativo e preservam a mesma formulação (Const. 54,2).

A celebração do V Centenário da Reforma Capuchinha é uma ocasião para renovar, em cada frade da Ordem, o desejo de fidelidade à nossa identidade carismática; para **iluminar a mente**, ou seja, recordar quem somos e quais são as características fundamentais do nosso estilo de vida; e para **inflamar o coração**, isto é, viver com intensidade e alegria aquilo que somos.

Desejamos oferecer algumas diretrizes, procurando relacionar certos encontros e eventos em nível internacional e, ao mesmo tempo, dando espaço às iniciativas promovidas pelas Conferências e Circunscrições.

2. O logotipo “Aniversário da Reforma Capuchinha”



O logotipo criado para o 500º aniversário da fundação da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (1528–2028) é um projeto gráfico que reúne elementos capazes de conjugar memória histórica e impulso em direção ao futuro, com uma linguagem visual moderna. Ele traça o caminho de uma Ordem que, quinhentos anos após seu nascimento, ainda tem algo a dizer ao mundo de hoje. O elemento gráfico principal do logotipo é um desenho de dois frades a caminho, que sintetiza a ideia de uma fraternidade que

continua a caminhar, mesmo após cinco séculos de história.

A imagem original, retirada do *Atlante Capuchinho* de Silvestro de Panicale, datado de 1632ⁱ, foi simplificada e adaptada com linhas essenciais e marcantes, em tons de marrom. Um desejo antigo, assim, é tornado moderno aos olhos, possibilitando uma nova forma de comunicar: um percurso visível entre o antigo e o novo, dentro da arte e da tradição capuchinha.

ⁱ Istituto Storico dei Cappuccini, *Atlante Cappuccino*. Opera inedita di Silvestro da Panicale, 1990, 41.





O perfil dos dois capuchinhos em caminho, foi colocado sobre uma linha esboçada, que remete à ideia de uma estrada e, como elemento gráfico, divide o pictograma do logotipo.

Como já dito, a imagem dos dois capuchinhos aqui proposta manifesta seja a ideia da fraternidade como diversidade, apresentando diversos elementos em cada um dos frades como o bastão, o capuz e a bolsa de esmolar. As duas silhuetas parecem interagir, além de mover-se em harmonia, colaborando em uma ação sinérgica e olhando para o futuro.

Como já mencionado, a imagem dos dois frades representa tanto a fraternidade quanto a diversidade, ao apresentar características distintas em cada um deles — como o bastão, o capuz e a bolsa do esmolar. As duas silhuetas parecem interagir e se mover em harmonia, colaborando numa ação sinérgica e olhando para o futuro.

No geral, o logotipo, com traço minimalista, não grita “**estamos aqui há 500 anos!**”, mas sussurra com convicção: “**ainda estamos caminhando**”.

Agradecemos ao Fr. Angelo Minacapilli, da Província da Sicília, por sua contribuição na criação do logotipo para o aniversário da Reforma.

3. Celebrações

2025

Lançamento: 13 de agosto de 2025

Publicação da carta do Ministro Geral “*Mentem illuminare et cor inflammare*” juntamente com a identidade gráficaⁱⁱ que será utilizada para apoiar os vários eventos no caminho para a celebração da Reforma.

Jornada Mundial das Missões

Esta jornada está prevista para todo o mês de outubro.

Encontro Internacional dos Irmãos Leigos

Inflamar o coração da nossa vocação fraterna.

A bula *Religionis Zelus* de Clemente VII (1528) era dirigida aos irmãos Ludovico e Raffaele da Fossombrone, o primeiro clérigo e o segundo leigo. Este detalhe histórico torna-se um símbolo da

ⁱⁱ Se refere ao gráfico apresentado nesse texto: “Anniversario della riforma cappuccina”.





nossa vocação fraterna e um testemunho do equilíbrio entre duas formas complementares de assumir a nossa identidade carismática.

O Encontro Internacional dos irmãos leigos quer reavivar nossa vocação de irmãos e de menores. Será uma ocasião para refletir sobre o que ameaça, em nós, a chama de ser irmãos e para renovar nosso compromisso com a fraternidade.

Outra celebração que faz parte do projeto para o ano de 2025 é a publicação do primeiro volume do Lexicon Cappuccino.

2026

Páscoa de São Francisco e Conselho Plenário da Ordem: Colaboração e Missão

Inflamar o coração da nossa vocação missionária

Celebração da Páscoa de São Francisco

A preparação do CPO é uma ocasião para reafirmar a íntima ligação entre nossa identidade carismática e nossa presença evangélica no mundo. Sem uma identidade carismática compreendida e assimilada por cada um dos irmãos, as iniciativas evangelizadoras, pastorais e/ou missionárias não apenas estariam privadas de espírito, como também correriam o risco de se tornarem ativismo, individualismo, busca de prestígio ou vantagens econômicas, distorcendo o nosso estilo de vida.

Indicações para as Conferências: Comemorando os 800 anos da morte de São Francisco, desejamos, como os primeiros Capuchinhos, retornar a Francisco. Toda iniciativa que contribua para colocar o Pobrezinho de Assis no centro de nossa vida será bem-vinda. Propomos, em especial, a leitura e o estudo aprofundado de três textos fundamentais que condensam o carisma franciscano: as duas Regras — cujo oitavo centenário acabamos de celebrar, inspirando numerosos estudos recentes — e o Testamento, que completa 800 anos em 2026.

Não esqueçamos que nós, Capuchinhos, fomos chamados de "os frades do Testamento", tamanha a importância que nossos primeiros confrades atribuíram a esse texto. Seria altamente desejável que todos os retiros, exercícios espirituais, cursos de formação permanente, congressos, encontros de formandos e momentos de leitura espiritual tenham como centro a figura de São Francisco de Assis. Um retorno sincero a ele, nos 800 anos de sua Páscoa, será a melhor forma de celebrar este importante aniversário.

- vídeo das Conferências com temáticas indicadas.

Outra celebração que compõe o projeto da Reforma Capuchinha para o ano de 2026 é o encontro dos Bispos Capuchinhos.

2027

Pan-Africano e Pan-Americano

Inflamar o coração da nossa cultura capuchinha





Os encontros das Conferências de cada continente têm como objetivo refletir sobre a forma como estamos vivendo nossa identidade carismática em cada realidade cultural, além de propor caminhos que nos ajudem a reavivar a chama do carisma. Esses encontros também serão oportunidades para revisar e repensar as estruturas que sustentam nosso estilo de vida, reorganizar os processos de formação comum e coordenar a colaboração entre Circunscrições.

Serão igualmente momentos propícios para refletir sobre nossa cultura capuchinha comum (RF, Anexo I, 15–16), entendida como uma maneira concreta de plasmar nossa identidade carismática em cada contexto cultural — sem permitir que esses contextos absorvam, desfigurem ou banalizem nosso estilo de vida, e buscando sempre impregná-los com o testemunho da nossa vocação como Frades Menores Capuchinhos (Const. 147,2).

Indicações para as Conferências: será o ano para nos reapropriarmos da Reforma Capuchinha. Todas as iniciativas que nos ajudem a conhecer melhor a nossa Reforma serão bem-vindas. Propomos, em especial, o estudo das Primeiras Constituições Capuchinhas, conhecidas como Constituições de Santa Eufêmia, e a leitura de textos sobre a história da Reforma. Seria maravilhoso que, neste ano, todos os frades pudessem ler pessoalmente as Primeiras Constituições, que preservaram a identidade capuchinha por mais de quatro séculos. Cada Circunscrição deverá providenciar uma tradução acessível e fiel deste texto para todos os irmãos. Além disso, será fundamental que retiros, exercícios espirituais e momentos de formação permanente sejam dedicados a temas ligados à nossa Reforma.

- Vídeo das Conferências com temáticas indicadas.

Outras celebrações previstas no projeto da Reforma Capuchinha para o ano de 2027 incluem: o encontro das Conferências dos Capuchinhos europeus, a publicação da 1ª parte do 2º volume do Lexicon Capuchinho e outros documentos sobre a história e sobre as Constituições.

2028

Celebração do V Centenário da Reforma Capuchinha

Inflamar o coração da nossa identidade carismática

A nível internacional, estão previstas duas atividades em Roma:

1. Um Congresso Internacional sobre a História da Ordem (Instituto Histórico)
2. Uma celebração com a presença do Santo Padre (Colégio Internacional)

Indicações para as Conferências: o ano em que celebraremos os 500 anos da aprovação canônica da nossa Ordem será o momento para “compreender” que a Reforma está viva e precisa continuar. Este será um tempo dedicado à leitura, estudo e aprofundamento das Constituições atuais, dos CPOs e da Ratio Formationis, instrumentos concretos para manter viva, ainda hoje, nossa inspiração originária.

Todos os eventos da Ordem realizados nesses anos — como o encontro dos irmãos leigos, o CPO sobre a missão, os encontros continentais, os encontros de formandos e formadores, e as jornadas da Família Capuchinha — deverão contribuir para viver plenamente este Jubileu.





Celebrações do Ano da Reforma: Para a celebração dos 500 anos da Reforma, propõem-se:

- A viabilização de projetos e iniciativas articuladas pelas Conferências.
- A possível publicação de uma carta ou mensagem do Ministro Geral sobre a Reforma
- A redação de artigos sintéticos sobre os valores essenciais do nosso carismaⁱⁱⁱ.
- Uma iniciativa especial para a celebração do **3 de julho**, data da publicação da bula *Religionis Zelus*^{iv}
- Um **Congresso Internacional sobre a História da Ordem**.
- Publicações recorrentes nas mídias sociais ao longo do ano, celebrando a Reforma Capuchinha.
- Uma **audiência com o Santo Padre** e um trabalho de reflexão sobre a sua mensagem.

Outra celebração que compõe o projeto da Reforma Capuchinha para o ano de 2028 será a **publicação da 2ª parte do 2º volume do *Lexicon Capuchinho***.

- Vídeo das Conferências com temáticas indicadas.

ⁱⁱⁱ Se refere à linha do proprium capuchinho, cf. Const. 4,2-5,4.

^{iv} Que há nove anos é celebrado como o Dia da Família Capuchinha - <https://www.ofmcap.org/pt-pt/ix-jornada-da-familia-capuchinha-2/>





4. Programa



2



A NOSSA IDENTIDADE CARISMÁTICA

Sugestões para o uso do material





1. Verificação do nosso modo atual de viver o carisma. O *material* oferece informações históricas e carismáticas que nos permitem estabelecer um paralelo entre a maneira como vivemos nosso carisma em cada fraternidade e Círculo e o projeto de vida que define nossa identidade capuchinha. Em outras palavras, o *material* pode ser útil para promover uma avaliação que permita aos irmãos, reunidos em um Capítulo ou em uma assembleia local, responder às seguintes perguntas: *Estamos vivendo de acordo com o projeto de vida capuchinho? Qual característica da nossa identidade carismática esquecemos ou negligenciamos? Quais elementos externos à nossa identidade carismática adotamos como nossos?*

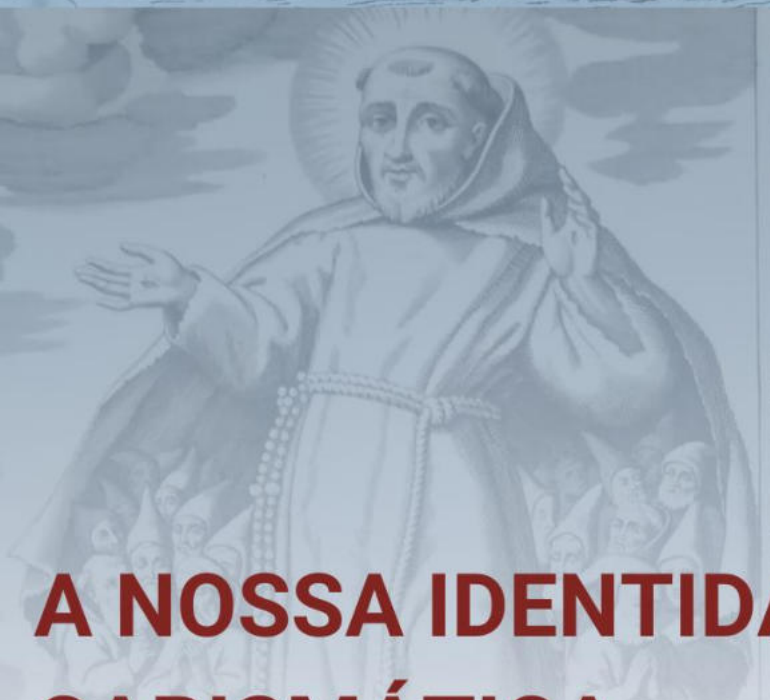
2. Atualização das características fundamentais da nossa identidade carismática. O *material* sugere elementos para encarnar a nossa “forma de vida”, ou seja, atualizar os traços identitários da nossa tradição capuchinha. Depois de compreender o significado de cada característica da nossa identidade carismática, podemos tentar responder às perguntas: *como traduzimos os traços identificativos da nossa forma de vida no nosso contexto cultural? Como tornar visíveis e credíveis as características da nossa identidade carismática? Como reanimar, ou seja, fazer reviver, aquelas características que esquecemos ou negligenciamos?*

3. Reforçar os processos de formação inicial e permanente. Reestruturar e atualizar os planos formativos de cada Circunscrição com base nas características fundamentais da nossa “forma de vida”. Ou seja, dar prioridade à encarnação dos traços identificativos da nossa “forma de vida” nos processos formativos, pois o objetivo de cada processo formativo é aprender a viver de acordo com a nossa identidade carismática. O *material* também pode ajudar a estruturar a *Ratio Formationis Localis*, uma vez que a prioridade do nosso projeto de vida deve ser enfatizada em todos os aspectos da formação. A reflexão pode se basear nas seguintes perguntas: *nossos planos de formação inicial e permanente estão estruturados de acordo com as características fundamentais da nossa identidade carismática? Nossos projetos formativos garantem a fidelidade à nossa tradição capuchinha? Nossos programas formativos promovem a atualização dos traços identitários do nosso estilo de vida no contexto cultural em que vivemos?*

O que vimos acima são apenas algumas sugestões - dentre tantas outras que a fantasia e a originalidade de cada um podem encontrar -, sugestões voltadas para promover uma leitura *reflexiva, participativa e propositiva* em relação a três questões importantes da nossa “forma de vida”: revisão-avaliação, atualização-revitalização e formação inicial e permanente.



3



A NOSSA IDENTIDADE CARISMÁTICA

À procura do proprium Capuchinho nas
Constituições de Santa Eufémia





Sumário

Introdução	16
Conformação à Cristo	23
Conformação com Francisco	24
A Penitência	26
Vida eremítica	29
Silêncio e solidão	30
A oração mental	31
A contemplação	34
Chamados Capuchinhos	38
Sem próprio	41
A austeridade	44
A minoridade	47
A fraternidade	48
Mendicantes	53
O ministério da misericórdia	55
A pregação evangélica	59
A pluriformidade	63
O <i>proprium</i> Capuchinho como fundamento da <i>cultura</i> capuchinha	65
Abreviações	73
Bibliografia	74





[...] se esforcem para ser inflamados do amor divino como os Serafins,
para que, bem rescaldados, possam aquecer os outros
(Constituições de Santa Eufêmia, 120)

Introdução

1. A carta programática que o Ministro Geral enviou a todos os frades da Ordem exorta a contemplar a beleza da nossa identidade carismática e, ao mesmo tempo, nos convida a fixar o olhar sobre características fundamentais da nossa forma de vida: *oração, fraternidade e missão*. Esta carta, como aquela escrita por São Paulo ou de São Francisco de Assis, reflete entre linhas um contexto específico e algumas problemáticas particulares, apresentando contemporaneamente uma série de propostas para responder às exigências do momento presente, neste caso, aquelas da nossa fraternidade universal.

2. A negligência da vida no Espírito por parte de algumas fraternidades locais, a desilusão que muitos frades sentem em relação ao nosso estilo de vida, o abandono da Ordem por parte de muitos professos perpétuos e temporários, as dificuldades relacionadas à vida afetiva e sexual dos frades, os problemas vinculados ao uso transparente dos recursos econômicos, os conflitos e as dolorosas rupturas interpessoais entre os frades, e a progressiva assimilação de valores, costumes ou práticas culturais que se distanciam do nosso estilo de vida são algumas das realidades que prejudicam nossa identidade carismática nos diferentes contextos geográficos e culturais em que estamos presentes. A carta do Ministro Geral pode ser considerada um reflexo global dessa dolorosa realidade que enfraquece nosso ser e viver no mundo.

3. A insistência na primazia da oração, o cultivo de uma autêntica vida fraterna e a promoção da atividade missionária que expressa o nosso estilo de vida, como indicado na carta do Ministro Geral, fazem referência aos traços fundamentais da nossa identidade carismática, àquelas características que definem o nosso modo único de viver o Evangelho e a espiritualidade franciscana na Igreja e no mundo. Aproximar-se do quinto centenário da Reforma Capuchinha constitui um momento de graça para voltar¹ às fontes da nossa identidade carismática e, juntos, reascender a chama do nosso carisma, permitindo-nos de viver com alegria e fidelidade o dom de ser Frades Menores Capuchinhos.

¹ [...] Vale a pena notar que em todo o texto das Constituições se evita o uso do substantivo "Reforma", em continuidade com a escolha feita pelo Capítulo Geral de 1982 e com a sensibilidade desenvolvida mesmo antes daquele Capítulo, que levou a Ordem Capuchinha a se distanciar da terminologia reformista dos séculos XIV e XV, preferindo afirmar a necessidade de um "retorno" a São Francisco e ao seu espírito genuíno, assim como os primeiros Capuchinhos o compreenderam e o realizaram através dos documentos que tinham à disposição. Para nós, trata-se de "retornar à inspiração original", ou seja, à vida e à Regra do nosso Pai São Francisco. Em outras palavras, a fidelidade à nossa vocação nos pede para buscar São Francisco com o amor dos primeiros Capuchinhos, mas encontrá-lo com nossos olhos de hoje. POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove Costituzioni dei Frati Minori Cappuccini. Analisi e Commento* (Edizioni Biblioteca Francescana, Milano, 2016), 34.





4. Duas podem ser as causas que contribuíram para distorcer e enfraquecer nossa identidade carismática: o esquecimento e a ignorância. O esquecimento pressupõe que em algum momento aprendemos os fundamentos de nosso estilo de vida, talvez durante os anos da formação inicial. No entanto, com o tempo, a influência de outros estilos de vida, a falta de estudo, reflexão e atualização de nosso carisma, as preocupações pastorais e muitas outras razões nos afastaram de nossas origens carismáticas e nos colocaram em um estilo de vida consideravelmente distante de nossa identidade carismática. A ignorância, por outro lado, implica que não tivemos a oportunidade de compreender profundamente as características que definem nosso estilo de vida, seja devido a processos formativos não estruturados e superficiais, seja pela influência de outras espiritualidades, seja pela formação no seminário, ou seja, por uma ênfase excessiva na dimensão clerical, entre outros fatores.

5. Retornar às origens, como fizeram os primeiros Capuchinhos, constitui um verdadeiro antídoto contra o esquecimento e a ignorância. Não só *retornamos à fonte* do nosso estilo de vida para lembrar o que somos chamados a ser na Igreja e no mundo, mas também voltamos para aprender com aqueles primeiros irmãos que, em seu momento histórico, guiados pelo Espírito do Senhor, souberam retornar às fontes da espiritualidade franciscana e atualizá-la em seu contexto histórico e cultural, moldando e iniciando assim a nossa bela identidade carismática. A celebração do quinto centenário da nossa Reforma é uma oportunidade para voltar às nossas fontes, aprender com os primeiros Capuchinhos e reavivar o *proprium* da nossa identidade carismática.

6. Uma das fontes principais da nossa identidade carismática, se não a mais importante, é o texto das nossas primeiras Constituições de 1536. Reunidos na cidade de Roma para celebrar o Capítulo Geral de 1535, no convento de Santa Eufémia, os frades capitulares discutiram e aprovaram o primeiro texto Constitucional da tradição capuchinha, que foi publicado no ano sucessivo. Este documento fundador contém e amplia as ordenações de Albacina preparadas por frei Ludovico de Fossombrone em 1529², no eremitério de Albacina, um ano depois da Bula papal *Religionis Zelus* endereçada aos frades de Fossombrone em 3 de julho de 1528, que lhes autorizava viver uma vida religiosa pacífica e afastada, em harmonia com as disposições para a nova Ordem dos *Frades Menores da vida eremítica*.

7. Existem algumas diferenças significativas entre os Estatutos de Albacina, considerados por alguns estudiosos a primeira tentativa legislativa³, visto também como *Ordenações*⁴, e as *Constituições de 1536*, reconhecidas como texto propriamente legislativo⁵. Enquanto as ordenações de Albacina foram

² [...] A grande maioria dos artigos de Albacina está reunida ou mencionada mais ou menos explicitamente nas Constituições de 1536. RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad capuchina a partir de los documentos y testimonios del primer siglo (1525-1650)*. Estudios Franciscanos 94, nn. 406-407 (1993), 213. [...]. Embora as Constituições de 1536 não digam nada sobre o assunto, é evidente que o esquema legislativo de Albacina foi amplamente consultado pelos seus redatores. ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones Capuchinas de 1536. Textos, fuentes, lugares paralelos*. Estudios Franciscanos 83, n. 373 (1982): 162.

³ ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 147.

⁴ RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 218.

⁵ [...] As Constituições de Albacina, no entanto, tiveram vida curta. Novas Constituições foram promulgadas em 1536. Estas constituiriam a legislação definitiva da Ordem Capuchinha e o cerne das revisões subsequentes. *Constituciones de Albacina*. Selecciones de Franciscanismo 20, v. 7 (1978): 249.



redigidas por uma só pessoa, frei Ludovico de Fossombrone⁶, as Constituições de 1536 foram o resultado de um trabalho colegial guiado por frei Bernardino d’Asti, acompanhado dos frades Giovanni de Fano, frei Eusebio de Ancona e frei Bernardino Ochino⁷. As Ordenações de Albacina põem uma ênfase quase exclusiva sobre a vida eremítica e contemplativa⁸, enquanto as Constituições de 1536 estabelecem um equilíbrio entre a vida contemplativa, a pregação evangélica e o ministério da misericórdia. As Ordenações de Albacina refletem as intenções e os objetivos de um pequeno grupo de frades, entre quinze e trinta, o que explica por que se trata de um documento breve composto por 67 números; as Constituições de 1536, por sua vez, buscam responder a outros tipos de necessidades devido ao aumento do número de irmãos, que na data de promulgação do texto legislativo atingiu a marca de quinhentos⁹, o que explica por que se trata de um documento mais extenso, composto por 152 números, e mais complexo.

8. As Constituições de 1536 contêm as inspirações fundamentais das Ordenações de Albacina, ampliando-as e aprofundando-as, tornando-se não apenas o primeiro documento legislativo da Ordem em sentido estrito, mas também *a fonte da qual emana a tradição capuchinha*, uma fonte que, com a força de seu dinamismo e o passar do tempo, moldou definitivamente nossa identidade carismática. Todas as revisões subseqüentes de nossos textos legislativos preservam e respeitam a originalidade e a vitalidade dessa fonte, adaptando as necessárias revisões constitucionais aos desafios culturais de cada época, às exigências da Igreja e ao contínuo renovamento da Ordem. Isso é confirmado pelos diferentes autores consultados.

[...] Nenhuma das várias redações da lei capuchinha que acabamos de mencionar pode ser comparada em importância jurídica e espiritual àquela promulgada em 1536.

[...] Nenhum livro escrito por um religioso da Ordem, nenhum tratado sobre a vida espiritual capuchinha ao longo dos séculos, pode se comparar às Constituições de 1536, se a intenção é apresentar os ideais autênticos da fraternidade, ou captar as intenções dos iniciadores da reforma, ou expressar os valores que se encontram na imitação de Cristo e de Francisco¹⁰.

[...] As Constituições de 1536 são a expressão mais genuína da espiritualidade e dos ideais capuchinhos sobre a regra: não como um simples índice teórico de vida, mas também como o reconhecimento de uma existência franciscana, felizmente encarnada em fórmulas ascéticas e jurídicas de uma beleza e de uma profundidade dificilmente comparáveis¹¹.

⁶ RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 224.

⁷ IRIARTE, LÁZARO, *Fisonomía espiritual de los capuchinos. Rasgos fundamentales de su espiritualidad*. Estudios de Franciscanismo 79, nn. 362-363 (1978): 274. RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 203.

⁸ RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 206.

⁹ ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 143.

¹⁰ ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 146-148.

¹¹ ELIZONDO, FIDEL, *Los primeros capuchinos y la observancia de la regla franciscana*. Estudios de Franciscanismo 80, n. 363 (1979): 15.



[...] *O texto das Constituições de Santa Eufêmia expõe com inigualável profundidade teológico-espiritual e precisão jurídica o novo carisma, fundamentando para sempre a [nossa] identidade.*¹².

9. Esta fonte, que começou a jorrar em 1525 por iniciativa pessoal de frei Matteo de Bascio¹³, fortaleceu-se com a *Bula Religionis Zelus* concedida aos frades Ludovico e Raffaele de Fossombrone e consolidou-se com o documento das Constituições de 1536 redigido por frei Bernardino de Asti e seus colaboradores. Através desses homens específicos, suas biografias individuais e suas pesquisas judicativas, começou a jorrar uma fonte de vida que tem suas raízes históricas em duas pessoas igualmente específicas, a saber, Jesus de Nazaré e Francisco de Assis. A vida de Jesus e de Francisco, o que fizeram, o que ensinaram, seu modo peculiar de se relacionar com o Onipotente e de tratar o próximo, tornaram-se para esses primeiros Capuchinhos a fonte de inspiração que os levou a elaborar um programa de vida que fosse realizável e que garantisse a santidade da vida humana, um programa de vida que encontrou sua encarnação no texto das Constituições de 1536. É o que Rodríguez e Iriarte afirmam categoricamente quando escrevem:

[...] *As Constituições de 1536, dispostas em 12 capítulos correspondentes àqueles da Regra, são mais do que um código de normas jurídicas e disciplinares: são uma exposição sistemática do ideal de São Francisco. Portanto, são um autêntico manual de formação permanente de espiritualidade franciscana. É no espírito dessas Constituições que devemos buscar o desenho da identidade capuchinha. Digo isso porque aqui se realiza o equilíbrio entre a vida contemplativa e a vida ativa, ou seja, entre solidão e pregação*¹⁴.

[...] *A fonte fundamental para compreender a espiritualidade dos Capuchinhos no primeiro século de sua história são as Constituições, que constituem não apenas o código legislativo fundamental, mas, acima de tudo, o autêntico projeto de vida, com a formulação precisa do ideal intensamente vivenciado*¹⁵.

10. As considerações anteriores sobre as Constituições de 1536 seriam suficientes para justificar a importância deste documento na busca pelo *proprium* Capuchinho, ou seja, dos traços distintivos da nossa identidade carismática. Embora seja a fonte principal da qual buscaremos responder à pergunta sobre nossa identidade, não podemos perder de vista o fato de que essa fonte originou uma corrente vigorosa que cresceu continuamente por cinco séculos e se incorporou nas atuais Constituições de 2013. O núcleo fundamental das Constituições de 1536 permanece no atual texto legislativo, mesmo em algumas formas materiais¹⁶, ou seja, em ideias e expressões específicas do documento original, o

¹² DE FILIPPIS, CARMINE ANTONIO, *A oração mental capuchinha* (Edizione Cappuccine, Roma, 2023), 34.

¹³ [...] O movimento iniciado em 1525 por Frei Matteo da Bascio não era de forma alguma isolado. Havia uma forte efervescência em toda a Ordem Franciscana, que exigia urgentemente canais legítimos de renovação por meio de um retorno sincero a São Francisco. IRIARTE, LÁZARO, *Fisonomia...*, 269.

¹⁴ RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 214.

¹⁵ IRIARTE, LÁZARO, *Fisonomia...*, 268.

¹⁶ Cf. ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 147.





que garante a continuidade e a validade da nossa identidade carismática. Isso é confirmado pelo seguinte exemplo:

[...] Lembrem-se, irmãos, que a oração nada mais é do que falar com Deus de coração. Portanto, quem fala com Ele apenas com a boca não ora. Cada um deve esforçar-se em dedicar-se à oração mental e, de acordo com a doutrina de Cristo, o mestre supremo, adorar o Pai eterno em espírito e verdade, cuidando diligentemente de iluminar a mente e inflamar o coração mais do que de formular palavras.

[...] Orar, de fato, não é nada mais do que falar com Deus do coração, e, na realidade, quem se dirige a Deus apenas com a boca não ora. Portanto, cada um deve esforçar-se para se dedicar à oração mental ou à contemplação e adorar o eterno Pai em espírito e verdade, de acordo com a doutrina de Cristo, ótimo mestre, esforçando-se para iluminar a mente e inflamar o coração, mais do que proferir palavras.

11. Os estudiosos afirmaram que as Constituições de 1536 não sofreram modificações significativas até a revisão pós-conciliar de 1968¹⁷. O Concílio Vaticano II, o Magistério de São Paulo VI, São João Paulo II e Bento XVI, o renovamento do Direito Canônico, a promulgação do Catecismo da Igreja Católica e a celebração dos Concílios Plenários da Ordem desde 1971 tornaram possível e exigiram não só a revisão de nossas Constituições, mas também seu enriquecimento e atualização¹⁸. Isso explica por que o atual documento legislativo da Ordem, promulgado em 2013, é uma verdadeira expressão de fidelidade à tradição capuchinha e, ao mesmo tempo, uma apresentação coerente da nossa identidade carismática. Na busca pelo *proprium* Capuchinho, levaremos em consideração esse longo e fértil caminho da nossa tradição capuchinha, que encontrou nas Constituições de 1536 a expressão essencial do nosso estilo de vida, válido ainda hoje. A importância deste documento legislativo para tal finalidade pode ser dificilmente contestada, embora tenha sido desconhecido e ignorado por mais de 300 anos¹⁹.

12. A vitalidade e a continuidade do espírito das Constituições de 1536 e a fidelidade da Ordem a este projeto de vida encontram confirmação na revisão Constitucional de 1974. No texto revisto, composto por 183 parágrafos, reconhecem-se 250 referências explícitas às Constituições de 1536, indicando que, pelo menos na substância, os aspectos mais importantes do primeiro documento

¹⁷ [...] De fato, de 1536 a 1968, as Constituições promulgadas pela Ordem (1552, 1575, 1608, 1643, 1909, 1925) basearam-se espiritualmente, franciscanicamente e até materialmente nas de 1536. E a tal ponto que acrescentaram apenas algumas prescrições concretas (mais algumas em 1909 e 1925), decorrentes da evolução da própria sociedade ou de orientações papais na matéria. ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 147. [...] As Constituições Capuchinhas permaneceram substancialmente inalteradas de 1536 a 1968, quando, seguindo o impulso renovador do Concílio Vaticano II, passaram por uma radical atualização e renovação durante o Capítulo Geral Extraordinário daquele ano. FREGONA, ANTONIO, *I frati Cappuccini nel primo secolo di vita (1536-1619). Approccio critico alle fonti storiche, giuridiche e letterarie più importanti* (Edizioni Messaggero Padova, 2006), 185.

¹⁸ [...] 44 documentos do Magistério de Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI; diretivas, instruções e diversas intervenções da CIVCSVA (Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica) e de outros Dicastérios da Santa Sé, além de numerosos documentos da reforma litúrgica post-68. POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove...*, 22.

¹⁹ Do final do século XVI até 1927, o texto das Constituições de 1536 permaneceu desconhecido. Acredita-se até que elas nunca foram impressas. ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 147.



legislativo permanecem válidos²⁰. É inegável que o programa de vida proposto pelos primeiros legisladores foi preservado e respeitado ao longo do tempo, oferecendo a toda a Ordem um critério sólido e seguro para reconhecer as características fundamentais que moldam nossa identidade carismática²¹.

13. Para favorecer uma ligação permanente entre as Constituições de 1536 e o texto legislativo atual, serão considerados dois importantes trabalhos de pesquisa. O primeiro é uma edição crítica do texto Constitucional de 1536, redigido pelos primeiros legisladores em um italiano arcaico típico do século XVI²². Os autores apresentam uma tradução do antigo documento em italiano moderno. Além da tradução, apresentam uma organização do material, respeitando os capítulos originais e subdividindo-os em versos, circunstância ausente no documento original. As Constituições de 1536 serão citadas por esta edição crítica²³. O segundo trabalho é uma análise detalhada do processo de atualização das Constituições atuais de 1968 até a promulgação do documento legislativo em 2013²⁴. O autor comenta sobre as novas adições, a ampliação e a modificação dos diferentes capítulos, a reestruturação do material tradicional e a divisão do documento resultante em *Constituições e Ordenações*. As Constituições de 1536 são citadas neste comentário, explícita e implicitamente, em mais de 39 ocasiões. A tradução das primeiras Constituições do italiano moderno para o espanhol é obra do Frei Fidel Elizondo²⁵, um texto que será citado nesta obra.

14. A pesquisa do *proprium* Capuchinho deve levar em conta a evolução dos textos legislativos da Ordem e o desenvolvimento histórico da nossa tradição capuchinha. No entanto, a prioridade dessa pesquisa tem um objetivo mais modesto, ou seja, identificar as características fundamentais do nosso estilo de vida entendido como projeto, ou seja, os traços específicos que identificam os Capuchinhos não apenas dentro da família franciscana, mas também no contexto da vida religiosa na Igreja. O *proprium* Capuchinho seria, como explicado, um conjunto de atitudes vitais, modos de proceder e reagir aos eventos da vida cotidiana, formas de se relacionar com Deus, com a criação, consigo mesmo e com os outros, atitudes específicas em relação às correntes culturais do momento histórico e, em última análise, uma maneira concreta de viver o Evangelho e a espiritualidade franciscana. Compreender, encarnar e atualizar o *proprium* Capuchinho é uma forma de reavivar a chama do nosso carisma e redescobrir a nossa identidade carismática.

²⁰ CARGNONI COSTANZO, CATALANO FILIPPO E SANTARELLI GIUSEPPE, *Le prime Costituzioni dei frati minori Cappuccini. Roma-S. Eufemia. In lingua moderna con note storiche ed edizione critica (L'Italia Francescana, Roma, 1982)*, 216-220.

²¹ [...] As Constituições Capuchinhas de 1536, redigidas apenas oito anos após a promulgação canônica da nova reforma, podem ser consideradas a expressão mais autêntica da espiritualidade franciscana vivenciada nos primórdios da família nascente. Por essa razão, toda a tradição da Ordem, consciente ou inconscientemente, as tem em profundo respeito, e sua marca permanece substancialmente impressa ao longo dos séculos. Mesmo quando algumas de suas normas desaparecem e outras emergem, a fundação permanece radicalmente inalterada. ELIZONDO, FIDEL, *Estructura y lenguaje de las Constituciones capuchinas de 1536*, in: *Laurentianum* 24 (1983): 283.

²² [...] O texto original está escrito em um italiano arcaico e contém palavras repetidas, frases mal formuladas e mudanças de assunto dentro do mesmo parágrafo. RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Las Constituciones...*, 169.

²³ CARGNONI, COSTANZO, *Le prime Costituzioni*

²⁴ POLLIANI, FRANCESCO, *Le nuove Costituzioni*

²⁵ ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones*



15. As Constituições de 1536 contêm o núcleo fundamental que configura o *proprium* Capuchinho, núcleo que aparece disperso em seus capítulos. É difícil encontrar uma exposição sistemática e organizada das características que definem nossa identidade capuchinha, o que torna necessário reunir as intuições dispersas no documento e agrupá-las em temas que permitam compreendê-las melhor. Para evitar a disposição arbitrária do *proprium* Capuchinho, levaremos em consideração o itinerário espiritual de São Francisco de Assis, assim como exposto em seus escritos, especialmente no *Testamento*, ou em algumas hagiografias, buscando identificar na vida do Santo uma chave de leitura que permita captar os fundamentos da inspiração originária, uma inspiração que, por sua vez, torna compreensíveis as intenções e finalidades dos fundadores da tradição capuchinha.

16. Compreender o espírito das Constituições de 1536 significa identificar com suficiente clareza a intenção e o objetivo dos primeiros Capuchinhos, o que buscavam, quem eram seus modelos de vida, como conseguiram traduzir tudo isso em modos concretos de vida e como configuraram um projeto de vida comum que se tornou um itinerário de santidade comprovada, como atestado pelos beatos e santos da nossa família religiosa. Retornar, recuperar e atualizar as intenções e finalidades dos primeiros Capuchinhos é uma tarefa urgente para toda a Ordem se deseja permanecer fiel à inspiração original de sua identidade carismática e se anseia reavivar a chama de seu carisma no atual momento histórico e cultural. Uma celebração do V centenário da nossa Reforma que ignora este necessário retorno às fontes corre o risco de se transformar em uma festa barulhenta e pomposa, esquecendo o verdadeiro motivo da celebração.

17. As características fundamentais que constituem a nossa identidade carismática estão disseminadas em todo o documento legislativo de 1536. Em seguida, procuraremos entender as intenções e os objetivos dos primeiros legisladores, agrupando-os em traços identificativos que serão denominados com as mesmas palavras utilizadas nas primeiras Constituições. O significado desses traços identificativos será deduzido pelos números de referência, números que pertencem a capítulos diferentes de acordo com a configuração do documento original, mas que fazem parte de uma matriz de significado comum. A articulação desses traços identificativos ou características fundamentais configura a identidade carismática; portanto, não podem ser compreendidos isoladamente ou separadamente. Cada característica é uma parte fundamental do conjunto carismático.

18. A seguir estão algumas diretrizes metodológicas para a leitura do material a seguir. Os documentos Constitucionais serão indicados com o ano de promulgação em itálico, seguido pelo número e pelo versículo correspondente. Aqui está um exemplo: 1536, 22, 1. As Constituições de 1536 serão indicadas como as *primeiras Constituições* e as atuais como as *últimas Constituições*. As referências bibliográficas consultadas serão indicadas nas notas de rodapé. As palavras ou ideias transcritas das fontes estarão em itálico, assim como as palavras destinadas a destacar determinadas ideias. A lista de abreviações e as informações completas sobre a bibliografia consultada podem ser encontradas na última página desta obra.



Conformação à Cristo

19. O termo “*conformação*” aparece só uma vez nas Constituições antigas, precisamente no segundo capítulo, que descreve os requisitos para aqueles que desejam entrar na obediência, no contexto do *seguimento de Cristo*. O tema do seguimento de Cristo, por sua vez, aparece claramente no primeiro capítulo das Constituições antigas, em linha com o que foi estabelecido no primeiro capítulo da Regra não Bulada. Para compreender o significado do termo “*conformação*” nas Constituições antigas, é preciso considerar o que significa para Francisco seguir Jesus.

20. Seguir as pegadas de Jesus é uma expressão usada por Francisco para indicar o processo contínuo de integração na própria vida dos ensinamentos e dos comportamentos propostos por Jesus aos seus discípulos, como escreve o apóstolo João: “*Aquele que diz que permanece nele, deve também se comportar como ele se comportou.*” Aquele que aprende a viver como ele segue Jesus. A referência a Francisco como *imitador de Cristo* aparece duas vezes nas primeiras Constituições e indica que, para os primeiros Capuchinhos, Francisco é o modelo do verdadeiro seguimento de Cristo. O termo “*conformação*”, portanto, é um termo usado para se referir à autenticidade do seguimento de Cristo vivida por São Francisco, um seguimento que se apresenta como critério para o processo de conformação a Cristo que cada Capuchinho deve realizar em sua própria vida.

21. A etimologia do termo “*conformação*” refere-se ao processo de *dar forma* a um modelo ou a um ponto de referência. A conformação mencionada no documento legislativo sugere que os frades tenham diante de si um ponto de *referência*, neste caso Jesus, e se esforcem para estruturar sua vida em torno desse modelo. Nas primeiras Constituições, o termo “*modelo*” não aparece; no entanto, o termo “*espelho*” assume um significado semelhante e se refere explicitamente a Jesus, que *os pobres frades de São Francisco escolheram seguir*. Seguir Jesus para os primeiros Capuchinhos significava conformar-se totalmente à sua vida, ou seja, abraçar os ensinamentos de Jesus e seu modo específico de viver²⁶.

22. A expressão “*seguir Cristo*” aparece apenas uma vez nas Constituições posteriores, no contexto da nossa vida de pobreza. O verbo “*seguir*”, referindo-se a Cristo, aparece com mais frequência. Algo semelhante acontece com a expressão “*conformação a Cristo*”, que aparece apenas uma vez no contexto da nossa vida de penitência. O convite a conformar-se à vida de Jesus também aparece no capítulo sobre a formação dos frades. O termo “*espelho*”, referindo-se a Cristo, aparece três vezes nas Constituições iniciais; nas Constituições posteriores, aparece apenas uma vez. O termo

²⁶ [...] Mais especificamente, o “*viver segundo a forma do Santo Evangelho*” que Francisco reconheceu como revelado a ele pelo Senhor através das três passagens do Evangelho e dado a ele pelo Senhor, é agora especificado de acordo com os seguintes aspectos: a acolhida do Senhor aos outros como irmãos; a distribuição de todos os bens aos pobres; uma vida como “*peregrinos e estrangeiros*”, “*alegres entre pessoas humildes e desprezadas*”, isto é, como “*menores*”, no sentido de estar sujeitos a todos, colocados no lugar mais baixo da sociedade e expostos à humilhação; atividades de pregação; atividades contemplativas, geralmente em lugares isolados; trabalho, para se sustentar com as próprias mãos como os pobres, e recurso à esmola quando necessário.. CHIAPETTI DARIO, *San Francesco stigmatizzato. La novità materno-sacerdotale della creatura* (Edizioni Biblioteca Francescana, Milano, 2024), 70.



“*configuração*” assume o mesmo significado da palavra “*conformação*” e é hoje mais comumente usado pelos estudiosos da espiritualidade franciscana²⁷.

23. A pedra angular sobre a qual se fundamentam a espiritualidade franciscana e a tradição capuchinha é certamente a do seguimento de Cristo entendida como conformação permanente a Ele²⁸. As primeiras Constituições apresentam a Regra de São Francisco como o *espelho* em que contemplar a perfeição evangélica, ou seja, um caminho espiritual que conforma quem a observa à vida de Cristo, lembrando que *o Frade Menor deve ser espelho de toda virtude, especialmente da pobreza*; deve, portanto, reproduzir em tudo a forma de vida de Jesus. Sem essa pedra angular, toda a vida de um Capuchinho carece de consistência e dificilmente pode ser sustentada no tempo.

Conformação com Francisco

24. Uma leitura atenta das primeiras Constituições permite descobrir o respeito, a admiração, a veneração e o profundo afeto que os primeiros Capuchinhos nutriram pela pessoa de Francisco. “*Pai nosso, todo divino*”, “*Mãe nossa amatíssima*”, “*Seráfico Pai nosso, todo católico, apostólico e divino*”, “*Pai nosso piedosíssimo*”, “*Pai nosso santo*”, “*Pai nosso dulcíssimo*”, são algumas das expressões nas quais os primeiros Capuchinhos se referiam a São Francisco, reconhecendo-o como *regra, norma e exemplo, verdadeiro imitador de Cristo*.

25. Todo o itinerário espiritual de São Francisco é apresentado nas primeiras Constituições como a chave para viver fielmente a Regra Franciscana e, por meio dela, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. É nesse contexto que o *Testamento* do Seráfico Pai assume um significado particular, pois constitui o comentário vivo que os primeiros Capuchinhos usavam como ponto de referência para viver como autênticos franciscanos e discípulos de Jesus²⁹. Nove referências ao Testamento de São Francisco aparecem nas primeiras Constituições, todas voltadas a ressaltar aspectos fundamentais da vida franciscana e evangélica. O Testamento, portanto, é a chave hermenêutica adotada pelos primeiros Capuchinhos para permanecer fiéis à Regra de São Francisco e, através dela, ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim expressa o texto legislativo:

²⁷ [...] De fato, enquanto o discípulo batizado escolhe “*viver por Ele*” e se compromete a fazer sua a vida de Cristo, o religioso escolhe imitar o “*estilo de vida de Jesus*”, fazer sua a mesma forma assumida por Cristo, seguir e representar Cristo virginal, pobre e obediente na comunidade cristã e no mundo. POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove...*, 66.

²⁸ [...] As Constituições Capuchinhas, no texto que utilizamos, consistem em 152 números. Elas mencionam explicitamente Cristo 127 vezes, distribuídas no título, no prólogo e em 78 números, além do último (nº 152), que é inteiramente dedicado a Ele. Isso demonstra como a doutrina e a vida do Salvador constituem a essência mais pura e radical da espiritualidade capuchinha. ELIZONDO, FIDEL, *Cristo y San Francisco en las Constituciones capuchinas de 1536*, in: *Laurentianum* 24 (1983), 93.

²⁹ [...] Junto com a Regra, o testamento do Padre Seráfico era o escrito favorito das primeiras gerações de Capuchinhos. Para o fundador, o documento não constituía outra Regra; era simplesmente um lembrete, uma exortação, um lembrete para sua melhor observância. ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 165.



[...] E nós a aceitamos como glossário e explicação espiritual da nossa regra, pois foi escrita por ele para esse fim: para que a regra prometida fosse cumprida melhor e de maneira católica.

26. A importância do Testamento se explica pelo fato de que ele constitui o testemunho vivo, em primeira pessoa, Daquele que os primeiros Capuchinhos veneravam com especial admiração e no qual contemplavam a *presença viva* de Jesus. Francisco foi para eles não apenas um autêntico seguidor de Cristo, mas também o ponto de referência obrigatório para moldar sua própria sequência, uma vez que Jesus falava através dele:

[...] Sendo essa [regra] claríssima, para que seja observada de maneira mais pura, santa e espiritual, renuncia-se a todas as glossas e exposições carnis, inúteis, prejudiciais e relaxantes, que a desviam da mente piedosa, justa e santa de Cristo nosso Senhor, que falou em São Francisco.

27. Esta completa identificação entre Jesus e Francisco, que os primeiros capuchinhos contemplavam e admiravam, se insere em uma piedosa tradição que tem suas raízes históricas na própria vida do santo fundador e que, ao longo do tempo, se incarnou no *Livro das Conformidades*, obra escrita por Bartolomeo de Pisa e aprovada pelo Capítulo Geral de Assis em 1399³⁰. Este livro apresenta a vida de São Francisco em plena conformidade com aquela de Cristo, estabelecendo assim precisos paralelismos entre as vidas dos dois personagens. O *Livro das Conformidades* é explicitamente citado nas primeiras Constituições, o que poderia explicar a importância vital da conformação à Cristo e a Francisco que os primeiros Capuchinhos desejavam articular no seu projeto de vida. Aqui está como expressam as primeiras Constituições:

[...] Se somos filhos de São Francisco, façamos as obras de São Francisco. Por isso, é ordenado a cada um de nós empenhar-se em imitar o nosso Pai, que nos foi dado como regra, norma e exemplo; na verdade, o nosso Senhor Jesus Cristo nele.

28. Os primeiros Capuchinhos interpretaram a conformação de Francisco a Cristo como um espelho de sua conformação ao santo fundador. O objetivo das primeiras Constituições era projetar um estilo de vida o mais próximo possível do caminho histórico e espiritual do santo, que permitisse aos frades se conformarem a ele e, através de seu exemplo, a Cristo. Conformar-se com Francisco equivale a

³⁰ [...] Depois do Evangelho, da Regra Selada e do Testamento, o Livro das Conformidades é (para nós, sem dúvida) a principal fonte utilizada pelos editores do texto de 1536. Ele reúne tudo o que fontes e crônicas antigas escreveram de certo nível sobre São Francisco. Enfatiza os paralelos entre a vida e a doutrina de Cristo e as do santo patriarca, incorporando-as em quarenta frutos ou semelhanças. Constitui uma verdadeira enciclopédia sobre o assunto. Alcançou ampla aclamação, especialmente após a primeira edição, publicada em Milão em 1510, seguida por outra, também publicada naquela cidade em 1513. Contém muitos escritos do fundador e abundantes citações das lendas de Celano e São Boaventura, dos Três Companheiros, do Espelho da Perfeição, das Fiorettes e de lendas antigas. ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones...*, 156-157.





conformar-se com Cristo³¹. Um dos parágrafos das primeiras Constituições exorta explicitamente à conformação ao fundador, uma *conformação* que não é mencionada nas Constituições posteriores.

[...] Além disso, para estarmos mais vigilantes e atentos à oração e nos conformarmos ao nosso pai São Francisco, ao qual a terra nua frequentemente serviu de leito, e muito mais a Cristo, santo entre os santos, especialmente no deserto: ordena-se que todos os frades, exceto os doentes ou muito fracos, durmam sobre tábuas nuas, esteiras, ginestras, samambaias, ou um pouco de palha ou feno; e que não durmam sobre cobertores.

29. Esta conformação em Francisco era entendida como mediação para a conformação a Cristo. O perfeito imitador de Cristo, chamado *alter Christus* pelos hagiógrafos, era o caminho seguro que levaria os primeiros Capuchinhos à verdadeira conformação a Cristo. Esse reconhecimento explicaria a admiração e a veneração dos primeiros Capuchinhos pela pessoa de Francisco e, ao mesmo tempo, seu fervor em se tornar fiéis imitadores seus. Assim como Francisco era chamado *alter Christus* pela autenticidade de seu seguimento a Cristo, o Capuchinho, fiel ao mesmo seguimento, poderia ser chamado *alter Franciscus*³².

A Penitência

30. O Testamento de São Francisco inicia com uma clara alusão à penitência, que aparece estritamente ligada ao pecado: “O Senhor disse a mim, irmão Francisco, para começar a fazer penitência assim: porque estava no pecado.” A etimologia da palavra “penitência” está associada à experiência do arrependimento, da dor, do sofrimento e da necessidade de reparação, experiências frequentemente ligadas à realidade do *pecado*. As primeiras Constituições estabelecem a mesma relação entre pecado e penitência:

[...] Ordena-se também que, nos casos reservados, os pecadores, tão logo possam confortavelmente e sem serem notados, recorram humildemente aos seus vigários, aos quais podem e devem se confessar. E os prelados, se os veem verdadeiramente arrependidos e humildes, com firme propósito de emendar-se e preparados para uma digna penitência, os acolham com benevolência, seguindo o exemplo de Cristo, nosso verdadeiro pai e pastor, como o filho pródigo foi acolhido pelo piedoso pai.

³¹ [...] Estes são os temas fundamentais nos quais as Constituições propõem simultaneamente Cristo e São Francisco, de modo a permear a vida e a atividade dos frades, pois Cristo, com a sua vida e o seu Evangelho, e São Francisco, com a sua vida, a sua regra e o seu testamento, formam o quadro substancial da autêntica espiritualidade dos Capuchinhos. ELIZONDO, FIDEL, *Cristo y San Francisco*, 115.

³² Cf. SOTELO, ANEL, *Una historia de barbas y capuchas. La desconstrucción de la figura de san Francisco por los frailes capuchinos. Siglos XVII-XVII*. Instituto colombiano de antropología e historia (2017), 280.



[...] Quando se impõe a penitência, é sempre necessário ter a clara intenção de salvar, e não de perder, a alma e a reputação do pobre irmão, cujo pecado ninguém deveria escandalizar-se ou horripilar-se, ou envergonhar-se, ou evitar.

31. A penitência é um meio necessário para aliviar as dolorosas consequências do pecado, como sugerido pelas citações anteriores, pecado que segundo a *Carta de Tiago* seria explicado pela presença da *concupiscência*:

[...] Mas cada um é tentado, arrastado e atraído pela sua própria concupiscência. E a concupiscência, uma vez concebida, gera o pecado, e o pecado, quando consumado, produz a morte..

32. O verbo *concupiscere* refere-se a um desejo veemente ou a um anseio intenso que o ser humano experimente como uma força que nasce do profundo e o impulsiona a satisfazê-lo, mesmo que isso possa significar prejudicar a si mesmo ou aos outros. O pecado, segundo o ensinamento do apóstolo, refere-se às consequências dos desejos incontroláveis. A mesma relação entre concupiscência e pecado é estabelecida nas cartas que Francisco dirige aos fiéis:

[...] Mas todos aqueles que não vivem em penitência e não recebem o corpo e o sangue do nosso Senhor Jesus Cristo, que se entregam aos vícios e pecados, que andam segundo a má concupiscência e os maus desejos da carne, que não mantêm o que prometeram ao Senhor, e servem corporalmente ao mundo com desejos carnis e preocupações do mundo e as aflições desta vida: capturados pelo diabo, do qual são filhos e cujas obras realizam (cf. Jo 8,41), estão cegos, porque não veem a verdadeira luz, nosso Senhor Jesus Cristo.

33. Segundo Francisco, a ausência de penitência significaria estar submetido à concupiscência e aos desejos malignos. Os *vícios* e os *pecados*, seguindo a dinâmica apresentada pelo apóstolo Tiago, referir-se-iam à materialização da concupiscência. Nessa perspectiva, a penitência poderia ser entendida como uma mediação necessária para neutralizar a força da própria concupiscência e prevenir a emergência do pecado. As antigas Constituições propõem algumas recomendações para neutralizar as próprias paixões e prevenir situações pecaminosas:

[...] É próprio dos verdadeiros religiosos e servos de Cristo fugirem não só os males e os pecados evidentes, mas também tudo aquilo que tem qualquer aparência de mal. Portanto, pedimos que os irmãos, sem a permissão do vigário provincial, não vão em nenhum mosteiro ou outra casa onde vivam em comunidade mulheres piedosas.

[...] também façam violência permanente às suas próprias paixões, porque, como diz nosso Salvador, o reino dos céus sofre violência, e os violentos, ou seja, aqueles que usam força e violência sobre si mesmos, o tomam à força.



34. A penitência é indispensável para se libertar da tirania de suas próprias paixões e se preparar interiormente para a verdadeira conformação a Cristo. O binômio *penitência-conversão*, presente nas primeiras Constituições e desenvolvido mais detalhadamente nas seguintes, expressa essa dupla dimensão do caráter penitencial do nosso estilo de vida, ou seja, dominar as próprias paixões para se conformar a Cristo. Enquanto a penitência foi identificada com práticas de mortificação ou intervenções violentas sobre o próprio corpo, a intenção dos fundadores da tradição capuchinha, mesmo admitindo tais práticas, está ligada ao propósito de libertar o coração dos irmãos de tudo que impede a conformação a Cristo. A penitência, portanto, tem um único objetivo: preparar os irmãos para a autêntica conformação a Cristo, seguindo o exemplo de São Francisco. Nas primeiras Constituições lemos:

[...] Portanto, lutemos bravamente e não desesperemos de nossas forças, porque o excelentíssimo Pai que nos criou nos concedeu a capacidade de observar a perfeição evangélica e conhece nossa argila; sua ajuda nos dará energias e dons celestiais em tal quantidade e abundância que, superando todos os impedimentos, seremos capazes não apenas de obedecer ao seu docíssimo Filho, mas também de segui-lo e imitá-lo com grande alegria e simplicidade de coração, desprezando completamente estas coisas visíveis e temporais e sempre desejando aquelas celestiais e eternas.

35. As práticas penitenciais, sejam elas disciplina, mortificação ou jejum, obras de misericórdia, celebração do sacramento da Reconciliação ou atos penitenciais comuns, têm todas um único objetivo: libertar o Capuchinho de toda concupiscência ou desejo mal, fonte de todo pecado, e preparar a sua vida interior como uma morada digna onde o mistério de Deus possa habitar. Sem a penitência, assim entendida, é difícil para o irmão se preparar para ser habitado por Deus e iniciar um processo de conformação a Cristo. A penitência, portanto, é condição necessária para a conformação a Cristo, uma conformação que pressupõe, ao mesmo tempo, um esvaziamento permanente de si mesmo, ou seja, dos vícios e pecados que encerram a pessoa em suas próprias preocupações egoístas e impedem a negação de seus desejos, como diz Francisco, impedindo a preparação de um lugar bem disposto para que Deus tome posse da pessoa e governe sua vida.

36. A *submissão do corpo*, como explicado por Francisco na décima admoestação, é uma clara referência à penitência franciscana e capuchinha. Para Francisco, a palavra "*corpo*" tem uma conotação semelhante ao termo "*sarx*" usado por São Paulo em algumas de suas cartas³³, indicando aquelas inclinações que concentram o ser humano em si mesmo e o levam a buscar sua própria satisfação, mesmo que isso signifique se afastar de Deus, prejudicar a si mesmo e ao próximo. Francisco considera o *corpo*, ou seja, o seu eu exaltado e egocêntrico, como o único inimigo que se opõe a Deus; portanto, exorta a se submeter, ou seja, a dominar suas próprias paixões³⁴. A penitência

³³ [...] A carne não é apenas o corpo físico, mas também a disposição do ser humano de agir de acordo com impulsos egoístas. Viver segundo o Espírito envolve superar essa inclinação por meio da fé em Cristo. Cf. PIÑERO, ANTONIO, *San Pablo: El hombre y su obra*, (Herder, Barcelona, 2015), 150-170.

³⁴ [...] O inimigo não é tanto o corpo, mas sim o egoísmo, o amor-próprio e a vontade perversa do homem carnal. Este é o inimigo que deve ser dominado como um prisioneiro e até mantido em ódio. Francisco deu precisamente esta





consistiria em aprender a subjugar o corpo e a se libertar da tirania da própria concupiscência. Esta luta interior de cada penitente entre vícios e virtudes é sintetizada por Francisco de forma simples em sua vigésima sétima advertência, reflexo da ambiguidade que caracteriza a vida interior de todo ser humano.

Vida eremítica

37. Nas primeiras Constituições, os elementos que caracterizam a vida eremítica estão espalhados por todo o texto: a cela ou celinha, o silêncio, a solidão, a oração, a quietude espiritual e a contemplação. Todos esses elementos se referem não apenas à *Regra de São Francisco* para os eremitas, mas também à antiga tradição dos Pais do deserto, aqueles primeiros anacoretas e cenobitas que deram origem à vida monástica no Oriente e no Ocidente. O *deserto*, de onde vem a palavra “*eremita*” ou “*eremo*”, era para os Pais do deserto o lugar privilegiado para encontrar Deus, compreender as próprias paixões e dominar a própria vida. Nesse contexto, a cela era um meio importante para se deixar encontrar por Deus e permitir que Ele governasse a vida daqueles que O buscavam no deserto. Um dos aforismos dos Padres do deserto resume a convicção dos primeiros eremitas cristãos:

*[...] Um irmão veio a Scete para visitar Abba Moisés, pedindo-lhe uma palavra. O ancião disse-lhe: "Vá, sente-se na sua cela, e sua cela lhe ensinará tudo."*³⁵.

38. A antiga tradição dos Padres do Deserto se percebe não apenas nos escritos de São Francisco de Assis, mas também nas primeiras Constituições dos Capuchinhos. Por essa razão, a referência à *vida eremítica* não é um elemento estranho à tradição capuchinha; ao contrário, constituiu o primeiro nome da Reforma, ou seja, as *Ordenações dos Frades Menores* chamados à Vida Eremítica. A vida eremítica, moldada pela solidão, pelo silêncio, pela tranquilidade, pelo retiro voluntário, pela oração e pela contemplação, será o contexto geral que nos permitirá identificar as características fundamentais que definem a vida espiritual dos fundadores da tradição capuchinha. Nas primeiras Constituições, encontramos um número que poderia ser considerado uma verdadeira síntese do que a vida eremítica significou para os primeiros Capuchinhos:

[...] Ordena-se também que em todos os nossos lugares, onde for conveniente, na floresta ou em uma parte concedida aos irmãos, haja uma ou duas celas solitárias, separadas de suas salas comuns, de modo que, se algum irmão considerado apto por seu prelado desejar levar uma vida de anacoreta, possa se dedicar inteiramente a Deus em silêncio e solidão, com vida angelical e segundo os ensinamentos do Espírito divino. Para que ele possa gozar

interpretação ao termo "corpus" no versículo 4 da Admoestação 7. Aqui também fica claro que "corpus" é usado explicitamente para se referir ao "eu egoísta" de alguém. GNIECKI, CZESLAW, *Visione dell'uomo negli scritti di Francesco d'Assisi*, (Edizioni Antonianum, Roma, 1987), 154.

³⁵ ELIZALDE, MARTÍN, *Los Dichos de los Padres. Colección alfabética de los Apotegmas I y II*, (Ediciones Paulinas, Sevilla, 1986), V. II, 30.





pacificamente de Deus durante esse período, ordena-se que ninguém lhe fale, exceto seu pai espiritual, que o cuidará como uma mãe, conforme os piedosos desejos de nosso pai seráfico, como está escrito nas Conformidades.

Silêncio e solidão

39. O silêncio e a solidão constituem duas atitudes fundamentais de quem sente o impulso de buscar Deus na intimidade de sua própria vida. A etimologia da palavra silêncio, do verbo *silere*³⁶, remete ao gesto de fechar voluntariamente os lábios para abrir os ouvidos, pois se deseja ouvir a voz de Deus que sussurra na intimidade, no coração. A solidão, por outro lado, indica um movimento locativo que permite ao orante distanciar-se dos outros para estar consigo mesmo, como sugere o substantivo *solus*, do qual deriva a palavra solidão. Para ouvir Deus com atenção, os primeiros eremitas egípcios retiravam-se do barulho e da confusão das grandes cidades e se isolavam no *deserto*, um lugar desabitado que lhes permitia cultivar o silêncio e a solidão. Desde então, o deserto tornou-se símbolo do encontro entre Deus e o homem, um encontro que transforma radicalmente a pessoa.

40. Nas primeiras Constituições, há uma clara referência ao deserto, não para indicar uma retirada permanente das cidades onde os frades pregam, oferecem serviços ou mendigam, nem para levar uma vida de anacoretas em sentido estrito, mas para cultivar uma relação com Deus que lhes permita tirar sustento d'Ele e voltar às suas atividades repletos da Sua presença. Esta retirada temporária difere da retirada permanente própria dos que optaram pela vida monástica e demonstra o equilíbrio entre vida espiritual e vida ativa desejado e promovido pelos primeiros Capuchinhos. Isso é compreendido na seguinte seção das primeiras Constituições:

[...] Quando, pelo frequente contato com os leigos, sentirem seu espírito se enfraquecer, voltem para a solidão e permaneçam lá até que, cheios de Deus, o fervor os impulse a difundir as graças divinas no mundo. E, uma vez como Marta e outra como Maria, em uma vida mista, seguirão Cristo, que, após ter orado no monte, desceu ao Templo para pregar; na verdade, desceu do céu à terra para salvar as almas.

41. A oração, como se depreende do texto constitucional, estaria ligada a um contexto relacional e faria referência a um duplo laço, ou seja, com Deus e com os seus semelhantes. Note-se a referência ao *monte* e ao *Templo*. Sobe-se ao monte para encontrar Deus e desce-se ao Templo para encontrar os semelhantes e compartilhar com eles as graças divinas recebidas. A oração, portanto, era entendida como uma mediação que permitiria aos primeiros Capuchinhos cultivar sua relação pessoal com Deus

³⁶ Cf. COROMINAS, JOAN, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, vol. V, (Editorial Gredos, Madrid, 1997), 246.





e, desse modo, estabelecer relações misericordiosas com os semelhantes. É isso que afirmam as primeiras Constituições:

[...]Para que ao pregar aos outros não se tornem eles mesmos réprobos, às vezes afastam-se da companhia do povo e, com o doce Salvador, sobem ao monte da oração e da contemplação; lá se esforçam para acender-se de amor divino como os serafins, para que, bem aquecidos, possam aquecer os outros.

42. O silêncio e a solidão são condições necessárias para alimentar o espírito de oração, ou seja, cultivar um relacionamento íntimo e pessoal com Deus que permita ao Capuchinho deixar-se preencher e governar por Ele. O propósito fundamental da oração, além do tipo de súplicas, ladainhas, jaculatórias ou orações que normalmente se identifica, seria o de cultivar um relacionamento íntimo e pessoal com o mistério de Deus. Isso é sugerido pela insistência das primeiras Constituições sobre o cultivo do silêncio e da solidão como condições para um encontro pessoal autêntico com Deus. Na nossa relação com Deus, somos chamados a ouvir mais e a falar menos, porque *"Tu não precisas do nosso louvor, ... os nossos hinos de bênção não aumentam a tua grandeza"*, como afirma o Prefácio Comum IV do Missal Romano, ou como recomendavam os primeiros legisladores Capuchinhos: *"Por isso, exortamos todos os nossos irmãos a não serem nunca ociosos, nem a desperdiçar seu tempo em coisas de pouco ou nada, nem em palavras vãs ou inúteis."*

A oração mental

43. Uma referência explícita à oração mental é encontrada tanto nas Constituições antigas quanto nas posteriores. Ela é chamada de *"mestra espiritual dos frades"* e tem seu propósito estabelecido: *adorar o eterno Pai em Espírito e verdade, nos conduzir ao espírito de verdadeira adoração e unir-nos intimamente a Cristo.* Apesar dessas indicações, os documentos Constitucionais não explicam claramente o que é a oração mental, como é praticada e quais são as condições para sua realização. Dada a importância da oração mental para a tradição capuchinha, é apropriado tentar responder a essas perguntas fazendo referência às Constituições antigas, aos escritos de São Francisco de Assis e à Sagrada Escritura.

44. *Escuta, Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus com todo coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Deixar que estas palavras que hoje ti digo penetrem na tua mente.* O aspecto fundamental deste preceito é a relação de Israel com seu Deus, expressa em termos de amor total; daí a referência explícita ao coração, à alma e a todas as suas forças. Este preceito, segundo o texto, deve penetrar a mente, ou seja, a faculdade humana de pensar, discernir, desejar e lembrar. Em última análise, a *mente*, coincidente com o significado hebraico da palavra *"oração"*, refere-se à consciência, à vontade e à intencionalidade do ser humano. Em sua



relação com Deus³⁷, o ser humano deve conscientemente e voluntariamente permitir que todas as suas faculdades sejam permeadas por Ele, condição indispensável para que as intenções humanas sejam governadas pela vontade divina.

45. A oração mental, como se pode deduzir do que foi dito acima, refere-se a uma total disposição da pessoa que ora a deixar que toda a sua pessoa seja habitada pela misteriosa presença de Deus. Essa habitação divina deve ser desejada e aceita pelo ser humano; portanto, a consciência, a vontade e a intenção devem estar alinhadas para o mesmo propósito. Uma relação autêntica e significativa com Deus [oração] não seria possível se o ser humano não dispusesse plenamente [*a mente*] para essa relação³⁸. Isso parece ser o modo como São Francisco de Assis a entende quando exorta seus irmãos na Regra não bulada:

[...]Portanto, irmãos todos, devemos ter muito cuidado para não perder ou desviar do Senhor nossa mente e coração sob o pretexto de algum favor, trabalho ou ajuda. Mas, na santa caridade que é Deus (cf. 1 Jo 4,16), eu peço a todos os irmãos, tanto os ministros quanto os outros, que, removendo todo impedimento e adiando toda preocupação e solicitude, da melhor maneira possível, sirvam, amem, honrem e adorem o Senhor Deus com coração puro e mente pura, pois é isso que Ele busca acima de todas as coisas; e ali façamos sempre morada e habitação (cf. Jo 14,23) para aquele que é o Senhor Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo.

46. Francisco alerta sobre o risco de perder ou desviar a mente e o coração do que é mais importante, ou seja, acolher o Senhor Deus, sob o pretexto de preocupações ou atividades que afastam os irmãos e irmãs do espírito de oração e devoção. O que o Senhor busca, segundo Francisco, é a disponibilidade do ser humano para que Deus habite nele; daí a referência a um coração puro e a uma mente pura. Servir, amar, honrar e adorar o Senhor Deus são ações que surgem espontaneamente do ser humano quando se experimenta transbordar da presença divina. A oração mental, portanto, seria mais uma disposição interior da pessoa a se deixar habitar por Deus do que uma série de atividades, mentais ou verbais, para pensar Nele ou se dirigir a Ele. Isso parece ser o que sugerem as primeiras Constituições:

[...]Lembrem-se, irmãos, que a oração nada mais é do que falar com Deus com o coração. Portanto, quem fala com Ele apenas com a boca não ora. Cada um se esforce para se dedicar à oração mental e, segundo a doutrina de Cristo, o supremo mestre, adorar o Pai eterno em

³⁷ [...] Vimos que "*leb*" raramente significa espírito, mas mais frequentemente designa o órgão do conhecimento e, junto com ele, a vontade, seu planejamento, suas decisões e intenções, a consciência e o compromisso consciente e sincero com a obediência. O que é absolutamente apropriado é que o coração seja chamado à razão, especialmente à escuta da Palavra de Deus. WOLFF, HANS WALTER, *Antropología del Antiguo Testamento* (Ediciones Sígueme, Salamanca, 2001), 82.

³⁸ [...] A oração mental é a graça de uma vocação no Espírito de Jesus para viver o primeiro mandamento de Deus. A oração mental é estar com o Senhor, no Senhor e para o Senhor: ela diz respeito, envolve e cativa a pessoa inteira, envolvendo-a completamente e enchendo-a de plenitude e bem-aventurança; de fato, ela a leva a experimentar a amizade com o Senhor. Orientada para o Deus Trino, ela constitui o sentido da vida do frade, e nela consiste toda a sua existência. DE FILIPPIS, CARMINE ANTONIO, *L'orazione...*, 52.





espírito e verdade, cuidando diligentemente de iluminar a mente e inflamar o coração mais do que de formular palavras.

47. A qualificação *mental* associada à oração foi ligada ao exercício da imaginação, do pensamento e da criatividade, em última análise, à dimensão cognitiva do ser humano. Essa tendência poderia ser explicada pela influência da *lectio divina* codificada no século XII por Guigo II, monge cartuxo, e estruturada em quatro momentos bem definidos: a leitura de um texto bíblico [*lectio*], a reflexão sobre o texto [*meditatio*], a oração inspirada pelo texto [*oratio*] e a ressonância no coração [*contemplatio*].³⁹ A *meditatio* entendida como reflexão, ou seja, como exercício das faculdades cognitivas, implica imaginar criativamente a cena descrita em um texto bíblico, inserir-se na cena e viver a experiência do que os personagens sentem, falam ou fazem⁴⁰.

48. A oração mental sofreu a influência da *lectio divina*, associando-se à dinâmica da *meditatio* e, em muitas ocasiões, identificando-se com ela. Apesar da importância que a *meditatio* representa para a vida de oração dos crentes, ela também pode ser uma distração, no sentido de não saber impor limites à imaginação criativa e, portanto, negligenciar o propósito da oração. A oração mental capuchinha, mais do que um exercício das nossas faculdades cognitivas, é uma total disposição do irmão para que o Senhor Deus ilumine sua mente e incendeie seu coração, como sugerem as antigas Constituições. Para que isso seja possível, o Capuchinho é chamado a cultivar o silêncio e a solidão, condições necessárias para fortalecer o relacionamento com Deus e permitir que Ele seja o único protagonista de sua vida.

49. A oração de Francisco diante do crucifixo de São Damião oferece elementos para compreender o significado da oração mental. Pedir luz, *ilumina-me*, implica um estado de escuridão, confusão e desorientação; implica também a disposição do orante, pois a luz desejada não vem de si mesmo, mas do *Altíssimo e glorioso Deus. Fé, esperança, caridade, juízo e conhecimento* são condições necessárias para que a vida de Francisco se torne uma digna morada do Senhor - condições que lhe faltam e que ele espera receber do Senhor. E tudo isso por um propósito específico: cumprir seu *santo e verdadeiro mandamento*. Francisco, talvez em um contexto de silêncio e solidão, reconhece humildemente sua situação pessoal e se torna totalmente disponível para que o Senhor Deus tome posse de si e cumpra nele sua santa vontade:

[...]Altíssimo e glorioso Deus, ilumina as trevas do meu coração e dá-me fé reta, esperança certa e caridade perfeita, entendimento e conhecimento, Senhor, para que eu possa cumprir o teu santo e verdadeiro mandamento.

³⁹ DE FILIPPIS, CARMINE ANTONIO, *L'orazione...*, 123.

⁴⁰ [...] Na fé, envolve refletir mentalmente sobre um tema derivado de uma leitura atenta do texto escolhido, de preferência recitado em voz alta e escrito (para evitar distrações), sem entrar em muitos detalhes. Essencialmente, concentrando-se nos sentidos externos e internos, envolve "ver" a cena na passagem, imaginá-la e acreditar estar lá, participando verdadeiramente dos eventos. *Ibid.*, 150.



50. Esta breve oração revela uma dinâmica relacional entre Francisco, que reconhece sua condição de escuridão, e o Senhor, que o incita a empreender um caminho de penitência para abandonar seus pecados. A oração mental, entendida como a disposição de todas as faculdades humanas para compreender a ação de Deus em sua vida, poderia ter um objetivo complementar, ou seja, facilitar o reconhecimento de seus vícios e pecados como realidades pessoais que poderiam obstruir o governo de Deus na vida do orante, como explicado a respeito da penitência nas primeiras Constituições. A oração mental, portanto, estaria intimamente ligada à penitência, ao discernimento e ao processo de conformação a Cristo. O Celano apresenta um episódio da vida de Francisco que contém as características da oração mental:

Na periferia da cidade, havia uma gruta onde eles costumavam ir, falando sobre o "tesouro". O homem de Deus, já santo por seu desejo de sê-lo, entrava, deixando o companheiro fora esperando por ele, e, cheio de um fervor novo e incomum, orava secretamente ao Pai. Ficava contente que ninguém soubesse o que estava fazendo ali e, sabiamente e conscientemente, escondia o melhor de si, pedindo apenas a Deus conselho para seu santo propósito. Orava devotamente ao eterno e verdadeiro Deus para que lhe revelasse seu caminho e lhe ensinasse como cumprir sua vontade. Uma tremenda luta se passava dentro dele, e ele não encontrava paz até que não tivesse realizado o que decidira. Mil pensamentos o assaltavam e lhe causavam grande sofrimento com sua insistência. Ardia interiormente de fogo divino e não conseguia disfarçar externamente o fervor de sua alma. Lamentava seus graves pecados, as ofensas cometidas diante da Divina Majestade.

51. Para favorecer a oração mental, é necessário um espaço que garanta silêncio e solidão [*uma gruta*], condições necessárias para um encontro pessoal com Deus que ilumine as trevas do coração [*orava em segredo*] e permita reconhecer sua verdade [*mil pensamentos o assaltavam; ele se lamentava por seus graves pecados*]. Neste encontro íntimo e pessoal, o orante está totalmente disposto a compreender a vontade do Onipotente [*pede conselho a Deus apenas; lhe é indicado o caminho*] e a cumprir seus desígnios [*lhe é ensinado como cumprir sua vontade*]. A total disposição do orante em deixar que o Senhor revele sua vontade e tome posse de sua vida gera uma experiência de plenitude interior que se manifesta externamente [*ardeu interiormente de fogo divino e não conseguia mascarar externamente o fervor de sua alma*]. A oração mental é, segundo o testemunho do hagiógrafo, uma completa disposição do orante em deixar que o Onipotente ilumine as trevas do coração e tome posse da sua vida.

A contemplação

52. A contemplação é uma característica ligada à nossa vida de oração, à nossa união com Cristo e às nossas atividades apostólicas, por vezes identificada com a oração mental. Talvez seja necessário buscar nas antigas Constituições Capuchinhas elementos que nos permitam compreender o significado da contemplação e sua relação com a oração mental. No início do quinto capítulo, sem





mencionar a palavra contemplação, encontramos preciosos elementos para tentar compreender seu significado:

[...] Considerando que nosso fim último é Deus, a quem cada um de nós deve se direcionar e aspirar, e se ver transformado Nele, exortamos os irmãos a direcionar todos os seus pensamentos para esse objetivo, e a dedicar a Ele com o maior ímpeto de amor todas as suas intenções e seus desejos, para nos unirmos ao Excelentíssimo Pai de todo o coração, com toda a mente, com toda a alma, com todas as forças e com todas as virtudes, com um amor presente, contínuo, intenso e puro.

53. A primeira coisa que se pode notar é a natureza relacional deste número. O Capuchinho, como ser humano que anseia (por Deus), tem um objetivo e um propósito estabelecidos: *conectar-se com Deus*. Para que essa conexão seja possível, todas as suas faculdades – ou seja, seus pensamentos, suas intenções e seus desejos – devem estar orientados para alcançar a meta desejada, de modo que a união buscada com o Pai supremo envolva toda a sua realidade pessoal – ou seja, *todo o seu coração, sua mente, sua alma, suas forças e suas virtudes* – no contexto de um relacionamento contínuo, intenso e puro, caracterizado pelo amor. A consequência dessa relação íntima, segundo o texto, é a profunda conexão do Cappuccino com Deus. *Ele se transforma Nele*, realizando o anseio pela unidade com o Altíssimo. A contemplação se referiria a uma relação profunda entre o ser humano e Deus, que o transforma e lhe permite participar de sua vida divina. Para que isso para que o processo de transformação seja possível, e para que os frades não tenham motivo para se distrair, as Constituições recomendam:

[...] Pois sem meios não se pode alcançar a meta, cada um deve se esforçar para abandonar todas as coisas inúteis ou prejudiciais que obstaculizam ou desviam do caminho de Deus. Sem se preocupar com coisas irrelevantes, escolha as coisas úteis ou necessárias para ir a Deus, levando delas o que é mais útil.

54. Para compreender o significado e a profundidade dessa transformação, é necessário recorrer a outros textos das primeiras Constituições. A presença de Deus na vida do Capuccino significa, antes de tudo, conformação a Cristo, ou seja, o Pai que *imprime* a imagem do Filho na realidade pessoal do religioso e toma posse dele para realizar, através de sua vida, as mesmas obras que Ele realizou em Jesus. Enquanto as primeiras Constituições se referem especificamente aos pregadores, esse ponto pode ser estendido a todos os Capuchinhos:

[...] Os pregadores são, portanto, exortados a imprimir em seus corações o Cristo bendito e a lhe dar um pacífico domínio sobre si mesmos, de modo que, por uma redundância de amor, Ele possa falar a eles não só com palavras, mas muito mais com as obras.

55. A *redundância de amor* remete ao ser completamente inundado por Deus, ao desfrutar de sua presença abundante, que não pode ser contida ou retida para si. Daí a necessidade de compartilhar as riquezas divinas com os outros através de relações fraternas e atividades apostólicas. Essa mesma ideia se reflete em outra imagem usada pelas primeiras Constituições quando nos exortam a *ser inflamados pelo amor divino como os Serafins, de modo que, aquecidos, possamos aquecer os outros*.



Seja utilizada a imagem da água ou do fogo para se referir ao mistério de Deus que abala os seres humanos, a contemplação se referiria à experiência de ser inundado ou inflamado por Ele, o que implica que o protagonista principal dessa transformação, através da qual o Capuchinho se torna *alter Christus e alter Franciscus*, é o próprio Deus.

56. Um exemplo bíblico da transformação que o Senhor realiza nos seres humanos é a passagem da sarça ardente. O texto descreve o início da relação entre Yahweh e Moisés. É Yahweh quem toma a iniciativa, chamando Moisés pelo nome. O relato foca sua atenção em um evento maravilhoso, ou seja, uma sarça que não é consumida pelo fogo. Com essas imagens, o autor parece indicar que a sarça, símbolo de Moisés e da humanidade, não se consome nem morre quando está possuída pelo mistério de Deus representado no fogo. O aspecto maravilhoso do relato é a íntima relação entre Yahweh e Moisés, uma relação que permitirá a Moisés cumprir a missão que o Senhor lhe confiou. Esta representação simbólica é confirmada por outro texto que apresenta Moisés com a pele do rosto radiante, após ter estado na presença de Deus no monte Sinai.

57. A experiência de Francisco no monte Alverne apresenta algumas características em comum com a passagem da sarça ardente. As hagiografias relatam que Francisco *estava em êxtase e ardia de desejos seráficos*, que estava na encosta da montanha em oração, que lhe apareceu em visão um *Serafim*, que experimentou um *incêndio* de amor e que lhe apareceram *impressas* as chagas do Senhor. A imagem do Serafim, nome derivado do verbo hebraico *śārāf* [*arder, incendiar*], está relacionada aos termos '*arder*' e '*inflamar*', todos ligados ao fogo, que, dependendo do contexto, poderiam referir-se à presença divina que inflamou Francisco e o transfigurou com Cristo crucificado. Os *Louvores a Deus Altíssimo* são o testemunho desse encontro que inflamou Francisco e, ao mesmo tempo, de seu total esvaziamento para que o Senhor fosse o único protagonista de sua vida. O *Tu* de Deus inunda totalmente o '*eu*' de Francisco.

58. Isto explicaria por que os primeiros Capuchinhos associavam a contemplação ao *caráter divino* de São Francisco e à sua total conformação a Cristo. Assim como o Pai imprimiu a imagem do Filho em São Francisco, os Capuchinhos se preparam para que, através da contemplação, a imagem de Cristo possa ser impressa neles e possam ser conformados à sua vida. Este, aparentemente, é o objetivo da contemplação para os primeiros Capuchinhos. Não se trata, portanto, de uma oração sublime ou especial, mas de uma verdadeira e profunda transformação que ocorre no contexto de um relacionamento interpessoal entre Deus e os seres humanos. O primeiro busca transformar o ser humano em outro Cristo, e o segundo está plenamente disposto a ser transformado por Deus.

59. A etimologia do termo "*contemplação*" permitiria uma consideração adicional⁴¹. Ela está ligada à capacidade de observar atentamente, uma observação que envolve o sentido da vista e que originalmente se referia à observação dos fenômenos celestes na busca por desenhos divinos. Esse tipo de observação era realizado em um lugar sagrado chamado *Templum*, portanto, contemplação significava observar através do Templo para entender a vontade dos deuses. Quando a palavra "*Templo*" começou a se referir aos cristãos e o apóstolo Paulo afirmou que Deus habitava este

⁴¹ Cf. COROMINAS, JOAN, *Diccionario...*, vol. II, 181.



Templo, a observação se voltou para a interioridade do crente para descobrir no segredo de sua morada, ou seja, no mistério de seu coração, a própria vontade de Deus. A contemplação amplia a capacidade de observação de uma pessoa em relação a si mesma, aos seus semelhantes e à criação, permitindo-lhe compreender como Deus age ao fundo de toda a realidade.

60. Através da contemplação, se adquire um progressivo alargamento do olhar que permite ao orante descobrir a realidade com os próprios olhos de Deus⁴². Isso parece ser o fundamento da misericórdia que Francisco sugere ao Ministro: *E é disso que quero saber se amas o Senhor e a mim, seu servo e teu, se farás isso, isto é, que não haja nenhum irmão no mundo que tenha pecado tanto quanto podia pecar, que, após ter visto os teus olhos, nunca se vá sem a tua misericórdia, se a pedir.* O próprio Francisco, de acordo com as primeiras Constituições, transformado em homem divino, descobria a presença de Deus em todas as criaturas, porque as contemplava com os olhos de Deus: *o nosso pai, todo divino, contemplava Deus em cada criatura, especialmente no homem, e principalmente no cristão.*

61. Esta transformação e esta largueza da visão que o Senhor concedeu a Francisco constituem o fundamento do *discernimento franciscano*. O significado etimológico da palavra “*discernimento*” sugere a capacidade de distinguir e separar o sutil do grosso⁴³, ou seja, o importante do superficial, o essencial do accidental. No caso de Francisco, isso se referiria à capacidade de identificar claramente o que lhe pertencia e o que pertencia ao Senhor, como sugere uma hagiografia que lembra o elogio do santo a um bispo que reconheceu *com discricção*⁴⁴ a ação de Deus na pregação do Pobrezinho, separando *o que é precioso do que é vil*. Precioso é claramente uma referência à ação de Deus, e vil, obviamente, é uma referência a Francisco próprio. O discernimento franciscano consiste na capacidade de estabelecer uma clara distinção entre a ação de Deus na própria vida e a pretensão de *atribuí-la a si mesmo*. Isso requer uma autêntica vida contemplativa que permita ao Capuchinho ampliar o olhar para dentro de si, reconhecer a ação misteriosa de Deus em sua vida e perceber que não é apropriado se apropriar do que não lhe pertence. As primeiras Constituições fazem referência a esse tipo de discernimento:

[...] Segundo a exortação apostólica, examinem antes de tudo com muita atenção a si mesmos, sua nulidade e indignidade, e por outro lado [contemplem] o nobre dom de Deus, concedido com tão grande caridade, para que não o recebam para a ruína de suas almas, mas para o aumento da luz, da graça e da virtude.

62. A vida eremítica dos primeiros Capuchinhos representa um contexto vital que permitiu aos frades cultivar sua vida no Espírito. Os elementos que a compõem estão intimamente interconectados e não podem ser compreendidos separadamente. Seria difícil alcançar *a contemplação*, a transformação em

⁴² [...] Francisco vê a criação e especialmente a humanidade através dos olhos de Deus, "interiormente purificada, interiormente iluminada, inflamada pelo fogo do Espírito Santo". É a essa transformação interior que se refere a expressão "inflamados pelo Espírito Santo", formulada no Capítulo Geral de 1968 e mantida até hoje. POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove...*, 47.

⁴³ Cf. COROMINAS, JOAN, *Breve Diccionario*, 197.

⁴⁴ [...] Dos Escritos de Francisco, como mostra este texto, podemos deduzir que a “discricção”, mais do que o sentido de medida e de prudência, indica sobretudo a faculdade de discernimento. POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove...*, 369.





Cristo que o Pai deseja operar em cada ser humano, se a pessoa não orientasse todas as suas faculdades a preparar uma digna morada ao Senhor Deus, como sugere a *oração mental*. E nada disso aconteceria se não se cultivassem *o silêncio e a solidão*.

Chamados Capuchinhos

Excursus

63. O nome dado aos frades que viviam como eremitas, às vezes se retirando das grandes cidades e se dedicando à oração e às obras de misericórdia, tem uma origem que remonta à forma como eram chamados pelas pessoas simples com as quais conviviam. Segundo Zaccaria Boverio, um dos primeiros cronistas da tradição capuchinha, foi o povo cristão que primeiro chamou os frades capuchinhos⁴⁵. Embora o cronista relate esse fato histórico, ele não especifica por que o povo cristão chamava os frades que levavam a vida eremítica dessa forma. Argumenta-se frequentemente que o nome está associado ao formato do capuz usado pelos primeiros frades, o que pode ser plausível, considerando que as primeiras Constituições mencionam explicitamente da sua forma:

[...] O capuz é quadrado, como se pode ver nos de São Francisco, ainda conservados como relíquias, e nos de seus companheiros, como também se pode ver em pinturas antigas e como está escrito nas *Conformidades*.

64. Para que essa explicação seja aceitável, seria necessário demonstrar que o povo cristão estava ciente das disposições das primeiras Constituições relativas à forma do *capuz*. No entanto, é difícil demonstrar isso, visto que Boverio não parece mencioná-lo. Talvez o povo comum não estivesse familiarizado com o documento legislativo, mas viu os eremitas e entrou em contato com eles. Observar o estilo de vida dos frades, seu modo de vestir e sua maneira de se apresentar aos outros pode explicar melhor por que o povo os chamava de *Capuchinhos*. Para entender a razão desse nome, bastaria relembrar algumas disposições das primeiras Constituições relativas à maneira como os frades deveriam se vestir:

[...] Não sem razão Cristo louvou a austeridade do hábito de São João Batista quando disse: "Os que usam roupas finas estão nas casas dos ricos" (Mt 11,8). Por isso, os frades, que escolheram ser desprezados na casa de Deus (Sl 83,11), são ordenados a usar as roupas mais vis, abjetas, austeras, rudes e desprezíveis que possam encontrar confortavelmente nas Províncias onde vivem. E que os frades se lembrem de que o saco com que São Francisco quis que fôssemos remendados, e as cordas com que ele quis que fôssemos cingidos, não são adequados para os ricos do mundo.

[...] O nosso hábito seja em forma de cruz, para que nos vejamos crucificados para o mundo e o mundo para nós (cf. Gl 6,14). O cinto dos frades deve ser uma corda grossa, muito vil e grossa, com nós muito simples, sem qualquer particularidade ou singularidade; assim, desprezados pelo mundo,

⁴⁵ CIURANA, JOSÉ VICENTE, *Nota sobre los origenes...*, 250.



temos mais oportunidade de nos mortificar. Não useis bonés, chapéus, nem coisas duplas ou supérfluas.

[...] A tonsura deve ser feita a cada vinte dias ou uma vez por mês, com tesoura. Não deve haver bacias, mas uma única navalha para os cálices. E a barba deve ser usada, seguindo o exemplo de Cristo Santíssimo (cf. Is 50,6) e dos nossos antigos pais, pois é algo viril e natural, rígido, desprezível e austero.

65. A referência a João Batista e a insistência em um estilo de vestir desprezível, rústico, austero, mortificado e negligenciado colocaram os primeiros frades em um estilo de vida que os aproximou dos *Padres do Deserto*, que buscavam em João Batista um modelo para sua vida reclusa e exigente. As disposições das primeiras Constituições foram incorporadas pelos frades que as pessoas observavam no campo e nas cidades. O povo cristão pode não estar familiarizado com as disposições das Constituições, mas viu os frades incorporando em seus corpos a maneira de vestir e a autoapresentação estabelecidas no documento legislativo. Cada frade, pode-se dizer, incorporava as disposições legislativas em seu próprio corpo. Essa encarnação certamente assumiu um caráter simbólico.⁴⁶ o que impressionava o povo comum e explicaria o nome pelo qual eram identificados. Uma descrição histórica do valor das roupas no século XVI poderia esclarecer o que foi afirmado:

[...] Como já dissemos, deixar a barba crescer não era a moda predominante na Europa medieval. Se observarmos pinturas e afrescos medievais, é raro encontrarmos representações de figuras barbadas. Por outro lado, barbas desgrenhadas e pelos rebeldes eram associados a indivíduos indignos (mendigos, miseráveis, loucos, etc.), a brutos, selvagens ou a um espírito anacoreta que pouco se assemelhava à igreja universal que o cristianismo hierárquico buscou estabelecer após o declínio do Império Romano do Ocidente.⁴⁷

66. Muito provavelmente, o povo comum identificava os frades com a imagem daqueles primeiros anacoretas do deserto, homens quase selvagens, dedicados a viver à parte do mundo e a levar um estilo de vida austero e exigente. Além disso, a aparência casual e rústica dos frades rompia com os parâmetros estéticos do momento cultural e enfatizava um estilo de vida evangélico que não coincidia com os cânones normais da sociedade. Este parece ser o contexto que melhor explica o nome pelo qual os primeiros frades eram chamados. Rodríguez argumenta que não foi o capuz o elemento decisivo para nomear os frades capuchinhos, mas sim todo o seu estilo de vida e a representação simbólica de suas vestimentas:

⁴⁶ [...] Talvez Bascio e o Fossombrone, na tentativa de retornar à vida de eremita, já tivessem deixado crescer a barba como símbolo da vida selvagem que alegavam praticar, fora da instituição do convento e em comunhão com a natureza, como o eremita clássico. Bartra afirma que "é inteiramente possível que a ideia da pelosidade do eremita venha da tradição oriental, que atribuía um caráter semi-bestial aos homens primitivos". (*El salvaje* 53), portanto, considerando essa tradição simbólica, é possível que a prescrição papal quanto ao uso de barbas pelos Capuchinhos estivesse ligada à ideia eremítica dos primeiros Capuchinhos. HERNÁNDEZ, *Una historia...*, 204.

⁴⁷ HERNÁNDEZ, *Una historia...*, 212.



[...] A partir dos breves de abril de 1534, os reformadores foram chamados de “capuchinhos” e, às vezes, de “Capuchinhos”, nome que se tornou oficial e invariável a partir da bula papal de 25 de agosto de 1536. De qualquer forma, o nome primitivo e popular de “Capuchinhos”, com o qual frei Ludovico de Fossombrone e seus companheiros foram apelidados, no dialeto comum camerino era sinônimo de “eremitas”, porque o capuz pontudo era o hábito tradicional dos eremitas⁴⁸.

67. Embora o capuz pontudo pareça ter tido um impacto significativo no processo de nomeação, serviu apenas como um marcador para identificar os primeiros frades como eremitas. O nome “Capuchinho”, portanto, refere-se à vida eremítica dos primeiros frades⁴⁹. Essa convicção é reiterada por Rodríguez quando escreve:

[...] Diverso é o caso dos monges descalços da Custódia do Santo Evangelho na Espanha. Eles precederam os Capuchinhos de 30 anos e eram chamados de “frates do Santo Evangelho” o “frates de Caputio” e popularmente chamados “capuchos” não pela vida eremítica que levavam, mas pelo capuz piramidal que tinham adotado, acreditando fazer parte do hábito de São Francisco⁵⁰.

68. Isso confirmaria, portanto, que o nome *Capuchinhos* tem origem popular e não se refere a uma parte do hábito dos primeiros religiosos, o capuz pontudo, mas à totalidade de um estilo de vida, o eremitismo, que se expressava em uma maneira particular de se vestir, de se apresentar ao mundo e de se relacionar com os outros. Várias considerações emergem do exposto. A origem popular do nome que identifica nossa tradição capuchinha revelaria que os frades, embora levassem uma vida reclusa, de silêncio e solidão, entravam em contato com as pessoas do campo, das vilas e das cidades. Eles não eram eremitas em sentido estrito, retirados da vida social e distantes das verdadeiras necessidades do povo. Eram frades que buscavam sinceramente a Deus para se encherem d’Ele e, por assim dizer, para doá-Lo aos outros no contato da vida cotidiana. Talvez eremita fosse uma forma de se referir àqueles homens de Deus que se retiravam temporariamente para as montanhas para encontrar Deus e retornavam, como Moisés, imbuídos d’Ele para beneficiar os outros, como dizem as primeiras Constituições: para que, *bem aquecidos, pudessem aquecer os outros*.

69. A vida eremítica dos primeiros Capuchinhos, do qual deriva o nome popular⁵¹, Ela assume particular relevância para a tradição capuchinha, daí a primazia do espírito e da vida de oração. Silêncio e solidão, oração mental e contemplação não são realidades isoladas ou opcionais, como se

⁴⁸ RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 218.

⁴⁹ [...] O discurso capuz piramidal – dito “quadrado” em contraposição aquele redondo vestido pelos Observantes– que nos deu o seu nome para a eternidade, embora fizesse parte do hábito eremita (aliás, em Camerino, “Capuchinhos” era sinônimo de eremita) já havia sido adotado pelos Frades Descalços de Frei Juan de Guadalupe, chamados “capuchos” ou “irmãos encapuzados” por esta característica distintiva. DE VILLAPADIerna, ISIDORO. *La tendencia eremitica nei primi Cappuccini di Spagna*, in: *Studi sul francescanesimo*, Vol. 79, n. 362-363 (1978): 296.

⁵⁰ RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 218.

⁵¹ [...] Se examinarmos as fontes narrativas do século XVI e o generoso apostolado dos frades nos púlpitos, igrejas, hospitais e campos, veremos como eles sempre estiveram muito próximos do povo. ELIZONDO, FIDEL, *Los primeros...*, 37.





se pudesse escolher uma ou outra com exclusão das demais; fazem parte de um caminho espiritual que conduz a uma relação íntima com Deus, a uma verdadeira conformação a Cristo e ao desenvolvimento de um ministério de misericórdia para com os outros. Este parece ser o núcleo fundamental e histórico que imprimiu sua identidade à nossa tradição capuchinha, uma tradição reconhecida pelo povo comum que nos identificou com um nome, *Capuchinhos*, incorporado ao título das primeiras Constituições Capuchinhas: Frades Menores *ditos* Capuchinhos. Frei Bernardino d'Asti, referindo-se à primazia da vida no espírito, afirma categoricamente:

[...] A oração é o objetivo da Regra de São Francisco... Sem oração, é impossível perseverar na vida religiosa... Se queres ser bom, reza bem; se queres ser melhor, reza melhor; se queres ser perfeito, reza perfeitamente. Quanto mais rezares e quanto mais agradável fores ao Senhor, melhor serás para Deus... Se me perguntares em que consiste a vida religiosa, responderei que consiste na oração. E se me perguntares mil vezes, sempre te direi que consiste na oração... ”⁵².

Sem próprio

70. Por meio da oração mental, o Capuchinho identifica as dinâmicas interna de seus vícios e pecados, prepara seu mundo interior para deixar Deus ser o único protagonista e renuncia à excessiva autoestima. Nesse processo de esvaziamento e descentralização de si mesmo, o Senhor toma posse da pessoa para governar sua vida, inundando tudo com sua presença santificadora e vivificante. É nesse contexto existencial que podemos encontrar o sentido de viver sem nada de próprio, como afirmam categoricamente as duas regras franciscanas. A pobreza franciscana encontra seu sentido original nessa experiência espiritual. Francisco encontra a experiência do esvaziamento voluntário de si mesmo na pessoa de Jesus e em todo o seu ministério público. Seguindo o santo fundador, as primeiras Constituições dedicam um número inteiro a apresentar a pobreza de Cristo como fundamento da pobreza dos Capuchinhos:

[...] O nosso Seráfico Pai, São Francisco, considerou a extrema pobreza de Cristo, Rei do céu e da terra, em sua própria vida: ao nascer, não teve sequer um lugar em uma hospedaria; durante sua vida, viveu como peregrino em casas alheias e, ao morrer, não teve onde reclinar a cabeça. Ele também refletiu sobre quão extremamente pobre sempre fora em todos os outros aspectos. Para imitá-lo, ordenou a seus irmãos em sua Regra que nada tivessem de próprio, para que, livres como peregrinos na terra e cidadãos do céu, pudessem correr com espírito fervoroso pelo caminho de Deus.

71. Cristo é apresentado como Rei do céu e da terra, o que implica soberania sobre toda a criação e, ao mesmo tempo, ele é descrito como um peregrino na casa de outras pessoas, sem sequer um lugar

⁵² DE POBLADURA, MELCHOR, *La bella e santa riforma*, n. 688s., in: IRIARTE, *Fisionomía espiritual de los Capuchinos*, 274.





para reclinar a cabeça. O contraste é claro: o soberano da criação, o senhor de tudo, vivia sem possuir nada. Esta é a motivação cristológica que explica a escolha franciscana de viver sem nada que lhe fosse próprio. O Capuchinho, como São Francisco, deve renunciar voluntariamente a ser dono ou senhor. A segunda parte do número anterior e a primeira parte do número seguinte estabelecem isso claramente:

[...] Desejando portanto imitar verdadeiramente o nobre exemplo de Cristo, observemos com sinceridade o preceito seráfico da pobreza celestial e demonstremos efetivamente que não temos jurisdição, domínio, propriedade, posse legal, usufruto ou mesmo uso legal de qualquer coisa, mesmo daquelas coisas que usamos por necessidade.

[...] Fica estabelecido que seja mantido um inventário em todos os nossos lugares, no qual serão registradas as coisas de valor notável emprestadas por seus donos para nosso uso necessário e simples.

72. A renúncia dos capuchinhos à propriedade, mesmo dos utensílios utilizados nas celebrações litúrgicas, liberta-os das preocupações deste mundo, ajuda-os a evitar brigas ou desentendimentos entre si, permite-lhes cultivar a humildade e a confiança na Providência divina, permite-lhes viver como peregrinos na terra e, acima de tudo, encoraja-os a conformar-se com Cristo pobre. Essa renúncia à propriedade foi expressa nas primeiras Constituições de uma forma que ofenderia a sensibilidade de muitos capuchinhos hoje:

[...] E, dentro da oitava do Pai Seráfico, cada um dos guardiães deverá dirigir-se o mais breve possível ao dono do lugar, agradecer-lhe o espaço que lhe foi emprestado durante o ano transcorrido e pedir-lhe humildemente que se digne emprestá-lo aos irmãos por mais um ano. Se ele consentir, poderão residir ali com a consciência tranquila. Mas se ele não consentir, sem qualquer sinal de tristeza, mas sim com alegria de coração e acompanhados de pobreza divina, partirão gratos pelo tempo que lhes foi emprestado e sem se ofenderem se não lhes for emprestado novamente, visto que pertence ao dono e ele não é obrigado a fazê-lo. Farão o mesmo com outras coisas de valor notável, como cálices e objetos semelhantes, devolvendo-os também aos seus donos quando convenientemente o puderem fazer.

73. O termo "expropriação" significa renunciar a algo próprio ou privar alguém de seus bens. O primeiro significado explicaria as disposições das primeiras Constituições a respeito daqueles que pediam para ser aceitos na obediência e sua subsequente escolha pela pobreza. Apesar dessa escolha radical, a própria expropriação ocorre quando o Capuchinho se esvazia consciente e voluntariamente para que Deus seja seu único tesouro. Sem uma expropriação teológica e cristológica, qualquer escolha pela pobreza carece de fundamento, solidez e profundidade. Todas as disposições das primeiras Constituições a respeito da pobreza pressupõem esta compreensão da expropriação:

[...] Para que os frades alcancem o ápice da mais alta pobreza, rainha e mãe de todas as virtudes, esposa de Cristo Nosso Senhor e do Seráfico Pai e nossa mãe diletíssima, todos os frades são exortados a não desejar nenhuma afeição na terra, mas a ter sempre o seu amor no





céu; a usar as coisas deste mundo quase à força, com a maior parcimônia, conforme a fragilidade humana o permite.

[...] Por outro lado, cada frade considere que a pobreza evangélica consiste em não ter afeição por nenhuma coisa terrena; em usar estas coisas do mundo com muita parcimônia, quase à força, impelidos pela necessidade e para a glória de Deus, a quem devemos dar tudo; em dar aos pobres o que nos sobra, para a glória da pobreza.

[...] A pobreza voluntária nada tem, é completamente rica e feliz, nada teme e deseja, e nada pode perder, tendo colocado seu tesouro em um lugar seguro. Portanto, para eliminar verdadeira e verdadeiramente a possibilidade de toda propriedade, é ordenado que nenhum frade tenha a chave de uma cela, gaveta, armário ou outro objeto, exceto aqueles encarregados de cuidar do que devem distribuir à comunidade dos frades, de acordo com a justiça e a razão.

[...] Supondo que não possuímos nada neste mundo, não é permitido a nenhum frade dar nada aos leigos sem a permissão de seus tutores. Além disso, estes últimos não podem dispensar ou conceder permissão, exceto para assuntos de menor e insignificante importância, sem a permissão de seus vigários provinciais.

74. A expropriação franciscana, mais do que uma escolha sociológica ou uma exigência institucional, deve ser entendida como consequência da vida contemplativa. A abundância da presença divina na realidade interior do capuchinho constitui sua riqueza única, o tesouro mais importante que o impele a despojar-se de tudo o mais e a considerar tudo o mais como uma simples *mediação* que serve para sustentar sua existência. Essa capacidade de compreender as realidades temporais como mediações permite ao capuchinho libertar-se do impulso de ser proprietário, de se apropriar de recursos, lugares, empregos, pessoas e até mesmo de seus próprios desejos, predispondo-o a viver como peregrino e estrangeiro neste mundo — isto é, a ser *itinerante*. A itinerância franciscana é, de fato, a manifestação pessoal e comunitária da expropriação, como sugere o já mencionado número setenta das primeiras Constituições. Sem expropriação, a itinerância não é possível, e sem a vida contemplativa, tampouco o é a vida itinerante.

75. A expropriação permite a Francisco compreender que a única coisa que pode ser considerada sua é aquilo que não faz parte de Deus, como ele exorta seus irmãos na Regra sem carimbo: *E sabemos firmemente que só nos pertencem os vícios e os pecados*. Tudo o que o Todo-Poderoso realiza por meio dos irmãos pertence somente a Ele, e não podemos nos vangloriar de nada como se fosse nosso. Essa expropriação radical se materializa em um estilo de vida que exige o mínimo, as necessidades básicas de subsistência, como afirma o santo em seu *Testamento*: *E aqueles que vieram a abraçar esta vida distribuíram aos pobres tudo o que podiam obter (Test 1,3), e eram contentes com uma única túnica, remendada por dentro e por fora, uma corda e calções. E não desejavam ter nada a mais.*



76. A expropriação como renúncia voluntária à própria vontade é também o fundamento da *obediência* franciscana⁵³. A etimologia do termo é ligada à total disponibilidade do credente à escutar atentamente a Palavra de Deus⁵⁴, para compreender a Sua vontade e cumpri-la. A oração de Jesus no Jardim do Getsêmani é o paradigma da obediência perfeita, pois envolve renunciar à própria vontade para cumprir a vontade de Deus, confiando plenamente na Sua Palavra. Através da expropriação, o capuchinho renuncia à sua própria vontade, ouve atentamente a voz do Onipotente que lhe fala ao coração e prepara-se para cumprir o santo e verdadeiro mandamento do seu Senhor. Sem expropriação, a obediência é impossível.

A austeridade

77. A etimologia do termo “*austeridade*” é ligada ao severo⁵⁵, ao rígido, ao duro, referindo-se especificamente a um estilo de vida que, pelas suas características, Contrasta com uma vida de luxo ou opulência. A austeridade é uma característica que identifica os seguidores de Jesus; envolve a renúncia voluntária aos próprios desejos e a abstenção de tudo o que possa ser contrário à vida evangélica⁵⁶. Nas exigências do seguimento de Cristo, na Regra de São Francisco e no exemplo dos santos, os primeiros Capuchinhos encontraram a motivação para abraçar voluntariamente uma vida de austeridade, como expresso nas primeiras Constituições:

[...] Não sem razão Cristo louvou a austeridade do hábito de São João Batista quando disse: Aqueles que usam roupas finas estão nas casas dos ricos.

[...] está ordenado que todos os frades, exceto os doentes ou muito fracos, durmam sobre tábuas nuas, esteiras, samambaias ou um pouco de palha ou feno; e não durmam sobre cobertores.

[...] A abstinência, a austeridade e o rigor são especialmente louvados nos santos. Escolhemos, seguindo o exemplo de Cristo Nosso Senhor e de São Francisco, uma vida austera.

78. A austeridade adotada pelos primeiros Capuchinhos era um testemunho prático das convicções evangélicas e franciscanas que eles livremente adotaram para se conformar a Cristo e a Francisco.

⁵³ [...] A obediência faz parte da pobreza franciscana, da vida "sem nada de próprio", como diz Francisco. A obediência, como renúncia a toda a própria vontade, a todos os projetos pessoais e autônomos, é certamente o aspecto mais doloroso da pobreza franciscana. É mais exigente do que a renúncia a bens e coisas materiais, porque envolve o despojamento de todas as posses e vontades interiores. POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove...*, 310.

⁵⁴ Cf. COROMINAS JOAN, *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana* (Editorial Grados, Madrid, 2008), 394.

⁵⁵ Cf. COROMINAS, JOAN, *Breve diccionario...*, 53

⁵⁶ [...] A austeridade é uma estratégia, aprendida na experiência da santidade da Igreja ao longo dos séculos, para superar o amor-próprio e negar a própria vontade, conformando-a à de Deus. RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 26.



Não era meramente uma escolha individual, nem se limitava à maneira como se vestiam ou se apresentavam aos outros; era uma escolha comunitária que determinava até mesmo a natureza de suas casas e o tipo de igrejas que podiam aceitar. As primeiras Constituições expressam isso claramente:

[...] Como peregrinos e seguindo o exemplo dos antigos patriarcas, devemos viver em pequenas casas, casebres e choupanas. Portanto, os frades são exortados a lembrar as palavras do Seráfico Pai em seu testamento, onde ele os proíbe de qualquer forma de aceitar igrejas e casas construídas para eles, a menos que sejam construídas com a máxima pobreza. Disto se segue que é ainda menos permissível aos frades consentir ou construir edifícios suntuosamente construídos. Os frades não devem, para agradar aos senhores do mundo, desagradar a Deus, transgredir a regra, escandalizar os outros ou ofender a prometida pobreza evangélica. Deve haver uma grande diferença entre os grandes palácios dos ricos e os pequenos casebres dos pobres mendigos, peregrinos e penitentes.

79. As primeiras Constituições não usam o termo “convento” para se referir ao espaço no qual viviam os frades; em vez disso é usado o termo “lugar”, para indicar que os espaços ocupados não eram propriedade dos frades e que estes poderiam facilmente abandoná-los se os legítimos proprietários assim o decidissem. O contraste entre os grandes palácios dos ricos e os pequenos casebres dos pobres permite-nos compreender não só a opção evangélica dos primeiros Capuchinhos, mas também a crítica profética que o seu estilo de vida representava para os grandes e poderosos da sua época. A austeridade, portanto, assume um caráter profético e um convite silencioso a viver segundo o Evangelho, renunciando às preocupações do mundo⁵⁷. Para garantir a austeridade como opção de vida compartilhada pelos frades, as primeiras Constituições estabeleceram um modelo para a construção dos lugares que eles iriam habitar:

[...] Para este fim, foi feito um pequeno modelo, segundo o qual será construído. As celas não devem exceder nove palmos de comprimento e largura; sua altura, dez. As portas [são] sete palmos de altura e dois e meio de largura. As janelas, dois e meio de altura e um e meio de largura. O corredor do dormitório, seis palmos de largura. Da mesma forma, os demais quartos devem ser pequenos, humildes, pobres, desprezíveis e baixos, para que tudo pregue humildade, pobreza e desprezo pelo mundo. As igrejas também devem ser pequenas, pobres e decentes. Nem devem desejar que sejam grandes para que possam pregar, pois, como diz São Francisco, dá-se melhor exemplo pregando nas igrejas dos outros do que na própria, especialmente se isso ofende a santa pobreza.

⁵⁷ [...] A austeridade é um componente típico da reforma capuchinha: "Não foi apenas o amor à pobreza que levou aquela primeira geração de Capuchinhos a buscar austeridade em seus hábitos, calçados e camas; havia também um desejo irreprimível de penitência, levado a extremos que hoje pareceriam inacreditáveis. Mas um amplo espírito de liberdade e prudência reinava em todos os lugares. Quase todas as práticas penitenciais eram absolutamente voluntárias." RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 225. Cfr. FREGONA, ANTONIO, *I frati ...*, 196. Cfr. IRIARTE, LAZÁRO, *Fisonomía espiritual de los Capuchinos*, 283.



[...] Os frades também se esforcem, na medida do possível, para construí-las, se possível, com galhos e barro, juncos, tijolos de barro e outros materiais vis, seguindo o exemplo do Nosso Pai como sinal de humildade e pobreza. Que tomem como modelo as pequenas casas dos pobres, e não edifícios modernos.

80. Os lugares habitados e utilizados pelos frades devem refletir a consciência de viver neste mundo como peregrinos e estrangeiros, sem um lar próprio permanente, e de renunciar à curiosidade e à superficialidade — isto é, a tudo o que não é essencial à vida e pode ser fonte de ostentação. A austeridade, assim entendida, contrasta com a *curiosidade*, que, embora etimologicamente enraizada no desejo de conhecimento, adquiriu nas primeiras Constituições uma conotação indicativa de superficialidade ou falta de sentido que poderia, entre outras coisas, distrair os frades do que é verdadeiramente fundamental:

[...] O cingulo dos frades deve ser de corda grosseira, grosseira e tosca, com nós muito simples, sem nenhuma esquisitice ou peculiaridade; assim, desprezíveis no mundo, temos mais ocasião de nos mortificar. Não devem usar gorros, chapéus, nem coisas duplas ou supérfluas.

[...] Devem ter dois cálices pequenos, um de lata e outro apenas com uma taça de prata. E não mais do que três adornos muito limpos e simples, sem ouro, prata, veludo, seda ou outras curiosidades ou objetos preciosos.

[...] Para que a pobreza, esposa santa de Cristo Nosso Senhor e amada de nosso Pai, permaneça sempre em nós, os frades devem evitar qualquer esquisitice, superfluidade ou preciosidade em assuntos pertinentes ao culto divino.

81. Os termos "*singularidade*", "*preciosidade*" e "*supérfluo*", que reforçam o significado de curiosidade, visam identificar todos aqueles objetos ou instrumentos, seja para vestimenta ou para o serviço litúrgico, que não são verdadeiramente necessários, que poderiam ser dispensados e que eram usados pelo povo da época para ostentação ou para reafirmar estilos de vida canonizados pela cultura dominante. A austeridade, assim entendida e adotada, era uma personificação concreta da *simplicidade* franciscana, que se refere a uma vida sem complicações e duplicidade. Iriarte argumenta que a austeridade capuchinha não apenas distanciava os frades das preocupações do mundo circundante, mas também constituía uma crítica verdadeiramente profética:

[...] O homem do século XVI, fosse aristocrático ou burguês, amava o conforto, a boa vestimenta e, principalmente, os sapatos confortáveis; a vaidade dos ricos manifestava-se na ostentação de grandes palácios com seus portais solenes, grandes janelas, salões ricamente decorados, carruagens luxuosas, vilas imponentes e banquetes com uma variedade de iguarias refinadas. Para os capuchinhos, a pobreza não significava apenas escolher um estilo de vida pobre, mas também a resposta profética a todo aquele "mundo"⁵⁸.

⁵⁸ IRIARTE, LAZÁRO, *Fisonomía espiritual de los Capuchinos*, 283.



A minoridade

82. Em suas cartas, Francisco frequentemente se apresenta com expressões que revelam sua consciência de estar a serviço dos outros: *Irmão Francisco, vosso pequeno e desprezível servo no Senhor Deus; Irmão Francisco, vosso servo e pequeno no Senhor Deus; Irmão Francisco, o menor dos servos de Deus; Irmão Francisco, seu servo e súdito*. Ele também reafirma frequentemente essa condição de serviço usando a combinação de "ministro" e "servo". Referências à *pequenez* e à *subordinação* podem remeter a categorias sociais medievais; no entanto, é mais provável que haja uma ressonância bíblica aqui na atitude humana em relação ao senhorio de Deus, exemplificada, em particular, pela resposta de Maria ao anjo do Senhor: "Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra". Do termo "doulos" (*servo*), usado no texto bíblico, podemos deduzir o significado dos termos latinos "servus" e "ministro", palavras familiares e usadas por Francisco.

83. A minoridade é entendida, antes de tudo, como uma atitude vital, um modo de ser e de se relacionar com os semelhantes, que implica a renúncia voluntária à pretensão de ser e de se colocar acima dos outros⁵⁹. Foi assim que Francisco entendeu quando exortou todos os fiéis: *Nunca devemos desejar ser superiores aos outros, mas, ao contrário, devemos ser servos e sujeitos a toda criatura humana por amor a Deus* (1 Pedro 2,13). As Constituições posteriores reiteram isso quando estabelecem que *a minoridade exige a renúncia a toda forma de prestígio, poder, dominação social, política ou eclesiástica*. Tudo isso, sem dúvida, tem fundamento no ensinamento de Jesus aos seus discípulos: "Mas vós não deveis ser chamados «Mestre», porque um só é o vosso Mestre, e todos sois irmãos." As primeiras Constituições preservam esse espírito evangélico e franciscano em alguns de seus parágrafos:

[...] Por isso, segundo a doutrina apostólica, quis que os seus irmãos, por amor d'Aquele que se humilhou por nós, se submetessem a Deus em toda a criatura, e chamou-os Frades Menores, para que não só se considerassem inferiores a todos em seus corações, mas também para que, convidados à Igreja Militante para as bodas do Santíssimo Esposo Jesus Cristo, procurassem estar em último lugar, segundo o Seu conselho e exemplo.

[...] o Capítulo Geral renuncia aos privilégios de ser livres e isentos dos Ordinários, e como privilégio supremo aceitamos, com o Seráfico Pai, estar sujeitos a todos.

[...] Esforçai-vos, segundo a doutrina de Cristo, nosso misericordioso Senhor, para serdes os últimos com Ele quando convidados para as Suas bodas, e não os primeiros com Lúcifer, sabendo que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros. Rejeitando as dignidades com Cristo, não as aceiteis, a menos que sejais chamados por Deus através da santa obediência, como Aarão.

⁵⁹ A combinação pobreza-humildade encontrada nos escritos de São Francisco é expressa pelo termo minoridade, que indica a atitude evangélica de não ocupar os primeiros lugares, de não estar acima dos outros, de não se impor a ninguém, mas de estar a serviço de todos, sempre disponível para fazer o bem sem buscar recompensa, gratidão, honra ou glória. IRIARTE, LAZÁRO, *Fisionomía espiritual de los Capuchinos*, 281.





84. A minoridade, como renúncia voluntária a sentir-se superior, a buscar o primeiro lugar, a querer impor a própria vontade aos outros ou a assumir a atitude de líder ou mestre, exige que o capuchinho compreenda e encarne a abnegação, que é, por sua vez, produto da contemplação. Recordemos que, por meio da contemplação, o frade se esvazia para permitir que Deus governe sua vida e seja seu único protagonista, o que implica também colocar-se no lugar de servo, disposto a fazer sempre a vontade de Deus, renunciando à própria vontade e *submetendo-se a todos*. Colocar-se no lugar de servo implica, portanto, renunciar a ser senhor ou mestre, porque se reconhece o domínio único e exclusivo de Deus. Chegar a esse ponto de vazio total, de profunda humildade e de submissão consciente não é tarefa fácil, nem depende exclusivamente do esforço humano. A minoridade é, ao mesmo tempo, um dom da graça divina e uma tarefa humana que exige renúncia voluntária, abnegação e confiança absoluta em Deus.

85. Francisco entendia que a minoridade era indispensável para que as relações pessoais entre os frades não fossem influenciadas por nenhuma forma de assimetria, ou seja, por distinções entre irmãos baseadas na origem social, no nível de educação, nas qualidades pessoais ou nas tarefas confiadas dentro da fraternidade⁶⁰. A minoridade impede qualquer forma de apropriação que possa colocar os irmãos uns contra os outros ou gerar rupturas dolorosas que ameacem a vida fraterna. Nessa perspectiva, a minoridade é uma condição indispensável para compreender e vivenciar a fraternidade. Sem a minoridade, a fraternidade não é possível.

A fraternidade

86. A fraternidade não é propriamente uma criação de Francisco; é fundamentalmente um dom divino⁶¹. O próprio santo afirma em seu Testamento: "*Depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me ensinou o que eu deveria fazer, mas o próprio Altíssimo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho. É o Altíssimo quem lhe revela como viver, segundo o santo Evangelho, e com quem vivê-lo, com os irmãos.*" Afirmar que o dom dos irmãos é uma iniciativa divina abraçada por Francisco não define estritamente o que é fraternidade. Embora o termo "*fraternidade*" apareça nos escritos de São Francisco, eles não oferecem uma definição que explique seu significado e em que consiste, visto que parece indicar ou se referir ao grupo de irmãos reunidos para um propósito comum, talvez como *sinônimo de religião ou de ordem*.

⁶⁰ Os cronistas nos oferecem imagens marcantes de engenhosidade, espontaneidade, harmonia e assistência mútua, demonstrações de amor fraterno até a ternura, em uma atmosfera de alegria e simplicidade. Recuperando a espontaneidade original da comunidade primitiva de Francisco e seus companheiros, eles consideravam absurdas as convenções de preferências, hierarquias, isenções e tudo o que compromettesse a igualdade fraterna, incluindo a distinção entre padres e não padres dentro do grupo. Nas primeiras décadas, a maioria dos superiores locais eram irmãos não clérigos, e eles também participavam dos capítulos como delegados, até que o Concílio de Trento pôs fim a essa prática. RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 231.

⁶¹ POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove ...*, 208.



87. Para compreender o significado da palavra "*fraternidade*", devemos considerar as atitudes, gestos, palavras, reações e comportamentos do próprio Francisco em relação aos seus frades, bem como suas exortações a todos os frades para que vivam e sejam verdadeiros irmãos. Abaixo, uma breve lista de atitudes e comportamentos que Francisco recomenda para promover relacionamentos interpessoais autênticos entre os frades e fortalecer a vida fraterna:

[...] E onde quer que os irmãos estejam e se encontrem, manifestem a sua mútua familiaridade. E expressem com confiança as suas necessidades uns aos outros, pois se uma mãe cuida e ama o seu filho carnal (cf. 1 Ts 2,7), quanto mais amorosamente cada um deve amar e cuidar do seu irmão espiritual? E se um deles adoecer, os outros irmãos o sirvam como eles mesmos gostariam de ser servidos (cf. Mt 7,12).

[...] Admoesto e exorto sinceramente, no Senhor Jesus Cristo, que os irmãos se guardem de toda a soberba, vanglória, inveja, avareza (cf. Lc 12,15), solicitude e preocupações pelas coisas deste mundo (cf. Mt 13,22), calúnia e murmurações.

[...] Bem-aventurado o homem que suporta o seu próximo segundo a sua fraqueza, naquilo em que gostaria de ser suportado por ele, se estivesse em situação semelhante (Gl 6, 2; Mt 7,12).

[...] Bem-aventurado o servo que ama tanto o seu irmão quando está doente, que não pode retribuir, quanto o ama quando está bem, que não pode retribuir.

[...] Bem-aventurado o servo que ama e respeita o seu irmão quando está ausente como quando está com ele, e não diz nada pelas costas que não pudesse dizer com caridade diante dele.

88. As referências à figura da *mãe* e às relações *familiares* entre irmãos sugerem que a fraternidade não se reduz à coexistência pacífica entre estranhos ou à associação de pessoas que trabalham juntas por uma meta institucional. No espírito das imagens utilizadas por Francisco, estes são verdadeiros laços interpessoais caracterizados pela compreensão mútua, confiança, cuidado mútuo e afeto sincero entre irmãos e irmãs. Estas citações enfatizam o aspecto da *necessidade*, seja por fragilidade ou por doença, uma vez que a necessidade nos torna vulneráveis e requer a presença de outra pessoa que possa nos *apoiar*, isto é, que possa nos oferecer um apoio específico. A importância de dominar as próprias paixões também é enfatizada para cultivar laços saudáveis entre irmãos e irmãs, uma vez que os vícios e pecados de cada um impactam diretamente nas relações fraternais e prejudicam o vínculo familiar entre irmãos. Sem relações interpessoais autênticas, íntimas, saudáveis, respeitadas e afetuosas entre irmãos e irmãs, seria muito difícil viver a fraternidade e testemunhá-la aos outros.

89. Para São Francisco, ser irmãos significa aprender a estabelecer vínculos verdadeiros e saudáveis com os outros, apesar das limitações e conflitos interpessoais inerentes à nossa condição humana. Para isso, é essencial ter iniciado um verdadeiro processo de *conformação* a Cristo por meio da penitência, da contemplação, da abnegação e da minoridade. Nessa perspectiva, a fraternidade não é um ponto de partida, como se fosse uma realidade preexistente, mas sim um ponto de chegada para





aqueles que se sentem movidos pelo Espírito do Senhor a abraçar esse modo de vida e, portanto, uma tarefa contínua da qual todos devemos participar. As primeiras Constituições capuchinhas refletem essa inspiração franciscana a respeito da fraternidade:

[...] Para serdes verdadeiros discípulos de Cristo, amai-vos sinceramente uns aos outros, suportando as faltas uns dos outros; praticai sempre o amor divino e a caridade fraterna; procurai continuamente dar bom exemplo uns aos outros e a todos os homens; fazei também violência continuamente às vossas paixões e inclinações viciosas, porque, como diz o nosso Salvador, o reino dos céus sofre violência, e os violentos, isto é, os que usam de força e violência contra si mesmos, apoderam-se dele pela força (Mt 11,12).

[...] Ordena-se também que os frades não peçam nem recebam alimentos requintados, impróprios para o nosso pobre estado. Da mesma forma, não se devem usar especiarias, exceto quando necessário para os doentes, para os quais se deve mostrar toda a caridade possível, como prescrevem a Regra e toda lei justa, seguindo o exemplo do nosso Seráfico Pai, que não se envergonhava de pedir publicamente carne para eles.

[...] Para cuidar dos doentes, como a razão dita, a regra ordena e a caridade fraterna exige, está ordenado que, quando alguém adocece, o padre guardião designe imediatamente um irmão idôneo para assisti-lo em todas as suas necessidades. Quando for oportuno que ele mude de lugar, isso deve ser feito imediatamente. Cada irmão deve considerar o que gostaria que fosse feito em tal caso. Não há mãe terna e sensível que ame seu único filho tanto quanto cada irmão, como afirma nosso piedoso pai na regra.

90. A motivação fundamental para aprender a ser irmãos é seguir a Cristo, o que leva a ações concretas para cultivar relacionamentos interpessoais autênticos: amar-se cordialmente, apoiar-se mutuamente, praticar a caridade, dar o bom exemplo e refrear as próprias paixões. Sem esses pré-requisitos, a fraternidade poderia se tornar uma simples justaposição de pessoas que ocupam um espaço comum, que vivem e trabalham juntas, mas que não se conhecem e não se sentem como uma verdadeira família. As inclinações viciosas de cada irmão são destacadas como verdadeiros obstáculos à vida fraterna; daí o convite ao autodomínio constante por meio da penitência. O cuidado e o bom tratamento dos irmãos *doentes* são uma oportunidade para superar as inclinações viciosas, superar a preocupação excessiva com as próprias necessidades e desenvolver a dimensão *materna* do nosso estilo de vida.

91. Nesse contexto de relações interpessoais saudáveis que a fraternidade pressupõe, o significado de castidade pode ser compreendido. O termo castidade é mencionado nas Constituições mais antigas; no entanto, seu significado não é explicitado. A *castidade* aparece ligada à pureza de coração, à prudência nos relacionamentos e à discrição na conversação. Em outras palavras, castidade poderia se referir ao cultivo de relações saudáveis não apenas com os irmãos e irmãs, mas com qualquer pessoa com quem entremos em contato, homens ou mulheres, como indicado no primeiro documento legislativo:



[...] Para que, com um coração puro, possam ver a Deus com os olhos da fé sincera e estejam melhor preparados para as coisas celestiais, os irmãos não devem ter relações suspeitas com mulheres, nem conversas supérfluas, nem conversas longas e inúteis. Em caso de necessidade, e para dar bom exemplo ao mundo, devem estar sempre em um lugar aberto para que seus irmãos possam vê-los. Assim, serão um suave perfume de Jesus Cristo em todos os lugares, conversando com pureza, discrição e honestidade.

[...] Da mesma forma, não queremos que mulheres entrem em nossos lugares sem grande necessidade ou por excessiva devoção, quando poderiam ser rejeitadas sem escândalo. Quando entrarem, devem ser acompanhadas por homens e mulheres honestos. E antes de admiti-las, deve-se primeiro obter o consentimento dos irmãos daquele lugar. E devem ser designados dois irmãos maduros e santos para acompanhá-las, que sempre lhes falem, com honesta piedade e bom exemplo, sobre coisas edificantes em Cristo nosso Senhor e sobre a salvação da alma. E não apenas com mulheres; Mesmo com leigos, nossa conversa deve ser rara, porque a familiaridade excessiva com eles é prejudicial para nós.

92. A castidade, entendida como um relacionamento saudável com cada pessoa, universaliza o significado da nossa fraternidade evangélica e amplia a nossa capacidade de estabelecer laços fraternos para além dos limites das nossas fraternidades locais. Deve-se notar, tendo em conta as recomendações destes parágrafos das primeiras Constituições, que estabelecer um relacionamento saudável com os outros pressupõe, *em primeiro lugar, a nossa conformidade com Cristo, para que o perfume de Jesus Cristo esteja em toda a parte, e, em segundo lugar, a maturidade e a santidade exigidas por uma vida de penitência, contemplação e abnegação, para que possamos falar de coisas edificantes, dar bom exemplo aos outros e contribuir para a salvação dos outros.* A castidade evangélica, portanto, deve ser o melhor testemunho da nossa vida em fraternidade.

O trabalho manual

93. A escolha de Francisco de viver sem nada de próprio para se conformar a Cristo não rejeitou nem excluiu o trabalho manual como forma honesta de prover a si mesmo, como ele mesmo descreve e recomenda aos seus frades em seu Testamento: *"Trabalhei com minhas mãos e quero trabalhar; e desejo firmemente que todos os outros frades trabalhem com trabalho decente. Aqueles que não sabem, aprendam, não pela ganância de recompensa, mas pelo exemplo e rejeitando a ociosidade."* As motivações para a realização de trabalho manual, além de prover o próprio sustento, estão ligadas à rejeição da ociosidade, inimiga da alma, e ao exemplo evangélico que os frades devem oferecer ao mundo, exemplo que, por sua vez, está ligado à escolha de ser menores e à renúncia ao dinheiro:

[...] Todos os irmãos, onde quer que se encontrem em casas alheias para servir ou trabalhar, não sejam administradores, chanceleres ou diretores das casas em que servem; nem aceitem qualquer



cargo que cause escândalo ou prejudique suas almas (cf. Mc 8,16); mas, ao contrário, sejam menores e súditos de todos os que estão na mesma casa.

[...] E pelo seu trabalho recebam todas as coisas necessárias, exceto dinheiro.

94. Para Francisco, o trabalho manual assume um caráter mediador, visto que o objetivo fundamental de todo Frade Menor é *possuir o Espírito do Senhor e sua santa operação*. O fator decisivo é o vínculo com Deus e a conformação a Cristo; portanto, o trabalho manual não é considerado um fim em si mesmo, e a apropriação de um ofício específico ou de um trabalho particular é desencorajada. As primeiras Constituições preservam e promovem a intenção do santo fundador:

[...] É difícil para o homem estar sempre completamente elevado em Deus. Para evitar a ociosidade, raiz de todo mal, para dar bom exemplo aos outros, para ser menos um peso para o mundo (seguindo o exemplo do apóstolo Paulo, que pregava e trabalhava, e de outros santos), para observar a exortação ao trabalho dada na Regra por nosso pai São Francisco, e neste aspecto para se conformar à sua vontade expressa em seu testamento: é estabelecido que os frades, quando não ocupados em exercícios espirituais, trabalhem manualmente em qualquer tarefa honrosa. Mas, na medida em que a fragilidade humana o permitir, não devem negligenciar simultaneamente o exercício de suas mentes em alguma meditação espiritual. Portanto, é ordenado que sempre falem de Deus ou leiam algum livro devocional enquanto trabalham.

[...] E os frades devem ter cuidado para não colocar seu propósito no trabalho, nem nele depositar qualquer afeição, nem ter tantas ocupações que entorpeçam, diminuam ou retardem o espírito, ao qual tudo deve servir. Em vez disso, mantendo sempre os olhos abertos para Deus, devem seguir o caminho mais elevado e mais curto. Dessa forma, o trabalho, dado ao homem por Deus, aceito pelos santos e recomendado para preservar a devoção espiritual, não lhes causará distração ou falta de devoção.

95. A primazia da vida no Espírito para os Capuchinhos não justifica a renúncia ao trabalho manual ou a sua substituição por outros tipos de atividades. O trabalho manual é valorizado, desejado e exigido por São Francisco, razão pela qual ele os exorta a preservar as habilidades manuais adquiridas antes de entrar na obediência, conforme estabelecido na regra não certificada: *"Os frades que sabem trabalhar, trabalhem e pratiquem o mesmo ofício que conhecem, desde que não seja contrário à saúde da alma e possa ser feito com decoro"*. Ele admoesta aqueles que não sabem trabalhar com as mãos a aprenderem um ofício condizente com o modo de vida livremente aceito. Renunciar ao trabalho manual significaria, no espírito das primeiras Constituições, abrir caminho à ociosidade, que não só ameaça a vida no Espírito, mas também constitui um pesado fardo para os demais frades.

96. A insistência na natureza manual do trabalho poderia ser explicada como uma forma de evitar desculpas que isentam os frades de usar as mãos para realizar trabalhos ou tarefas domésticas. Embora as Constituições mais recentes valorizem as atividades intelectuais ou acadêmicas como verdadeiro





trabalho, elas também incentivam esses frades a participar dos serviços domésticos da fraternidade local⁶². O que é recebido como compensação pelo trabalho, insistem as Constituições, não é propriedade do frade que trabalha, mas pertence à fraternidade e está disponível para atender às necessidades de todos os frades. Todas essas indicações reforçam a crença de que o trabalho manual é um meio de mediação que permite aos frades usar as mãos para sustentar a fraternidade, previne a ociosidade que enfraquece a alma, promove a solidariedade e o cuidado mútuo entre os frades e contribui para consolidar a vida no Espírito, única finalidade dos Capuchinhos segundo as primeiras Constituições.

Mendicantes

97. A mendicância é um dos traços característicos da nossa identidade carismática que perdeu visibilidade e destaque ao longo dos anos⁶³, apesar de ser reconhecida na Igreja como uma Ordem mendicante⁶⁴. A maior parte dos nossos santos Capuchinhos foi caracterizada precisamente pela prática da mendicância. Pode-se argumentar que a mendicância pertence a outra época e não teria sentido hoje por ser uma atividade anacrônica, inadequada às condições culturais e sociais atuais. Talvez seja oportuno recordar, em consonância com a genuína inspiração da tradição capuchinha, sua intenção e significado, para que possamos ter a base para a compreensão desse traço distintivo do nosso estilo de vida.

98. Recorrer à mesa do Senhor, isto é, praticar a esmola ou a mendicância, era a opção que Francisco recomendava aos seus frades quando os frutos do trabalho manual não eram suficientes para cobrir as necessidades primárias dos frades, especialmente dos doentes. Nessa perspectiva, a esmola era um recurso exigido pelas circunstâncias para satisfazer as necessidades primárias, em primeiro lugar as dos irmãos: *E quando não recebemos o preço do nosso trabalho, recorreremos à mesa do Senhor,*

⁶² O trabalho manual e doméstico permite-nos experimentar o amor sacrificial pelos nossos irmãos e irmãs, na humildade e na minoridade do serviço. Se praticado com dedicação, desde a formação inicial, permite-nos desenvolver um sentido de pertença à fraternidade local e a Circunscrição; torna-se uma expressão concreta de cuidado pela pertença de todos e de solidariedade para com os mais pobres. Em algumas culturas, o cuidado com o trabalho manual e doméstico pode significar uma mudança de mentalidade e proclamar a igual dignidade dos filhos e filhas de Deus. VIII CPO, *A graça de trabalhar*. Roma: 2015, n. 10.

⁶³ No contexto da sociedade contemporânea, a forma tradicional de mendicância — como era praticada há séculos — desapareceu gradualmente por completo. No entanto, consideramos a mendicância um valor tradicional a ser preservado, renovando-a e adaptando-a ao contexto sociocultural, buscando formas alternativas adequadas à condição de nosso ser menor, por exemplo, recorrendo a doações de indivíduos e instituições para garantir o mínimo necessário para nós mesmos e para os pobres. *Ibid.*, n. 27.

⁶⁴ Isso também ocorreu no século XIII, com o nascimento e o extraordinário desenvolvimento das Ordens Mendicantes: um modelo de grande renovação em uma nova era histórica. Elas foram assim chamadas devido à sua característica de "mendicância", isto é, de humilde dependência do apoio financeiro do povo para viver seu voto de pobreza e cumprir sua missão evangelizadora. Entre as Ordens Mendicantes que surgiram nesse período, as mais conhecidas e importantes são os Frades Menores e os Frades Pregadores, conhecidos como Franciscanos e Dominicanos. Eles levam seus nomes de seus fundadores, São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão, respectivamente. Esses dois grandes santos leram com inteligência "os sinais dos tempos", intuindo os desafios que a Igreja de seu tempo enfrentaria. BENEDETTO XVI, *Gli Ordini Mendicanti*. Udienza Generale: Mercoledì 13 gennaio 2010.



mendigando de porta em porta. O próprio Francisco, segundo as primeiras Constituições, estava disposto a mendigar para satisfazer as necessidades dos seus frades, seguindo o exemplo do nosso Seráfico Pai, que não se envergonhava de pedir publicamente carne para eles. Esta citação sugere que a prática da mendicância tinha outra intenção, provavelmente ligada à renúncia ao prestígio e à reputação pessoal, como sugere a referência à *vergonha*. Que era uma motivação para a prática da mendicância é esclarecido pelo seguinte texto extraído dos escritos do santo:

[...] E quando necessário, que vão mendigar. E que não se envergonhem, mas lembrem-se de que nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo (Jo 11, 27), todo-poderoso, tornou o seu rosto como uma rocha (Is 50,7), e não se envergonhou. E ele era pobre e estrangeiro e vivia de esmolas, ele, a Santíssima Virgem e seus discípulos. E quando as pessoas os insultarem e se recusarem a dar-lhes esmola, que agradeçam a Deus por isso; porque, por causa dos insultos, vocês receberão grande honra diante do tribunal de nosso Senhor Jesus Cristo.

99. A renúncia ao prestígio pessoal e ao bom nome também teria uma motivação cristológica e soteriológica. A conformação a Cristo não visaria apenas encarnar seu estilo de vida e pobreza radical, mas também buscava alcançar a plenitude da vida em Deus, que, como indicado no documento legislativo, seria mediada pela experiência do desprezo e das injúrias recebidas por meio da mendicância. As primeiras Constituições, além dessas motivações, estabelecem que a prática da mendicância visa prover aos pobres. Os primeiros Capuchinhos, como São Francisco, não apenas mendigavam para amparar seus irmãos, especialmente os doentes, mas também para aliviar as necessidades dos pobres e necessitados de seu tempo, como indicado nos seguintes parágrafos das primeiras Constituições:

[...] Para que as coletas dos frades não sejam ricas e delicadas, de nome, mas não de fato, ordena-se que, exceto para os doentes, não se peça carne, ovos, queijo, peixe ou outras iguarias inadequadas ao nosso estado de pobreza (mesmo durante o Carnaval). No entanto, se forem dadas sem pedido, podem ser aceitas, desde que não ofendam a pobreza.

[...] Para prover às necessidades dos pobres, ordena-se também que, em tempos de fome, os frades enviados para esse fim por seus prelados peçam esmola, seguindo o exemplo de nosso piedosíssimo pai, que tinha grande compaixão pelos necessitados. Portanto, se algo lhe fosse oferecido por amor a Deus, ele não aceitaria, a menos que pudesse dá-lo aos pobres, quando encontrasse alguém mais necessitado do que ele.

100. Para os primeiros Capuchinhos, a mendicância assumia, assim, o caráter de *mediação social*⁶⁵; isto é, a esmola era solicitada para que os recursos chegassem aos mais pobres e satisfizessem suas

⁶⁵ [...] Com o surgimento dos mendigos nas cidades, criou-se uma nova forma de pobreza, a pobreza fraterna, na qual os frades se tornavam intermediários entre ricos e pobres. As esmolas pedidas pelos mendigos não podiam ter como objetivo final a assistência aos pobres, mas também servir ao seu sustento e à construção de igrejas e conventos. Assim, os bens que os ricos antes doavam aos mosteiros de clausura para cumprir os preceitos da caridade e da penitência, agora passavam pelo filtro dos mendigos. HERNÁNDEZ, *A History*, 187.





necessidades. Essa crença também explicaria a proibição de manter provisões: “*Ordena-se, portanto, que em nossos lugares não se providencie nada, mesmo que seja necessário ao sustento humano, especialmente o que se possa mendigar diariamente, por mais de dois ou três dias, ou, no máximo, por uma semana, conforme as necessidades dos tempos e lugares, e que o que pudesse ser repartido com os pobres se guarde para si mesmo: dando aos pobres o que sobra, para a glória da pobreza.*” A mendicância como mediação social, promovida pelas primeiras Constituições, foi paradigmaticamente encarnada pelos santos Capuchinhos. De Santo Inácio de Laconi (1701-1781), diz-se que:

*[...] Visitava os pobres e confortava com bondade os aflitos; distribuía entre os necessitados as esmolas que recolhia, trazendo para o convento apenas uma parte da colheita, porque havia pedido aos seus superiores permissão para dar o que julgasse conveniente.*⁶⁶

101. O caso de Santo Inácio de Laconi representa um testemunho autêntico de como os primeiros capuchinhos compreenderam e viveram a dimensão mendicante de nossa identidade carismática. Os frades mendigavam quando a remuneração pelo trabalho manual era insuficiente para atender às necessidades básicas da fraternidade, especialmente as dos frades doentes. Eles mendigavam para alcançar maior autodomínio por meio da mortificação, para se conformarem a Cristo pobre e alcançarem a herança prometida, e para oferecerem um serviço de mediação social que facilitasse a solidariedade entre aqueles com recursos e aqueles que faltam do mínimo necessário para viver.⁶⁷ É neste espírito das primeiras Constituições que devemos encontrar os critérios para compreender o significado da *mendicância* e as motivações suficientes para concretizar as intenções daqueles legisladores que desejaram ardentemente viver como São Francisco e seus primeiros companheiros. Portanto, embora não apareça plenamente desenvolvido nas Constituições posteriores, somos chamados a recuperar seu significado e integrá-lo ao nosso estilo de vida cotidiana.

O ministério da misericórdia

102. A misericórdia é uma característica divina e se refere à maneira como Deus se relaciona benevolmente com toda a Sua criação. Ela sugere a compreensão, o cuidado e a ternura que o Senhor demonstra para com todas as suas criaturas, especialmente os seres humanos, principalmente quando estes não sabem retribuir o seu amor, se distanciam d’Ele em busca de falsos deuses ou são desviados por suas próprias inclinações. A misericórdia, como modo habitual de ser e se relacionar com os semelhantes, é adquirida quando a pessoa se esvazia, se despoja de sua limitada maneira de compreender a realidade e se deixa governar por Deus, adotando gradualmente o seu modo de

⁶⁶ DE SALVATIERRA, PRUDENCIO, *San Ignacio de Láconi*, in: *Las grandes figuras capuchinas* (Ed. Studium, Madrid, 1957): 105-122.

⁶⁷ [...] É importante reavivar os valores que fundamentam a mendicância: a confiança na Providência de Deus, o senso de dependência e reciprocidade entre nós e as pessoas. As pessoas nos dão para que possamos dar aos pobres; precisamos coletar esmolas para poder dar esmolas. VI CPO, 20.



contemplar todas as criaturas e de tratar os seres humanos. A misericórdia, portanto, está intimamente ligada à contemplação, como explicado na seção correspondente. É nesse contexto que se torna mais claro o que Francisco afirma em seu Testamento: *E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e eu usei de misericórdia para com eles.*

103. A misericórdia é uma iniciativa divina — *o Senhor me guiou* — e seus destinatários são aqueles que vivenciam a doença, a fragilidade, a marginalização ou qualquer forma de sofrimento humano. No caso de Francisco, os leprosos foram os primeiros destinatários de sua misericórdia, isto é, da misericórdia de Deus operada e tornada presente por Francisco. Este parece ser o fundamento teológico do ministério de misericórdia que tanto Francisco quanto seus frades exerceram em nome do Senhor. As primeiras Constituições estabelecem diretrizes precisas para compreender a atitude dos Capuchinhos em relação aos que sofrem e que são os destinatários da misericórdia que são chamados a demonstrar em seu ministério:

[...] Lembrem-se também de que nosso pai São Francisco disse que, se quisermos levantar alguém que caiu, devemos nos curvar [para ele] com misericórdia, como Cristo, nosso compassivo Salvador, fez quando a adúltera foi trazida a Ele; e não adotar uma justiça rígida e cruel contra os caídos. Pois Cristo, o Filho de Deus, desceu do céu para nos salvar e mostrou aos pecadores arrependidos toda a gentileza possível. Considerem também que, se Deus nos julgasse com justiça rígida, poucos ou ninguém se salvaria.

[...] E como é doce, justo e apropriado para aqueles que são desprovidos de amor na terra morrer por Aquele que morreu por nós na cruz, é ordenado que, em tempos de peste, os frades vão servir como seus vigários lhes indicarem. Em tal situação, esses frades devem se esforçar para manter abertos os olhos da caridade discreta.

104. A primeira coisa que notamos é a motivação cristológica para o exercício da misericórdia, *como Cristo fez, por amor àquele que morreu por nós*, e a motivação franciscana, *lembrando também que nosso Pai, confirma que a conformidade com Cristo e Francisco era o objetivo fundamental dos primeiros Capuchinhos*. Os destinatários do ministério da misericórdia, *os pecadores caídos, arrependidos e os atingidos pela peste*. A referência à adúltera remete à conhecida história do Evangelho de São João, e no texto das Constituições poderia se referir aos caídos ou aos pecadores arrependidos, talvez mais provavelmente a este último grupo. De qualquer forma, para melhor caracterizar os destinatários da misericórdia capuchinha, pode-se recorrer às figuras bíblicas da *adúltera* e do *homem caído* na rua, e aos *leprosos* que fizeram parte da jornada vocacional de Francisco.

105. O contexto da história da mulher adúltera refere-se a um pecado pessoal punível com a condenação da morte. A mulher apresentada a Jesus é publicamente identificada como pecadora, não condenada por Jesus nem submetida à morte, mas, em vez disso, convidada a não pecar mais. Dadas essas características, a adúltera poderia muito bem representar pecadores arrependidos no texto das Constituições, o que seria consistente com a exortação de Francisco a um ministro:



[...] *Se algum dos irmãos, instigado pelo inimigo, cometer um pecado mortal, é obrigado, por obediência, a recorrer ao seu guardião. E todos os irmãos que souberem que ele pecou não o envergonhem nem o caluniem, mas tenham grande compaixão dele e ocultem bem o pecado do seu irmão; pois não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes (Mt 9, 12).*

106. A referência nas Constituições a *alguém que caiu*, usando o *pronome indefinido*, poderia muito bem se referir a qualquer pessoa, em qualquer situação ou circunstância que implique vulnerabilidade ou fragilidade. O Evangelho segundo São Lucas, na conhecida parábola do Bom Samaritano, apresenta *um homem deixado meio morto* na estrada após ser atacado por ladrões. Esse personagem bíblico, também indeterminado, pois não são mencionadas características individuais, poderia representar o homem *caído* mencionado nas primeiras Constituições. O aspecto importante desse recurso literário, de outra forma questionável, são os atos de misericórdia realizados pelo samaritano para aliviar a situação do homem meio morto na estrada. A parábola descreve as ações realizadas pelo samaritano em favor do homem caído: ao vê-lo, teve compaixão, aproximou-se dele, enfaixou suas feridas, *colocou-o sobre sua própria cavalgadura, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele*. Todas essas ações, segundo Jesus, descrevem alguém que praticou misericórdia, isto é, alguém que se comportou como um próximo. O Samaritano, portanto, representa todo ser humano que age como *irmão* e demonstra *misericórdia* para com aqueles que caíram ao longo do caminho. Nessa perspectiva, o samaritano poderia representar todo Capuchinho, chamado a ser irmão de todos e a desenvolver o ministério da misericórdia, especialmente para com os mais necessitados, como recordado no número 85.1 das primeiras Constituições citadas acima.

107. *Além da mulher adúltera e do homem caído à beira do caminho, os leprosos* — aqueles acometidos por uma doença específica e que necessitam de cuidados especiais — estão entre os destinatários do ministério de misericórdia capuchinho. É sabido que os primeiros capuchinhos causaram uma impressão especial em seus contemporâneos com seu serviço aos doentes, especialmente aqueles atingidos pela peste. Visitar os doentes e cuidar dos atingidos pela peste eram um verdadeiro testemunho do ministério de misericórdia desenvolvido pelos fundadores da tradição capuchinha, em conformidade com Cristo e Francisco. As primeiras Constituições estabeleceram que, em certas circunstâncias, os serviços fúnebres poderiam ser oferecidos aos pobres, *abrindo o coração às vísceras da caridade*.

108. Os destinatários do ministério de misericórdia dos Capuchinhos poderiam, segundo o exposto, ser simbolizados pelas figuras da mulher adúltera, que representa a situação causada pelo pecado pessoal; do homem caído à beira do caminho, que representa os necessitados, os pobres e os marginalizados; e dos leprosos, aqueles que sofrem de doenças e enfermidades corporais. Uma vez identificados os destinatários do ministério de misericórdia, é oportuno indicar as atitudes dos capuchinhos ao exercê-lo: *curvar-se com piedade e não adotar uma justiça rígida e cruel*, segundo o documento legislativo mencionado. *Curvar-se com piedade* é uma imagem que remete ao texto do evangelista João citado acima, visto que nesta história Jesus se curva duas vezes, provavelmente para



se encontrar na mesma situação da mulher acusada prestes a ser apedrejada. O samaritano também se curva para socorrer o homem meio morto. Segundo essas imagens, *curvar-se significa colocar-se em uma situação semelhante à de uma pessoa que sofre* por causa de seu pecado pessoal, de sua situação social ou de sua doença. Compreender a situação dos caídos permite aos frades exercer o ministério da misericórdia em consonância com Cristo e Francisco. As primeiras Constituições referem-se tanto à compreensão que deve ser demonstrada para com os pecadores quanto à misericórdia que deve ser exercida para com eles:

[...] Quando se impõe a penitência, deve-se sempre ter a clara intenção de salvar, e não de destruir, a alma e a reputação do irmão pobre, cujos pecados ninguém deve escandalizar ou horrorizar, nem envergonhar ou evitar. De fato, devemos ter compaixão dele e amá-lo tanto mais quanto mais ele precisar, sabendo que, como disse o Pai São Francisco, cada um de nós pecaria muito mais se Deus não nos preservasse com a sua graça.

[...] Por outro lado, note-se que não punir aqueles que pecam é abrir a porta ao vício para os pecadores e convidá-los a erros semelhantes. Que eles imponham misericordiosamente a penitência apropriada, de acordo com a Regra. Portanto, para bem guardar esta propriedade do Senhor, ordenamos que em nossos negócios, especialmente na correção e punição de nossos irmãos, as sutilezas da lei e das normas jurídicas sejam desconsideradas.

109. De acordo com as citações anteriores, o ministério da misericórdia exige a capacidade de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo [*curvar-se diante deles*], *ter compaixão e amá-lo tanto mais quanto mais necessitado*, buscar a salvação de sua alma, salvaguardar o bom nome do irmão pobre e propor-lhe um caminho penitencial que lhe permita abandonar a situação de pecado e permanecer no propósito de conformidade com Cristo. As primeiras Constituições, sem especificar ou sistematizar esses elementos, recomendavam o recurso à confissão geral como mediação penitencial para preparar o seguimento radical de Cristo, especialmente para aqueles que buscavam entrar em obediência⁶⁸. Todas essas características teriam plasmado, no tempo, a maneira peculiar como os Capuchinhos exerciam o ministério da misericórdia por meio do sacramento da reconciliação.

110. Esse ministério de misericórdia encontrou exemplo na vida de muitos santos capuchinhos, especialmente aqueles que dedicaram grande parte de suas vidas ao ministério da reconciliação sacramental, como são Leopoldo Mandić e são Pio de Pietrelcina, para citar apenas dois dos mais conhecidos. De são Leopoldo, por exemplo, diz-se:

⁶⁸ [...] Segundo isso, "ser recebido em obediência" significa entrar no âmbito da escuta frontal, com a máxima atenção. Se essa explicação for válida, temos nela a concepção mais eloquente e profunda da vida religiosa segundo são Francisco. É como se dissesse que quem professa essa vida entra automaticamente em um ambiente teológico que coloca o irmão mais novo sob a exigência da escuta frontal da Palavra de Deus. URIBE, FERNANDO, *La Regola di san Francesco. Lettera e Spirito* (Editorial Espegas, Murcia, 2006), 112.



[...] Ele saía ao encontro dos penitentes; ouvia-os e compreendia as suas fraquezas, sem os sobrecarregar com culpa ou remorso; muitas vezes, quando os perdoava, eles ficavam gratos. Ao mesmo tempo, era muito generoso no seu perdão e absolvição. Para se justificar, mostrava aos penitentes o crucifixo: "É Ele quem perdoa, é Ele quem absolve." "Se Ele me censurasse por alguma coisa, eu responderia que foi Ele mesmo quem me deu o exemplo e que eu ainda não morri pela salvação das almas, como Ele verdadeiramente fez." "Se o Crucifixo me censurasse por ser generoso demais, eu responderia: Este doloroso exemplo, Senhor bendito, Vós me destes; ainda não cheguei à loucura de morrer pelas almas!"⁶⁹.

A pregação evangélica

111. O termo "pregação" deriva do verbo "*praedicare*", que se refere ao uso de palavras para dizer (*dicare*) em público ou anunciar abertamente determinado conteúdo. O adjetivo "evangélico" enfatiza que o que é dito ou anunciado está diretamente ligado ao Evangelho, isto é, à vida e aos ensinamentos de Jesus. Enquanto o ministério da misericórdia é uma forma de pregar por meio de gestos e ações, a pregação em si se refere ao uso de palavras para proclamar a mensagem de salvação, convidar à conversão e exortar as pessoas a viverem de acordo com o Evangelho. Para que essa palavra fosse qualificada, produzisse os frutos esperados e fosse uma pregação verdadeiramente evangélica, o capuchinho destinado a esse ministério precisava possuir certas características pessoais, ter Cristo impresso em sua vida e tê-Lo como única referência para a pregação evangélica, conforme estabelecido nas primeiras Constituições:

[...] Por isso, fica decretado que ninguém pode pregar sem que antes lhe tenha sido concedido este ofício, após ser examinado e aprovado pelo Capítulo Geral ou pelo Padre Vigário Geral, conforme exige a Regra. Este ofício não deve ser concedido a frades que não levem uma vida santa e exemplar, com um juízo maduro e claro e uma vontade forte e ardente, pois o conhecimento e a eloquência sem caridade não edificam, mas muitas vezes destroem.

[...] Os pregadores são, portanto, exortados a gravar em seus corações o Cristo bendito e a dar-Lhe posse pacífica de si mesmos, para que, por um transbordamento de amor, Ele possa falar não apenas com palavras, mas ainda mais com ações. Seguindo o exemplo de Paulo, o mestre dos gentios, que não ousava pregar nada aos outros sem que Cristo primeiro operasse nele.

⁶⁹ FERDINANDO DA RIESE PIO X, *San Leopoldo Mandic. Cerniera tra gli uomini e Dio*, in: AA.VV., "...il Signore mi diede dei fratelli...". Biografie di santi, beati e venerabili Cappuccini. Volume II.



[...] Quem não consegue ler Cristo, o livro da vida, não tem doutrina para pregar. Portanto, para estudá-Lo, os pregadores estão proibidos de carregar muitos livros, visto que N'Ele estão todas as coisas.

[...] Os pregadores devem ter melhor gravados em seus corações as normas e os métodos que devem seguir para tornar Cristo crucificado mais dignamente conhecido, para pregar o reino de Deus e para trabalhar fervorosamente pela conversão e salvação das almas. Portanto, ao insistir e inculcar, obrigamos e impomos que em sua pregação usem a Sagrada Escritura, especialmente o Novo Testamento e, sobretudo, o Santo Evangelho, para que, como pregadores evangélicos, possamos também evangelizar o povo.

112. A conformação a Cristo, sustentada por uma vida contemplativa que permite ao pregador experimentar uma profunda comunhão com o seu Senhor, é o cerne da pregação evangélica dos Capuchinhos. No entanto, os primeiros legisladores sabiam que a vida contemplativa precisava ser complementada por uma preparação acadêmica adequada, razão pela qual se referiam não apenas ao uso da Sagrada Escritura, mas também a outros tipos de estudos que complementassem a formação dos pregadores. Também alertavam para o perigo de leituras que pudessem afastar os frades do verdadeiro propósito da pregação evangélica. Eis o que as primeiras Constituições estabeleciam:

[...] Quem deseja pregar digna e ordenadamente, além de uma vida religiosa e digna, precisa de um certo conhecimento da Sagrada Escritura, que naturalmente não pode ser adquirido a não ser por meio de estudos apropriados. E para que um exercício tão nobre e fecundo como a pregação em nossa Congregação não decaia em grande prejuízo das pobres almas dos fiéis, ordena-se que se empreendam certos estudos devotos e santos, cheios de caridade e humildade, tanto de gramática positiva como da Sagrada Escritura. Aqueles frades que, a juízo do vigário provincial e dos definidores, sejam de caridade fervorosa, de costumes louváveis e de vida humilde e santa, e, além disso, sejam tão idôneos ao saber que mais tarde, por sua vida e doutrina, possam ser úteis e proveitosos na casa do Senhor, podem ser promovidos a esses estudos.

[...] Como já foi dito, não leveis muitos livros convosco, para que possais ler com mais assiduidade o excelentíssimo livro da cruz. Não escondais dos gentios em nossos lugares livros inúteis, pois eles mais facilmente tornam alguém pagão do que cristão.

113. O equilíbrio entre vida contemplativa e preparação acadêmica, apoiado por uma verdadeira experiência das demais características da identidade carismática, garantiu que a pregação evangélica dos capuchinhos fosse verdadeiramente eficaz, atingisse seu propósito evangelizador e evitasse cair em extremos que pudessem causar escândalo ou provocar reações contra os pregadores. A conhecida expressão "*pregação à capuchinha*" refere-se, segundo estudiosos, à negligência do equilíbrio entre vida contemplativa e preparação acadêmica adequada, e à ênfase exagerada em palavras e gestos destinados a mobilizar as emoções das pessoas para fins penitenciais, em detrimento de uma



verdadeira formação cristã dos destinatários⁷⁰. O equilíbrio entre a vida contemplativa e a preparação adequada para a pregação foi demonstrado pelos santos capuchinhos, especialmente aqueles que se dedicaram a esse ministério. De São Lourenço de Brindisi, por exemplo, diz-se:

[...] Quando São Lourenço de Brindisi pregava numa cidade, era um dia de entusiasmo e celebração. Os agricultores deixavam seus bois e arados; os estudantes, suas aulas; as crianças, suas brincadeiras e brincadeiras; os doentes, seus leitos. Aquela figura austera e venerável era imponente: alta e robusta, com uma voz ressonante e poderosa, uma barba espessa que os anos gradualmente embranqueceram. Mas o que mais atraía as pessoas ao seu púlpito era aquela unção, aquele fervor com que as palavras saíam de seus lábios. É impossível formar uma ideia aproximada da eficácia de suas palavras inflamadas se nos contentarmos em ler os sermões que nos foram deixados por sua pena. Devemos recorrer ao prestígio de suas virtudes e ao fogo de sua alma; devemos lembrar seus incontáveis e ressonantes milagres⁷¹.

114. A natureza missionária das primeiras Constituições refere-se à pregação evangélica dirigida aos incrédulos com o objetivo de convertê-los à verdadeira fé cristã. O documento legislativo reflete a inspiração franciscana para a missão, expressa em ambas as regras, referindo-se à *inspiração divina*, à *idoneidade dos candidatos* e à generosidade dos ministros em libertar aqueles considerados aptos para a missão. Quando as primeiras Constituições se referem aos incrédulos, classificam-nos como pacíficos ou agressivos, descrevendo as crenças destes últimos com a expressão "*seita maldita*". É importante ter em mente que o documento pode refletir o conhecimento cultural da época e os preconceitos religiosos vigentes, reproduzindo o que era a herança comum daquele momento histórico:

[...] A conversão dos infiéis era algo muito caro ao nosso Seráfico Pai. Portanto, para a glória de Deus e para a salvação deles, é ordenado, segundo a Regra, que se alguns frades perfeitos, inflamados pelo amor a Cristo bendito e pelo zelo pela sua fé católica, desejarem, por inspiração divina, ir pregá-la entre eles, recorram aos seus vigários provinciais ou ao Padre Vigário Geral. Tendo sido por eles julgados idôneos, procedam, com a sua permissão e bênção, a tão árdua tarefa. Mas os súditos não se considerem presunçosamente idôneos em tão difícil e perigosa questão; antes, com todo o temor e humildade, deixem o seu desejo ao julgamento dos seus prelados. Será possível, no entanto, distinguir entre os infiéis que são bastante pacíficos, dóceis e dispostos a aceitar prontamente a fé cristã, como os recentemente descobertos pelos Espanhóis e Portugueses nas Índias, e os Turcos e Hagarenos, que apoiam e defendem sua seita maldita apenas com armas e tormento. Os prelados não devem considerar o pequeno número de irmãos, nem se entristecer com a partida dos bons; mas, lançando todas as suas preocupações e ansiedades sobre Aquele que continuamente cuida de nós, que ajam em todas as coisas como o Espírito divino dita e os dirijam com caridade, que não causa dano.

⁷⁰ [...] Fica claro, portanto, que a pregação dos Capuchinhos buscava, em última análise, alimentar as emoções do público e não sua compreensão, a fim de criar um clima coletivo de penitência. *Ibid.*, 462.

⁷¹ DE SALVATIERRA, PRUDENCIO, *San Lorenzo de Brindis*, en: *Las grandes figuras capuchinas* (Madrid: Ed. Studium, 1957), 65-87.



115. Essa maneira de se referir aos infiéis está um tanto em desacordo com os objetivos do ministério de misericórdia e da pregação evangélica dos capuchinhos. No entanto, não obscurece a riqueza evangélica e franciscana que sustenta o documento legislativo. É importante enfatizar duas outras características que os pregadores devem levar em conta: o respeito pelas pessoas no exercício da pregação: seu discurso deve ser equilibrado e casto, e não deve mencionar nenhuma pessoa específica, porque, como diz o glorioso São Jerônimo, falar em termos gerais não ofende ninguém; eles devem certamente repreender os vícios, mas honrar na criatura a imagem de seu Criador; e a natureza gratuita da pregação evangélica: *Portanto, recomenda-se que não se peça esmola ao pregar, nem para si mesmo nem para os irmãos, para que, segundo a doutrina apostólica, todos vejam que não se busca o próprio bem, mas o de Jesus Cristo.* Nem o estudo nem a preparação para a pregação evangélica devem extinguir o espírito de oração e devoção dos irmãos, por isso as primeiras Constituições recomendam uma breve oração antes do estudo:

[...] Senhor, este teu servo vilíssimo, indigno de qualquer bem, deseja entrar e contemplar os teus tesouros. Que te dignas apresentá-lo, indigno, e incutir-lhe, com estas palavras e santas lições, o desejo de te amar tanto quanto te conhece, pois não desejo conhecer-te senão para te amar, Senhor Deus meu Criador. Amém.

116. A pregação evangélica dos Capuchinhos era um verdadeiro testemunho de sua conformidade com Cristo e Francisco, bem como uma autêntica exposição dos traços distintivos de sua identidade carismática, não apenas em palavras, mas também em suas vestimentas, atitudes, comportamentos, gestos e símbolos. A presença dos Capuchinhos era em si mesma um anúncio, uma mensagem e uma pregação⁷². A eficácia da sua pregação era apoiada pela coerência de um estilo de vida que testemunhava o Evangelho e a espiritualidade franciscana, ao mesmo tempo que desafiava os modelos culturais estabelecidos e provocava uma reação em quem os via, os ouvia e com eles entrava em contato⁷³. A sua pregação não se referia apenas a uma parte da vida capuchinha, mas à totalidade dessa vida.

⁷² [...] E a figura do frade rudemente vestido, remendado, descalço, com a cabeça raspada e a barba desgrenhada, muito em consonância com a moda da época, tornou-se um clássico. Essa figura do Capuchinho foi acolhida com simpatia, não apenas pelo povo, mas talvez ainda mais pela alta sociedade. Era também uma pregação silenciosa e de grande afeição, seja do púlpito, nas ruas ou nos palácios, como escreveu São Francisco de Sales. IRIARTE, LAZÁRO, *Fisionomia ...*, 284.

⁷³ [...] Tudo naqueles pregadores contribuía para a eficácia profética de sua mensagem: sua presença austera e mortificada, seu caráter humilde e humilde, seu tom corajoso e sincero, sua total imparcialidade, independentemente da classe social, seu fervor que às vezes se transformava em emoção avassaladora que abalava a alma, e aquele estilo eminentemente popular que até os oradores mais eruditos da nova reforma conseguiam assimilar. A tudo isso devemos o sucesso da pregação capuchinha. *Ibid.*, 289.



A pluriformidade

117. A pluriformidade é um conceito que remonta à Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II. Refere-se ao caráter universal do Povo de Deus e ao reconhecimento da diversidade de culturas, povos, raças e indivíduos que o compõem. Em última análise, é uma noção que reconhece a diversidade do Povo de Deus e promove a sua unidade, ou seja, a verdadeira comunhão entre as partes e o todo⁷⁴. A Constituição dogmática utiliza o termo "diversidade", não o termo "pluriformidade", como aparece em Constituições mais recentes. Disso se deduz que o conceito de "pluriformidade" teria o mesmo significado que a palavra "diversidade". A pluriformidade capuchinha, portanto, se referiria à comunhão evangélica entre as partes, as Circunscrições, e o todo, a Ordem, concebida como uma família universal⁷⁵.

118. A imagem do corpo humano, usada por São Paulo para representar a Igreja, expressa simbolicamente o significado do termo "pluriformidade". *O corpo humano, apesar de ter muitos membros, é um só; isto é, todos os membros do corpo, apesar de sua pluralidade, formam um único corpo. Assim também acontece com Cristo.* A unidade do corpo é enfatizada, ao mesmo tempo em que se reconhece sua pluralidade. Em outras palavras, a pluralidade não é um obstáculo para garantir a unidade do corpo, uma vez que cada parte contribui para o equilíbrio do todo. Também é verdade, seguindo São Paulo, que a situação específica de uma parte tem um efeito, favorável ou desfavorável, sobre o todo. Este parece ser o significado do termo "pluriformidade" encontrado nas últimas Constituições e em alguns Concílios Plenários da Ordem. A pluriformidade capuchinha, segundo as últimas Constituições, é reconhecida como uma *característica* do nosso estilo de vida, como um *critério* de discernimento e como uma *garantia* de comunhão, responsabilidade e cooperação entre o governo central da Ordem e as Circunscrições.

119. O critério da pluriformidade pressupõe o reconhecimento da diversidade cultural presente em nossa fraternidade universal. Essa diversidade cultural representa, ao mesmo tempo, oportunidades, necessidades, riscos e desafios, visto que cada cultura tende a preservar suas próprias características em contato com outra forma de vida que não nasceu em sua própria terra. Nessa perspectiva, o desafio da *pluriformidade* reside não tanto na unidade jurídica e administrativa, que é necessária em si mesma, mas na comunhão e fidelidade à nossa identidade carismática. Reconhecer, amar, acolher, respeitar, valorizar e encarnar as características fundamentais de nossa identidade carismática, desde o religioso individual até a totalidade de todos os membros de cada circunscrição, facilitaria os processos de comunhão, cooperação e responsabilidade em toda a Ordem e também garantiria a unidade jurídica e administrativa de nossa fraternidade universal. De acordo com o exposto, existem

⁷⁴ [...] Em virtude dessa catolicidade, cada parte [...] contribui com seus próprios dons às outras partes e à toda Igreja, de modo que o todo e cada parte cresçam por meio de tudo o que está em comunicação e tendam à plenitude na unidade. Disto se segue que o Povo de Deus não apenas reúne pessoas de diferentes nações, mas também é composto por diferentes ordens. *Lumen gentium*, 13.

⁷⁵ Cf. ARA, SATURNINO, *El patrimonio espiritual de los Hermanos Menores Capuchinos. Las Constituciones. Capítulo I: Ley fundamental*. Estudios Franciscanos, 98, nn. 418-419 (1997): 274.



dois níveis de compreensão da pluriformidade capuchinha: o carismático e o administrativo. Sem unidade carismática, a unidade administrativa seria difícil, senão impossível.

120. A identidade carismática, portanto, seria comparada à alma, expandindo a imagem usada por São Paulo, que garante a unidade e a comunhão de todo o *corpo*. Se surgir uma dificuldade com a identidade carismática, seja por ser desconhecida, esquecida, distorcida, trivializada ou subordinada aos códigos culturais de cada região, todo o corpo da Ordem se enfraquece, se divide e perde sua vitalidade. Nessa perspectiva, o significado fundamental da pluriformidade capuchinha se referiria *a cada uma das partes* que compõem a totalidade de nossa identidade carismática. Da nossa *conformidade com Cristo e Francisco*, pilares do nosso modo de vida, *à penitência, à vida eremítica, ao sacrifício, à austeridade, à minoridade, à fraternidade, à mendicância, ao trabalho manual, ao ministério da misericórdia e à pregação evangélica*, às origens do nome que nos identifica na Igreja e no mundo, todas essas características são inalienáveis e inegociáveis em nossa identidade carismática e constituem os elementos fundamentais que conferem coerência, credibilidade e beleza a todo o nosso modo de vida. A ignorância, a negação, a negligência ou a supressão de qualquer um desses elementos distorce nossa identidade carismática no seu complexo.

121. As primeiras Constituições contêm todas *as partes* que constituem *a totalidade* da nossa identidade carismática. Certamente não os apresentam de forma sistemática, nem são explicados de forma clara e precisa; no entanto, como procuramos demonstrar, estão dispersos por todo o documento legislativo. Esta tentativa de sistematização visa demonstrar a coerência, a vitalidade e a interdependência de todos os componentes que constituem a totalidade da nossa identidade carismática. Nenhum componente pode, por si só, definir a totalidade da identidade capuchinha, visto que são interdependentes e constituem uma unidade na qual cada um tem uma função específica e fundamental para a coerência dos outros. Qualquer distorção ou desarticulação dos componentes prejudica a unidade e compromete a vitalidade do todo. As primeiras Constituições, sem utilizar o termo "*pluriformidade*" ou referir-se explicitamente à imagem paulina do corpo e das suas partes, afirmam a importância de observar tudo o que está prescrito no documento legislativo como garantia de fidelidade à inspiração franciscana, envolvendo todos os frades presentes e futuros. A expressão "*santa uniformidade*", segundo o contexto das primeiras Constituições, poderia referir-se mais à *unidade* do estilo de vida proposto no documento legislativo do que à *igualdade* das formas de vivê-lo:

[...] Porque as presentes Constituições foram redigidas com grande diligência e madura deliberação, e aprovadas por todo o nosso Capítulo Geral e também pela Sé Apostólica, não serão modificadas sem o consentimento do primeiro. Da mesma forma, exortamos todos os nossos padres e irmãos, presentes e futuros, a não as modificarem nem mesmo nos Capítulos Gerais, porque, como vimos pela experiência, as frequentes mudanças nos estatutos têm causado grande prejuízo à religião. Não se devem elaborar Constituições Provinciais, mas sim, quando surgirem casos particulares, devem ser tomadas providências e organizadas nas tabelas dos Capítulos Gerais, e as atuais devem permanecer em vigor. Segundo elas, a nossa Congregação deve viver e governar-se com santa uniformidade.





[...] Observando estas coisas, portanto, contemplemos o nosso Redentor, para que, tendo conhecido o seu divino beneplácito, nos esforcemos por agradá-lo: nem negligenciando as presentes Constituições (o que seria um pecado grave), nem deixando de as pôr em prática por amor a Ele. As Constituições, quando observadas, nos ajudarão a cumprir não somente a plena observância da regra prometida, mas também da lei divina e dos conselhos evangélicos.

122. O termo *proprium* deriva do adjetivo latino *prope*, que sugere a ideia de algo próximo ou conectado a si mesmo, indicando um pertencimento exclusivo, um atributo intrínseco ou uma propriedade essencial que diferencia, por exemplo, uma pessoa de outra. O *proprium* Capuchinho refere-se àquelas qualidades ou características que pertencem e são específicas à nossa identidade carismática, aqueles traços distintivos que nos diferenciam dentro da família franciscana, da vida religiosa e da Igreja. O *proprium* Capuchinho refere-se à totalidade das características que constituem nossa identidade carismática; portanto, não pode ser identificado com nenhuma delas em particular, muito menos excluído. Dizer *proprium Capuchinho* é outra maneira de se referir à identidade carismática, reforçando a ideia de um todo (identidade carismática) articulado por suas partes (traços distintivos).

O *proprium* Capuchinho como fundamento da *cultura capuchinha*

123. A palavra cultura tem origem na experiência humana de contato com a terra fértil, intervindo nela com trabalho manual e beneficiando-se de seus produtos. O verbo "*colere*", do qual deriva o termo "*cultura*", refere-se precisamente a trabalhar (*cultivar*) a terra, cuidar das plantas e produzir produtos agrícolas. Cultura é a ação humana sobre a terra e, ao mesmo tempo, um produto dessa mesma ação. Em um sentido mais amplo, cultura refere-se à intervenção de um grupo humano em um determinado contexto natural e à transformação desse contexto de acordo com suas necessidades e propósitos, criando estruturas que regulam a coexistência entre os indivíduos, coordenam atividades, domesticam animais para alimentação e transporte, fornecem os artefatos necessários à vida, garantem a segurança, regulam a distribuição de recursos, organizam processos de aprendizagem e preservam costumes que são transmitidos de geração em geração⁷⁶. A cultura é, em definitivo, um produto da interação humana com a terra, das relações interpessoais estabelecidas com outros seres humanos, conhecidos e desconhecidos, da busca por significado e conexão com o transcendente⁷⁷.

⁷⁶ [...] A cultura é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Cfr. TYLOR, EDWARD, *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art and Custom* (John Murray, Londra, 1871).

⁷⁷ [...] A cultura é o esforço humano para assumir o controle da nossa realidade, entendendo e transformando o mundo por meio do conhecimento e da criatividade. ORTEGA Y GASSET, JOSÉ, *La ribellione delle masse* (Revista de Occidente, Madrid, 1930).



124. A diferenciação entre culturas pode ser explicada pela presença e ocupação de vários grupos humanos em diferentes nichos ecológicos. Condições geográficas, climáticas e agrícolas, a proximidade ou distância de rios e mares, as condições do solo e a abundância ou escassez de recursos naturais, combinados com a capacidade organizacional, imaginativa e criativa de cada grupo humano: todos esses fatores contribuem para o surgimento de *distintas culturas humanas*.⁷⁸ A cultura é uma criação humana e, ao mesmo tempo, constitui o contexto em que cada ser humano é, por assim dizer, criado. A cultura, como atividade humana criativa, não é inteiramente fechada, nem atingiu sua forma definitiva; portanto, está grávida de novas configurações culturais e aberta a novas possibilidades criativas.

125. Neste contexto de abertura e possibilidade que cada cultura representa, a missão evangelizadora da Igreja assume significado. Evangelizar a cultura, segundo a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, significa imbuir cada cultura com a novidade do Evangelho, reconhecendo as condições culturais que favorecem a evangelização e preservando a autonomia da mensagem evangélica. Evangelizar, portanto, significa dialogar com todas as culturas e enriquecê-las com a mensagem evangélica de Jesus, seguindo a dinâmica do *fermento que leveda a massa*. A evangelização que a Igreja promove não visa à negação ou à aniquilação das culturas; pelo contrário, busca contribuir para a maturidade e a realização de cada ser humano que faz parte de uma determinada cultura, segundo o plano salvífico de Deus revelado na vida e no ministério de Jesus.

126. A cultura capuchinha não se refere a um grupo cultural específico, nem se identifica com um contexto geográfico específico, nem está vinculada a um Estado ou nação. A cultura capuchinha é um modo de vida específico, caracterizado por um conjunto de características definidoras e uma maneira específica de compreender a realidade e interagir com o mundo⁷⁹. Certamente, originou-se em um contexto cultural específico que ajudou a moldar seus traços distintivos; no entanto, graças à força renovadora que representou, transcendeu as limitações culturais de suas origens e fecundou outras culturas, povos e nações, tornando-se uma mediação fecunda para a difusão da semente do Evangelho e da espiritualidade franciscana. A cultura capuchinha, como expressão histórica de uma identidade carismática, serviu para *propagar a fé*, estabelecer a Igreja e evangelizar culturas. Promoveu o diálogo intercultural e serviu como fermento na massa.

127. A cultura capuchinha pode ser definida como a historicização de um carisma. A palavra carisma refere-se a uma graça, um dom recebido gratuitamente, que pressupõe uma relação entre benfeitor e

⁷⁸ [...] As culturas são sistemas de significado simbólico que emergem quando grupos humanos interpretam suas experiências e organizam suas ações coletivas. A origem das diferentes culturas reside na diversidade de maneiras pelas quais os humanos tentaram dar sentido ao mundo ao seu redor, adaptando-se a condições ambientais, históricas e sociais únicas. GEERTZ, CLIFFORD (1973), *The Interpretation of Culture*, in: Selected Essays (Basic Books, New York:1973), 45.

⁷⁹ A Ordem dos Capuchinhos é uma ordem popular; nasceu com essa característica e será aceita e eficaz em sua obra evangelizadora se permanecer como o povo a viu ao longo dos séculos. Daí o dever de viver próximo das classes populares; daí o compromisso com um estilo de vida que, em termos de pobreza, não está distante do delas; daí a exclusão consistente de compromissos contrários à austeridade e simplicidade tradicionais de vida, mesmo no que diz respeito à aparência externa dos Capuchinhos. *Discurso do Santo Padre Paulo VI aos participantes do Capítulo Geral dos Frades Menores Capuchinhos*. 12 luglio 1976



beneficiário. Carisma, da perspectiva cristã, é uma graça dada por Deus e aceita pelos seres humanos, uma graça inerentemente imponderável, isto é, nem quantificável nem mensurável. A graça é historicizada quando uma pessoa toma consciência do dom recebido, o aceita humildemente e o torna visível em sua vida. O carisma, portanto, implica uma verdadeira transformação da pessoa que recebe o dom; é por isso que frequentemente falamos de pessoas carismáticas. Segundo a tradição capuchinha, o P. Matteo de Bascio foi o primeiro destinatário do carisma dado por Deus à família franciscana⁸⁰. Esse carisma continuou a crescer entre os irmãos de Fossombrone, assumindo uma forma mais precisa nas primeiras Constituições, graças ao trabalho do Padre Bernardino d'Asti e dos frades que redigiram colegialmente o documento legislativo. Consolidou-se na vida de muitos frades Capuchinhos que, desde então, viveram fielmente nossa identidade carismática, especialmente nossos santos, beatos, veneráveis e servos de Deus.

128. Carisma e cultura capuchinhos são duas faces da mesma moeda. Falar de cultura capuchinha significa referir-se ao carisma Capuchinho, e vice-versa. Tanto o carisma quanto a cultura capuchinhos seriam abstrações se não estivessem encarnados em indivíduos concretos, com biografias específicas e pertencentes a diferentes culturas. Nem a biografia nem o pertencimento a uma cultura específica poderiam ser obstáculos à encarnação da cultura capuchinha, uma vez que, como afirmado, ela não se identifica com um grupo cultural nem pertence a uma nação específica. A cultura capuchinha, como *historicização* de um carisma específico, pressupõe, como explicado, que cada pessoa chamada por Deus a este modo de vida incorpore — isto é, incorpore — em sua própria vida as características fundamentais de nossa identidade carismática. Sem esse processo de encarnação carismática, a cultura capuchinha se distorce, se dilui e perde seu poder transformador.

129. O apóstolo Pedro usa uma imagem para representar essa dinâmica relacional entre pessoa e instituição. Ele exorta cada crente a ser uma *pedra viva* que faz parte de um edifício espiritual. Sem pedras vivas, isto é, sem pessoas concretas, é impossível construir um edifício espiritual, uma referência clara à Igreja e, no nosso caso, à cultura capuchinha. Nem a Igreja nem a cultura capuchinha se identificam com uma grande basílica ou um modesto convento, porque são realidades espirituais, isto é, imateriais. A historicização ou materialização das realidades espirituais requer, no entanto, mediações visíveis, audíveis e palpáveis, mediações que sejam o veículo para historicizar o carisma, sem contê-lo ou esgotá-lo em sua realidade mais profunda. Se as mediações são necessárias para tornar o carisma visível, não podemos perder de vista que o mediador primário é o ser humano: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*. Assim como pudemos *ver o Pai em Jesus*, também devemos contemplar no Capuchinho as características de sua identidade carismática e sua correspondente expressão cultural.

⁸⁰ [...] Em 1523, o novo general, Francisco Quiñones, tentou apaziguar os zelosos frades espanhóis estabelecendo cinco ou mais casas de retiro em cada província para uma observância mais pura da Regra. Enquanto isso, nas Marcas italianas, centro de uma forte tradição mística e rigorista, o descontentamento crescia diariamente. Foi um frade das Marcas quem primeiro rompeu com as fileiras: o carismático pregador itinerante, frei Mateo de Bascio. RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad...*, 202.



130. O *proprium Capuchinho* deve ser entendido como a síntese das características historicizadas do carisma capuchinho, os traços fundamentais da cultura capuchinha que cada irmão é chamado a encarnar e tornar visível. Se cada Capuchinho encarna os traços distintivos da nossa identidade carismática, tornando-os seus e identificando-se com eles, o carisma Capuchinho permanece vivo e ativo. A cultura capuchinha ganha visibilidade e apelo quando cada pedra viva, isto é, cada Capuchinho, se esforça por viver o dom recebido na fraternidade e encarná-lo em atitudes concretas. Embora a cultura capuchinha deva ser tornada visível em cada irmão, ela requer a força de uma vida compartilhada para ser vigorosa o suficiente para transformar as realidades culturais nos lugares onde os irmãos vivem e trabalham. Essa vida compartilhada em *fraternidade*, por sua vez, se expressa em maneiras específicas de estabelecer relações interpessoais, celebrar a fé, habitar lugares, compartilhar refeições e outras expressões visíveis, audíveis e tangíveis que testemunham e revelam a nossa identidade carismática aos outros. Sem uma personificação pessoal do *proprium Capuchinho* e uma vida compartilhada em fraternidade que historicamente manifeste nossa identidade carismática, seria difícil sustentar a possibilidade de uma cultura capuchinha. A *Ratio Formationis Ordinis*, referente à cultura capuchinha, apresenta uma lista de características que correspondem à historicização do *proprium capuchinho*:

[...] Memória, tradição, história, transmissão, símbolos, sonhos e promessas constituem a alma e a linguagem da cultura capuchinha. Compartilhamos uma visão de mundo expressa por meio de elementos materiais, modos de relacionamento e aspectos simbólicos que nos distinguem e nos ajudam a manter viva nossa identidade: o desejo de retornar a São Francisco, a simplicidade e a pobreza, a maneira como compartilhamos o que temos e o uso comunitário dos bens, a gestão da autoridade e do poder, a maneira como vivemos e agimos entre as pessoas, a sobriedade da liturgia, nosso hábito e vestimenta simples, a localização e o minimalismo de nossos edifícios, a simplicidade de nossos veículos, uma relação saudável com a mídia e as novas tecnologias, etc. Nossos santos Capuchinhos são a melhor expressão de nossa identidade. Um dos desafios cada vez mais urgentes é desenvolver uma maior sensibilidade aos modelos de santidade cultural.

131. Todas essas características testemunham nossa identidade carismática e historicizam o *proprium Capuchinho*. Apesar da importância dessas mediações como expressão do nosso carisma, é preciso ter em mente que a essência da cultura capuchinha não se limita a essas mediações, que, entre outras coisas, podem assumir diferentes formas dependendo do contexto cultural em que os frades estão presentes. De fato, o *proprium Capuchinho* foi moldado por características que remontam a um contexto histórico específico, assumindo formas concretas ligadas aos costumes, condicionamentos sociais, crenças religiosas e outras características de uma determinada cultura. Embora o condicionamento cultural tenha influenciado a configuração do *proprium Capuchinho*, ele não se identifica necessariamente com as práticas culturais que serviram de mediações para sua historicização. Em outras palavras, o *proprium Capuchinho* transcende as mediações culturais que permitiram sua materialização. O crucial, portanto, é compreender o espírito — isto é, a intenção e o propósito — dos primeiros Capuchinhos quando empregaram certas mediações culturais para plasmar a nossa identidade carismática.



132. Quando a intenção de um estilo de vida é identificada com suas formas iniciais de expressão culturalmente mediadas, há o risco de identificar essas práticas culturais específicas com a própria essência do carisma⁸¹. O *proprium Capuchinho* capta e sintetiza a intenção dos primeiros Capuchinhos, o que queriam viver e o que consideravam fundamental para se conformarem a Cristo e a Francisco: ou seja, o *carisma Capuchinho*. Identificar os elementos essenciais do carisma capuchinho e compreender sua intenção fundamental é essencial para encontrar novas maneiras de tornar nosso estilo de vida visível e remodelá-lo em cada momento histórico. O que é transmitido às novas gerações não são necessariamente as formas culturalmente condicionadas pelas quais nossa identidade carismática se materializou, mas sim a intenção subjacente a essas formas: ou seja, o *proprium Capuchinho*. Este é o núcleo fundamental do nosso estilo de vida, que devemos preservar, valorizar, respeitar, renovar e transmitir às futuras gerações de Capuchinhos⁸². A tradição capuchinha permanece viva enquanto soubermos preservar este tesouro que os primeiros Capuchinhos, por sua vez, nos deixaram.

133. Precisamos *retornar* constantemente às fontes que deram origem à tradição capuchinha, compreender a intenção dos primeiros Capuchinhos e encontrar maneiras de encarnar a mesma identidade carismática por meio das mediações culturais que cada momento histórico nos oferece. O *proprium Capuchinho* exige métodos renovados de historicização e novas formas de expressão cultural, tarefas que só podemos realizar se compreendermos o espírito que o subjaz, acreditarmos em sua vitalidade evangélica e estivermos convictos desse modo de vida. Cabe a cada irmão, sempre em comunhão com sua fraternidade local, retornar à fonte de nossa identidade capuchinha e buscar, com a ajuda dos irmãos, como viver nosso modo de vida no presente histórico.

134. O primeiro espaço chamado a tornar a cultura capuchinha visível é a *fraternidade local*. Embora cada irmão seja chamado a encarnar o *proprium Capuchinho* em sua própria vida, este adquire maior visibilidade e poder de atração quando vivido dentro de uma fraternidade local específica. É no contexto de uma fraternidade local que a cultura capuchinha pode se materializar, tomando forma por meio de maneiras específicas de se relacionar com Deus, com os irmãos e com a criação; por meio de maneiras de habitar um lugar e administrar recursos; por meio de escolhas de vida imbuídas do Evangelho e da espiritualidade franciscana; pela proximidade com as pessoas comuns e pela abertura a todo tipo de situação social; por meio de uma maneira sóbria e profunda de celebrar a fé; por meio de estratégias de serviço pastoral; e por meio de muitos outros aspectos que fazem parte do nosso

⁸¹ [...] A influência italiana, muito marcante em sua aparência interna, desempenhou um papel importante no estilo das comunidades que se espalharam pela Espanha. No entanto, aos poucos, como aconteceu nas províncias transalpinas, o caráter nacional começou a se consolidar, gerando muitos conflitos que emergiriam durante as visitas dos Ministros Gerais, determinados a expor a falta de moderação em tudo o que pudesse entrar em conflito com o modo de vida italiano. Até mesmo a severidade empregada por São Lourenço de Brindisi durante sua viagem aos conventos da Espanha pode ser amplamente explicada por essa concepção cismontana. IRIARTE, LAZÁRO, *Fisionomia...*, 268

⁸² [...] A transmissão dos elementos essenciais e comuns de uma cultura para outra exige a compreensão tanto da cultura local quanto da cultura capuchinha. Transmitimos apenas o que amamos e vivemos bem. Nem todos os valores são compreendidos igualmente em todas as culturas; portanto, para garantir a transmissão do carisma e o sentimento de pertencimento à mesma Ordem, nossas formas de estar presentes têm como ponto de partida e horizonte a vida fraterna evangélica. *Ratio Formationis Ordinis*, Appendice I, 16.



estilo de vida. Cada fraternidade local, seguindo a imagem usada pelo apóstolo Pedro, é uma pedra viva que, por sua vez, faz parte de um edifício maior chamado Circunscrição.

135. Como uma célula viva, cada fraternidade local é parte fundamental de um organismo maior, a *Circunscrição*, chamada a se tornar um palco mais amplo onde a cultura capuchinha possa ser visibilizada. Para atingir esse objetivo, o *proprium Capuchinho* fornece os elementos indispensáveis para articular todos os processos formativos, pastorais, sociais, educacionais, missionários e administrativos de uma *Circunscrição*. Todos esses processos vitais devem estar imbuídos das características do *proprium Capuchinho* para que a cultura capuchinha possa se tornar uma realidade histórica significativa. Uma dinâmica semelhante se estabelece entre *Circunscrições e Conferências*, e entre estas e a Ordem. Toda a nossa família religiosa, com sua complexa estrutura global, regional e local, deve estar imbuída do próprio capuchinho para garantir a fidelidade ao nosso modo de vida e tornar visível, em todos os lugares, a cultura capuchinha que nos identifica.

136. Tornar-se palco da cultura capuchinha permitirá que cada Circunscrição e fraternidade local cumpra a tarefa de evangelização que nos foi confiada pela Igreja e participe de um diálogo intercultural frutífero, baseado em nosso compromisso evangélico e franciscano. Para que essa tarefa seja possível, é necessário, em primeiro lugar, tornar a cultura capuchinha visível por meio de um estilo de vida coerente com nosso carisma e, em segundo lugar, compreender as culturas circundantes, incluindo seus riscos e oportunidades. Para que o diálogo intercultural seja frutífero, também é necessário estarmos convictos de nossa pertença à cultura capuchinha. Dessa forma, evitamos ser imbuídos e absorvidos pelas características das culturas circundantes, o que poderia gerar confusão e nos levar à deslealdade ou ao abandono de nossa identidade carismática. Além disso, é necessário identificar claramente os propósitos das culturas que nos cercam e a proposta antropológica que elas encarnam, promovem e materializam.

137. O encontro com culturas nos permite reconhecer a beleza, a relevância e a atualidade do nosso carisma Capuchinho, encorajando-nos a oferecer um testemunho sobre como acolher a vida humana segundo a proposta evangélica de Jesus, acolhida e vivida por Francisco e pela tradição capuchinha. Trata-se, portanto, de propor uma alternativa antropológica aos modelos promovidos e, em alguns casos, impostos pela cultura dominante, uma alternativa que ignore o individualismo, a superficialidade, o imediatismo, a frivolidade, a indiferença, o vazio, a solidão, a distração e tantas outras características que identificam a era hipermoderna⁸³, um nome pelo qual alguns estudiosos definem o momento histórico e cultural atual. A presença do Capuchinho, que encarna os traços da cultura capuchinha, que se esforça para resistir, com a ajuda de seus irmãos, aos ataques da cultura

⁸³ [...] Na era hipermoderna, a vida individual é caracterizada pela instabilidade, sujeita à mudança perpétua, à efemeridade e ao nomadismo. Pesadas imposições coletivas deram lugar ao self-service generalizado e à volatilidade de relacionamentos e compromissos. Essa é a dinâmica social da hipermodernidade, instaurando o reinado de um individualismo errante e desenfreado. LIPOVESTSKY, GILLES, *De la Ligereza* (Editorial Anagrama, Barcellona, 1985), 6. [...] A sociedade hipermoderna é dominada pela categoria temporal do presente. Consumo, publicidade, informação, moda, lazer: tendo como pano de fundo o esgotamento das grandes doutrinas futuristas, toda a vida cotidiana é agora remodelada pelas normas do aqui e agora e da instantaneidade. LIPOVESTSKY, GILLES E SERROY, JEAN, *La Pantalla global. Cultura mediática y cine en la era hipermoderna* (Editorial Anagrama, Barcellona, 2009), 163.





dominante e que, com seu estilo de vida, propõe uma outra maneira de abraçar a existência humana, é, na verdade, um grão de mostarda crescendo no campo da interculturalidade e uma pequena porção de fermento que fermenta a massa.⁸⁴

Conclusões

138. *O que devemos fazer para realizar as obras de Deus? Jesus respondeu-lhes: A obra de Deus é crer naquele que ele enviou.* A primeira e principal tarefa de todo capuchinho é conformar-se a Cristo, isto é, viver como Ele viveu. Se seguir a Cristo não é a pedra angular sobre a qual o Capuchinho constrói sua casa, toda a estrutura carece de coerência e beleza. A esta pedra angular, ainda segundo as Constituições de 1536, deve ser acrescentado outro fundamento igualmente importante para estruturar a vida de um Capuchinho: a conformidade com Francisco. Estes são os dois fundamentos que sustentam e dão substância à nossa identidade carismática, sem os quais seria difícil compreender quem somos e qual é a nossa missão na Igreja e no mundo. Todo Capuchinho, portanto, deve manter o olhar fixo em Jesus e em Francisco, deixando-se permear por eles, pelo seu modo de ser e de viver. Fora deles, não há outra referência ou modelo que possa dar coerência ao nosso estilo de vida.

139. A espinha dorsal das Constituições de 1536 é a conformidade com Cristo e Francisco. Todas as suas exortações e instruções têm um único propósito: que o Capuchinho reproduza Cristo e Francisco em sua vida. Esta é a única e primordial tarefa de todos os capuchinhos. Esquecer ou ignorar este *propositum vitae* significaria renunciar à nossa identidade carismática e abrir as portas das nossas fraternidades a estilos de vida alheios e, muitas vezes, contrários ao Evangelho e à espiritualidade franciscana.

140. As Constituições de 1536 oferecem os elementos essenciais de um projeto de vida voltado para a conformidade com Cristo e Francisco. As características desse *projeto de vida*, espalhadas por todo o documento legislativo, podem ser resumidas em traços específicos que definem nossa identidade carismática: *penitência, vida eremítica, abnegação, minoridade, austeridade, fraternidade, trabalho manual, mendicância, ministério da misericórdia, pregação evangélica e pluriformidade*. Todas essas características constituem nossa identidade carismática ou *proprium Capuchinho*, dando-lhe consistência e garantindo sua unidade. Negligenciar, negar ou excluir qualquer uma dessas características significaria distorcer todo o nosso modo de vida.

141. A fidelidade à nossa identidade carismática exige que cada capuchinho *conheça* o significado dessas características e compreenda a intenção que as encarna. O conhecimento e a *compreensão* do

⁸⁴ [...] Este estilo de vida fraterno representa tanto um desafio quanto uma proposta no mundo de hoje, frequentemente "dilacerado pelo ódio étnico ou pela loucura assassina", dilacerado por paixões e interesses conflitantes, ansiando pela unidade, mas indeciso "sobre os caminhos a seguir". Viver a fraternidade como autênticos discípulos de Jesus pode ser uma "bênção" singular para a Igreja e uma "terapia espiritual" para a humanidade. De fato, a fraternidade evangélica, "como modelo e fermento da vida social, convida as pessoas a cultivarem relações fraternas entre si e a unirem forças para o desenvolvimento e a libertação da pessoa integral, bem como para um autêntico progresso social". GIOVANNI PAOLO II. *Mensagem do Santo Padre João Paulo II aos Frades Menores da Itália*. Vaticano, 22 ottobre 2003.



espírito que as anima nos permitirá encontrar maneiras criativas, adequadas às condições do nosso momento histórico, de incorporá-las e vivê-las. Não se trata, portanto, de reproduzir as *formas culturais* que facilitaram a expressão histórica do carisma capuchinho; trata-se, antes, de atualizar a inspiração carismática das nossas origens através das formas culturais disponíveis onde quer que estejamos presentes.

142. A renovação cultural da inspiração carismática original exigirá necessariamente um estilo de vida visível. Essa visibilidade carismática constitui, precisamente, o que a *Ratio Formationis Ordinis* chamou de *cultura capuchinha*. Nossa identidade carismática deve se expressar culturalmente, assumindo *formas concretas* que permitam que ela seja reconhecida e valorizada por sua vitalidade evangélica e franciscana, ao mesmo tempo em que oferece à Igreja e ao mundo uma proposta antropológica que constitua uma verdadeira alternativa aos modelos antropológicos da cultura dominante. Portanto, é necessária uma dupla tarefa: compreender e encarnar os traços característicos da cultura capuchinha e identificar as características e demandas da cultura dominante. Sem esses pré-requisitos, seria muito difícil estabelecer um diálogo intercultural frutífero e testemunhar nossa identidade carismática.

143. A fraternidade local deve ser o primeiro lugar onde nossa identidade carismática se torna visível. Para que isso seja possível, é necessário, em primeiro lugar, que cada irmão *retorne* constantemente à fonte de nossa identidade carismática para *recordar* quem somos, em que consiste nosso estilo de vida e como podemos viver o que livremente aceitamos. Em segundo lugar, cada irmão deve encontrar, com seus irmãos, maneiras de atualizar e tornar visível a inspiração carismática original. Este trabalho foi preparado precisamente para nos *recordar* quem somos e as características que definem nossa identidade carismática.

144. Este material oferece elementos para recordar quem somos e aprender a viver como faziam os primeiros Capuchinhos. No contexto da formação inicial e permanente, pode servir e *rever* o nosso modo de ser Capuchinhos hoje, o nosso modo de viver o Evangelho e a espiritualidade franciscana, o nosso estilo de oração, o nosso modo de trabalhar e o nosso modo de nos relacionarmos com os nossos irmãos e com os outros. Pode também motivar os irmãos a viverem fielmente o nosso carisma e a encontrarem formas de encarnar e tornar visível, em fraternidade, a nossa cultura capuchinha. Por fim, pode servir como antídoto para neutralizar os efeitos do esquecimento e da ignorância, verdadeiros perigos que circulam na nossa fraternidade universal e enfraquecem a vitalidade do nosso modo de vida.

145. Um agradecimento especial a todos os irmãos da nossa Ordem que, em seu tempo, promoveram o estudo das fontes da nossa espiritualidade, em particular as Constituições de 1536, e que contribuíram significativamente para o desenvolvimento desta obra. Eles compreenderam a importância de *retornar* continuamente às nossas origens para *recordar*, isto é, para recolocar em nossos corações, os fundamentos da nossa identidade carismática. Cada vez que retornamos às origens da nossa tradição capuchinha, *recordamos e aprendemos*, enfraquecendo assim o esquecimento e a ignorância que distorcem e aviltam a beleza do nosso carisma.





146. Agradecemos ao Onipotente e Sumo Bem pelo *carisma* que Ele concedeu à família franciscana e que tornou possível o início da *tradição capuchinha*. Elevamos uma oração de gratidão ao Senhor por todos os irmãos que acolheram este carisma e o tornaram visível em sua própria vida, tornando possível a *cultura capuchinha*. Confiamos aos santos e beatos Capuchinhos para que, como eles, sintamos o profundo desejo de nos conformar a Cristo e a Francisco e nos empenhemos em encarnar todas as características de nossa *identidade carismática*. Oremos ao Senhor Deus, pela intercessão de Maria, Mãe do Bom Pastor, para que possamos ser testemunhas críveis da beleza do nosso estilo de vida e, juntos, reavivar a chama do nosso carisma.





Bibliografía

1. ARA, SATURNINO, *El patrimonio espiritual de los Hermanos Menores Capuchinos. Las Constituciones. Capítulo I: Ley fundamental*, en: *Estudios Franciscanos*, 98, nn. 418-419 (1997).
2. BENEDICTO XVI, *Las Ordenes Mendicantes*. Audiencia General: miércoles 13 de enero de 2010.
3. CARGNONI, COSTANZO, CATALANO, FILIPPO E SANTARELLI, GIUSEPPE, *Le prime costituzioni dei frati minori Cappuccini. Roma-S. Eufemia. In lingua moderna con note storiche ed edizione critica* (L'Italia Francescana, Roma, 1982).
4. CHIAPETTI, DARIO, *San Francesco stigmatizzato. L'innovazione materno-sacerdotale delle creature* (Edizioni Biblioteca Francescana, Milano, 2024).
5. CIURANA, JOSÉ-VICENTE, Nota sobre los orígenes de la reforma capuchina y las Constituciones de Albacina, en: *Selecciones de Franciscanismo* 20, v. 7 (1978).
6. COROMINAS, JOAN, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (Editorial Gredos, Madrid, 1997).
7. COROMINAS, JOAN, *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana* (Editorial Gredos, Madrid, 2008).
8. **DA RIESE PÍO X, FERNANDO**, *San Leopoldo Mandic. Bisagra entre los hombres y Dios*, en: AA.VV., "... el Señor me dio hermanos...". *Biografías de santos, beatos y venerables capuchinos*. Tomo II. (Conferencia Ibérica de Capuchinos, Sevilla)
9. DE FILIPPIS, CARMINE ANTONIO, *L'orazione mentale cappuccina* (Edizione Cappuccine, Roma, 2023).
10. DE SALVATIERRA, PRUDENCIO, *San Ignacio de Láconi*, en: *Las grandes figuras capuchinas* (Ed. Studium, Madrid, 1957).
11. **DE SALVATIERRA, PRUDENCIO**, *San Lorenzo de Brindis*, en: *Las grandes figuras capuchinas* (Ed. Studium, Madrid, 1957).
12. DE VILLAPADIERNA, ISIDORO, *La tendencia eremítica en los primeros capuchinos de España*, en: *Estudios de Franciscanismo*, Vol. 79, N. 362-363 (1978).
13. ELIZALDE, MARTÍN, *Los Dichos de los Padres. Colección alfabética de los Apotegmas I y II* (Ediciones Paulinas, Sevilla, 1986).
14. ELIZONDO, FIDEL, *Cristo y San Francisco en las Constituciones capuchinas de 1536*, en: *Laurentianum* 24 (1983).
15. ELIZONDO, FIDEL, *Estructura y lenguaje de las Constituciones capuchinas de 1536*, en: *Laurentianum* 24 (1983).
16. ELIZONDO, FIDEL, *Las Constituciones Capuchinas de 1536. Textos, fuentes, lugares paralelos*, en: *Estudios Franciscanos* 83, n. 373 (1982).
17. ELIZONDO, FIDEL, *Los primeros capuchinos y la observancia de la regla franciscana*, en: *Estudios de Franciscanismo* 80, n. 363 (1979).
18. FREGONA, ANTONIO, *I frati Cappuccini nel primo secolo di vita (1536-1619). Approccio critico alle fonti storiche, giuridiche e letterarie più importante* (Edizione Messaggero Padova, 2006).



19. FONTI FRANCESCANE. *Nuova Edizione* (Editrice Francescane, Padova, 2004).
20. GEERTZ, CLIFFORD (1973), *The Interpretation of Cultures*, en: *Selected Essays* (Basic Books, New York 1973).
21. GNIECKI, CZESLAW, *Visione dell'uomo negli scritti di Francesco d'Assisi* (Edizioni Antonianum, Roma, 1987).
22. IRIARTE, LÁZARO, *Fisonomía espiritual de los capuchinos. Rasgos fundamentales de su espiritualidad*, en: *Estudios de Franciscanismo* 79, nn. 362-363 (1978).
23. LIPOVESTKY, GILLES - SERROY, JEAN, *La Pantalla global. Cultura mediática y cine en la era hipermoderna* (Editorial Anagrama, Barcelona, 2009).
24. LIPOVESTSKY, GILLES, *De la ligereza* (Editorial Anagrama, Barcelona. 1985).
25. ORTEGA Y GASSET, JOSÉ, *La rebelión de las masas* (Revista de Occidente, Madrid, 1930).
26. PIÑERO, ANTONIO, *San Pablo: El hombre y su obra* (Herder, Barcelona, 2015).
27. POLLIANI, FRANCESCO, *Le Nuove Costituzioni dei Frati Minori Cappuccini. Analisi e Comento* (Edizioni Biblioteca Francescana, Milano, 2016).
28. RODRÍGUEZ GARCÍA, JESÚS-LUCAS, *Identidad capuchina a partir de los documentos y testimonios del primer siglo (1525-1650)*, en: *Estudios Franciscanos* 94, nn. 406-407 (1993).
29. SOTELO, ANEL, *Una historia de barbas y capuchas. La desconstrucción de la figura de san Francisco por los frailes capuchinos. Siglos XVII-XVII*. Instituto colombiano de antropología e historia (2017).
30. TYLOR, EDWARD, *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art and Custom* (John Murray, London, 1871).
31. URIBE, FERNANDO, *La Regla de san Francisco. Letra y espíritu* (Editorial Espegas, Murcia, 2006).
32. WOLFF, HANS WALTER, *Antropología del Antiguo Testamento* (Ediciones Sígueme, Salamanca, 2001).

